

**HOMO
BARROSANVS
Contos da Terra Fria**

Manuel Francisco Ramos

**PORTO - FLUP
2020**



HOMO BARROSANVS

Contos da Terra Fria

Manuel Francisco Ramos

PORTO - FLUP

2020

FICHA TÉCNICA

<i>Título</i>	<i>HOMO BARROSANVS: Contos da Terra Fria</i>
<i>Autor</i>	Manuel Francisco Ramos
<i>Editor</i>	Universidade do Porto. Faculdade de Letras
<i>Local de Publicação</i>	Porto
<i>Data de publicação</i>	Junho de 2020
<i>Edição</i>	1. ^a edição
<i>Execução gráfica</i>	Manuel Francisco Ramos e Gráfica Diário do Minho
<i>Impressão</i>	Gráfica Diário do Minho Rua de São Brás, 1 - Gualtar, 4710-073 BRAGA
<i>Depósito Legal N.º</i>	472216/20
<i>ISBN</i>	978-989-8969-45-3
<i>DOI</i>	https://doi.org/10.21747/978-989-8969-45-3/hom
<i>URL</i>	https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1704&sum=sim
<i>Divulgação</i>	Esta obra em acesso livre pode ser consultada no repositório <i>on-line</i> da biblioteca da Faculdade e Letras da Universidade do Porto
<i>Tiragem</i>	150 exemplares
<i>Imagens</i>	Do arquivo pessoal do autor
<i>Copyright</i>	Todos os direitos reservados a Manuel Francisco Ramos e Faculdade de Letras da Universidade do Porto

AUTOR

Manuel Francisco Ramos, professor auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, área de Estudos Clássicos. Doutor em Literaturas Clássicas. Docente das unidades curriculares de Latim, Literatura Latina, Métodos e Técnicas de Pesquisa e supervisor na formação de Professores de Português. Membro da U&I Instituto de Filosofia e colaborador do CITCEM – FLUP. Tem na edição de textos latinos medievais e na retórica clássica e medieval as principais áreas de interesse e é aí que está a maioria das suas publicações.

AGRADECIMENTOS

Dr. João Emanuel Cabral Leite e FLUP

Para o Marco Marcelo, leitor dedicado.

ÍNDICE GERAL

Índice geral	5
Palavras iniciais	6
Preâmbulo	8
I. Tio Lapadas	11
II. A noite mais longa do ano	15
III. Os irmãos Silvestre	27
IV. Teatro na aldeia	34
V. O pastor Vacaelo, o senhor dos animais	39
VI. Vida ao ritmo das estações	43
VII. Mudança de vida para melhor	50
VIII. Tia Branca, a regalada	59
IX. Na rua do Calvário. Passos dolorosos	66
X. Tio Lavradas: queda no precipício	85
XI. Romaria à Senhora da Vila de Abril. Promessas para cumprir	91
XII. As duas vidas de tio Cacho	102
XIII. Fazer-se homem em Barroso	108
XIV. Tia Lameira: a oposição entre cidade e campo	118
XV. A <i>sancta rusticitas</i> de tio Frieira e tia Celeste Ovelha	123
XVI. Tio Malhão: preparação para a morte	132
XVII. A aldeia: lugar ideal para morrer	137
Glossário	148

Palavras iniciais

Nos anos noventa demos à luz na imprensa local, principalmente em O Povo de Barroso – nessa altura não imaginávamos que anos depois viríamos a ser, por poucos anos, o seu diretor -, um conjunto de textos, ora crónica, ora conto, mais crónica do que conto, que não passaram despercebidos a quem lia. Tinham por título maior “Homo Barrosanus”, termo que passou logo a ser usado localmente, tanto para caracterizar a identidade das pessoas que habitaram a região no passado, como para qualificar as que a habitam no presente, mas são de idade avançada.

Um ou outro leitor do nosso círculo de amigos, mais arrojado, aconselhou-nos a ir mais longe e a não deixar confinado à precariedade da imprensa escrita esses textos graciosos, mas antes a confiá-los ao prelo. E nós, animados pelos conselhos destes e de outros amigos e reconhecendo, de facto, o valor literário de alguns deles e o proveito que da publicação poderia advir para a identidade barrosã, pusemos mãos à obra. Não o fizemos, porém, sem antes aperfeiçoar uns, refundir outros e introduzir novos contos que viriam a robustecer a compilação, pois sabemos a seriedade e o cuidado que merece o texto que é entregue para publicação. Desse esforço de inovação, refundição e aperfeiçoamento, surgiu a coletânea de contos de autor que agora vem à luz do dia.

Fixámo-nos essencialmente na riqueza e genuinidade do universo antropológico, sem discriminação de género (pois não quisemos subvalorizar a parte feminina desta identidade, quantas vezes a melhor) e sem descurar o meio em que essas pessoas maravilhosas se

moveram ou se movem, as actividades campestres que executam e a forma como agem ou pensam.

Ao tomarmos como referente as gentes simples, humildes e rudes das aldeias de Barroso, pelas quais nutrimos grande consideração, respeito e estima – é também aí que estão as nossas raízes – quisemos, por um lado, arrancar delas interesse humano e literário, numa altura em que, exalando o último suspiro, assistimos à desagregação da identidade cultural Barrosã; por outro, quisemos dignificar e revelar o nosso amor pela sociedade rural e campestre Barrosã, que não é mais do que o «amor pelos povos minúsculos, as repúblicas em miniatura e os que vivem isolados do planeta» de que fala Ferreira de Castro¹, a admiração pelo Portugal sofrido e pelo mundo rural em extinção de que fala Miguel Torga e que tanto o amargurava e a afeição pelo planalto Barrosão de que falava Bento da Cruz, que comparou a um «Paraíso, o único ou um dos poucos que ainda existem à face da terra.»

O que sobrevive da cultura rural, verdadeiramente diminuída – pois é inegável a desagregação e claudicação do mundo rural e a precária sobrevivência da aldeia – e o que dela foi preservado emerge nos dias de hoje como fator de identidade e serve de contraponto ao impacto da globalização e à degradação do ambiente citadino. Daí a procura da cultura regional, daí o anseio pelo retorno à região, daí a voz da serra emergir como fator de identidade, daí a sensibilidade telúrica que não deixa de ser sedutora para os habitantes da cidade, daí a razão deste livro, com o qual queremos transpor a região para o imaginário literário.

Estes contos, repletos de etnografia e do modo de ser das gentes aldeãs, são também uma singela homenagem às gentes simples, rudes e sofridas de Barroso, e esperamos que aos estimados leitores dê tanto prazer ao lê-los como a nós deu ao escrevê-los.

¹ Ferreira de Castro - *Terra Fria*. Lisboa: Guimarães Editores, 13.^a edição, 1990, p. 13.

Preâmbulo

HOMO BARROSANVS é um tipo de homem, verdadeiramente diferente e peculiar, outrora disperso por toda a região de Trás-os-Montes, mas hoje confinado a locais concretos, como seja a terra fria, montanhosa e isolada de Barroso (que compreende os concelhos de Montalegre e de Boticas) e já só restrito a certas idades. De facto, ainda que o espírito do Homo Barrosanus possa sobreviver em qualquer pessoa apegada às suas origens rurais, é nas pessoas mais velhas que ele sobrevive plenamente.

Este homem genuíno, nos seus géneros masculino e feminino, é o que povoa os romances de Bento da Cruz, de personagens picarescas, sofridas e também limitadas, porque circunscritas à estreiteza do espaço rural da aldeia; é o que povoa o romanceiro popular de Barroso da Fonte, repleto de lirismo, e a etnografia de A. Lourenço Fontes.

É um homem ancestral, como que tirado de um retábulo antigo, rústico e de granito, como que talhado na rocha, rijo como carvalhos e capaz de tolerar com facilidade as dificuldades do meio e os rigores do clima. É um homem laborioso, com mãos e braços feitos para duros esforços e para arrancar à terra, com árduo labor, o pão quotidiano.

É um homem de virtudes antigas: a virtude da abnegação, austeridade e vida frugal que lhe permitem sobreviver com muito pouco; a virtude do valor do trabalho, do esforço pessoal e da poupança, lembrado de que «Não há bem que sempre dure, nem mal que não acabe»; a virtude da honra pela palavra dada, a qual «vale mais do que mil escrituras»; o gosto pela tradição do oral e por falar

por provérbios, pela religiosidade e medicina populares, pelas superstições, festas, cantares, rezas e resposos.

É um homem conservador e apegado à tradição agrícola e rural da terra – ele defende o primado da lavoura – e bem inserido no espaço da aldeia (agora despovoada, associada à velhice e lugar ideal para morrer, mas outrora superpovoada e associada à infância), seu lugar natural e ao qual mantém forte identidade, mas indiferente ao mundo em acelerada mudança e irreconciliável com a moderna sociedade industrial e tecnológica. Se a aldeia é para ele vida, a cidade, pelo contrário, qual Babilónia, é olhada de soslaio e vista como lugar de degradação; por ela nutre muitas reservas e desconfianças.

É um homem próximo da natureza agreste e bela e da ruralidade da aldeia: o silêncio que incomoda, só perturbada de vez em quando pelo rugido dos elementos, pelo toque das trindades, pelo ornear do gado ou pelo tilintar das suas campainhas ou chocalhos; o correr das águas, tranquilo e com serenidade bucólica, nos regos e cachoeiras.

Não há nada que mais enfeitice o seu olhar do que o verde dos lameiros, os batatais em flor, a messe ondulante na primavera, o encanto das águas que limam os lameiros e a colorida manta que, à medida que é tecida, é enrolada no “órgo” do tear.

Todavia, este homem realmente diferente, que veio do passado e que sobrevive precariamente no espaço das nossas aldeias isoladas, está agora em vias de extinção pelo colapso da sua identidade sócio-cultural. Com o fim da era da lavoura, à qual ele uniu irremediavelmente o seu destino, suplantada pela era da máquina e da internet, também a sua era chega ao fim. Impermeável à civilização e não sendo capaz de se adaptar a novos ambientes, parece ter ficado encurralado no seu mundo rural e tradicional e, desta forma, apressado a sua extinção. A aldeia despovoada, descaracterizada e de casas esbarrondadas, parecendo que passou por ela a guerra ou que foi tocada pela peste, sugere que o seu tempo chegou ao fim.

E agora vemos os velhos pais cansados e amargurados, como personagem de um drama, passivos e impotentes, pois as forças faltam, por os prédios ficarem incultos e por crescer monte nos antigos campos agricultados. E agora assistimos à ansiedade dos velhos pais por não conseguirem arranjar um sucessor para a casa de lavoura, pois não há nenhum filho que aceite a profissão deles e que dê continuidade à casa. É algo que lhes dói mais do que a penúria por que passaram na infância, em que o pouco alimento tinha de ser repartido por muitas bocas; e quando recordam com amargura esses tempos passados, referem sempre que a infância dos seus pais e avós ainda tinha sido mais sofrida e penosa.

Porto & Travassos do Rio, março de 2020

MANUEL RAMOS

I. TIO LAPADAS

Em pleno verão, quando o milho da terra do Vale de Uz estava crescido e a maçaroca bem desenvolvida começara a amadurecer, as aves daninhas, organizadas em bando, tinham na terra de tio Lapadas mesa farta. Empoleiradas nas maçarocas, debicavam com veemência as barbas do milho, o ponto mais vulnerável da espiga, e perfuravam a blindagem até atingirem o grão nutritivo com o qual se fartavam.

Tio Lapadas costumava correr à pedrada a passarada que lhe ameaçava a colheita. No caminho de acesso à terra, numa ladeira onde as chuvas do inverno haviam levado encosta abaixo a terra preta e deixado a descoberto as pedras soltas, preveniu-se enchendo os bolsos. Escolheu os seixos desprovidos de terra e que, agarrados, lhe enchiam a palma da mão. Na margem da terra arremessou com vigor a primeira lapada na direção do bando que em grande algazarra competia pelas melhores espigas, entretanto postas a descoberto, «Zás!», e com a primeira lapada ia também a primeira imprecação:

– Ah malditos dos Infernos!

A passarada atrevida já não esperava pela segunda pedrada: ausentava-se por instantes e regressava mais tarde em bando maior.

Aquele comportamento invulgar de tio Lapadas dava nas vistas à vizinhança que nas cercanias arrancava batatas, e àqueles que na companhia do seu gado subiam o vale e, de cima, tinham sobre a terra uma vista panorâmica. Não demoraram muito a pôr-lhe, por esse facto, a alcunha de ‘tio Lapadas’.

Quando se sentiu ofendido com a nomeada, passou a afugentar a passarinhada com o ruído estridente de um caldeiro metálico que percutia com um estadulho. Era um velho caldeiro que durante muitos anos servira para cozer a lavadura dos porcos e aquecer a água às vacas paridas e que agora, gasto e roto, ele dispensara para aquela utilidade, em vez de deixar abandonado na margem de algum caminho ou de deitar na lixeira da aldeia.

Avançando por entre o milheiral, de caldeiro ao alto numa mão e de estadulho na outra, percutia com violência o velho caldeiro que perdia sonoridade à medida que ganhava amolgadelas. «Truz, truz, truz». E de novo as imprecações:

– Ah raça excomungada que nem o diabo a atura!

Quando a passarada já não receava o barulho que provinha do caldeiro – o estrépito passou a ser música para os seus ouvidos – mas ele temia que a vizinhança lhe pusesse uma nova alcunha, recorreu a um novo processo que – achava ele – o havia de salvaguardar das bocas do povo: fez um espantalho.

Certo dia de manhã, a caminho do Vale de Uz, subiu as ruas da aldeia, desceu a viela da Apedrada e atravessou o lugar da Pena Lebreira. Numa mão levava uma garrafa de vinho que mergulhou na água fria do rego da poça; na outra mão segurava, carregada ao ombro como se transporta a sachola, uma comprida estaca que viria a servir de esqueleto do espantalho e à qual pregou uma ripa a fazer de braços abertos. Parecia que carregava aos ombros uma cruz.

Nas curvas das terras de Campo Tinhoso, por entre as veredas do caminho, encontrou a tia Curraleja com um molho de canas de milho à cabeça:

– Ó ti Lapadas, p’ra onde vai com essa cruz às costas?

– Maldita passarada, raça endemoninhada, que me come o milho todo! Pode ser que tenham algum respeito por esta “cruz”.

– Têm, têm – replicou tia Curraleja. – Vão ter tanto respeito quanto tiveram pelo caldeiro que todos os dias fazia soar no Vale!

Tia Senhorinha, sua mulher, levava numa mão um feixe de palha; na outra segurava uma cesta que continha baraços e roupa do homem velha. Prolongou a vida à roupa de tio Lapadas enquanto pôde, remendando-a e passajando-a, mas agora já não havia mais onde pôr um remendo. Todavia, tal como o velho caldeiro da lavadura, não a deitou fora, mas reciclou-a: as peças melhores foram cortadas em tiras para delas fazer no tear uma farrapeira; outras foram destinadas às tornas dos lameiros, com as quais a água que limava o lameiro era mais estanque do que torrões; o casaco, o chapéu de palha e as calças com uma grande cuada e joelheiras foram reservados para o espantalho.

Esforçaram-se para que o manequim fosse o mais antropomórfico possível para cumprir bem a função de espantar. Começaram por revestir o esqueleto com palha, a qual era fixada por ação de um

cordel aplicado em espiral. Para que a palha quebradiça se adaptasse melhor à moldagem do corpo e se tornasse flexível, molharam-na e, com ela a fazer de carne e de músculos, dotaram o manequim de corpo e membros consistentes. O casaco abotoado e as calças compridas, vestidos por tia Senhorinha como quem veste uma criança, encobriam as poucas imperfeições que a palha pouco flexível provocara na moldagem do corpo do manequim.

Os remendos na indumentária do espantalho ficam mal nas pessoas, mas nele ficavam na perfeição. Um saco de trapos fazia de cabeça e, a fazer de face, colocaram uma velha máscara de carnaval feita de casca de vido e com as feições do rosto pintadas a carvão. No final, a arrematar a sua obra, assentaram o chapéu.

Era parecido com tio Lapadas; a sombra, porém, que dele provinha e que a radiação do sol de agosto fazia espessa, imitava-o na perfeição.

Por fim, elevou o espantalho no ar e, com força, espetou-o no centro da terra, numa clareira onde o milho não tinha nascido. «Tru». A base da estaca em bico penetrou na terra mole que a água da rega amaciara e fixou-se à terra. Tio Lapadas quis comprovar a sua rigidez e abanou-o. O espantalho permaneceu inflexível.

– Agora espero que cumpra bem a função prà qual foi feito.

– Espero bem que sim – respondeu a mulher. – Esta maldita bichice come-nos o milho todo.

Nesse instante, fugiram, assustados, os últimos pássaros que ainda permaneciam na terra. Mas por quanto tempo?

Quando tio Lapadas, ao regar, se detinha imóvel a ver a água ser absorvida pela terra sequiosa, fertilizando-a, os vizinhos tinham dificuldade em distinguir o espantalho e o seu dono. Umhas vezes parecia-lhes haver duas pessoas na terra, outras vezes parecia-lhes haver dois espantalhos.

Passou a comadre, abeirou-se do muro e gritou ao compadre, ali perto:

– Salve-o Deus!

– Salve-a Nosso Senhor! – respondeu tio Lapadas no fundo da terra.

Passou o tio Ruca, abeirou-se do muro e, vendo o vizinho lá no fundo, tão concentrado no seu trabalho, bradou-lhe com força, estendendo a garrafa de vinho:

– É servido, homem?

– Obrigado, ti Ruca. Assim lhe fará se for servido – respondeu-lhe o espantalho ali perto.

Na manhã do dia seguinte, tio Lapadas saiu de novo para a terra do Vale de Uz. Foi uma manhã pouco produtiva: limitou-se a arrancar algumas ervas, às quais espanava a terra e deixava com a raiz a definhar ao sol, e a arrancar o proeminente morrão que contaminava alguns milheiros e os fazia definhar. Pouco mais fez do que espantar a passarada, que já se estava a habituar à sua e à presença do espantalho.



II. A NOITE MAIS LONGA DO ANO

No outono, quando os trabalhos agrícolas diminuían de intensidade e as noites se tornavam maiores do que os dias, o espírito folgazão dos lavradores, aliviado da dureza dos trabalhos, ficava disponível para a descontração e o prazer dos serões.

De todas as casas da aldeia, a de tio Curral, localizada no centro da povoação e de porta ao nível da rua sempre escancarada, como que a convidar os transeuntes a entrarem, era a que congregava mais visitantes.

Não era preciso bater à porta. Bastava entrar, atravessar um corredor de soalho de carvalho irregular, que chiava à passagem, e entrar na ampla e típica cozinha, compartimento principal da casa barrosa e onde decorria toda a vida social e familiar. O corredor tinha, de um lado, uma vetusta parede enegrecida pelo fumo de uma fumarenta cozinha que, não tendo outro sítio para se evolar, por ali se esgueirava; do outro lado, tinha uma barra onde era armazenada a lenha que ia alimentar a fogueira da lareira sempre acesa, canas de milho por esfolhar e, suspensos dos tirantes, cabos de cebolas e compridas espigas de milho.

Se ao que entrava não era preciso bater à porta, era pelo menos necessário, mesmo ao homem de estatura média, baixar a cabeça para não dar uma cabeçada nas padieiras das portas exterior e interior. Efetivamente, aquela casa antiga tinha as padieiras rebaixadas, não porque estivesse eivada de erros de construção, mas porque aquele pé de porta, para o tempo em que foi construída, num tempo de gente de baixa estatura, era suficiente. A prova de que, desde esses tempos imemoriais, a estatura dos aldeões cresceu era ali evidente, naquelas padieiras rebaixadas onde marravam os mais incautos.

Depois da ceia, começavam a chegar os vizinhos do costume, interessados em consumir ali algum tempo das longas noites de inverno. Sentavam-se à volta do lar em dois escanos de carvalho ou mesoucos e virados para o lume, onde a comprida lenha de carvalho,

passando por baixo de um dos escanos, ardia sem cessar. No alto, assentes em dois tirantes, estendiam-se os lareiros do fumeiro repletos de chouriças; do alto, presa numa trave, descia a cremalheira onde os negros potes eram suspensos; e ao lado do lume, na parroqueira, era recolhida a cinza dos últimos dias que oportunamente iria fertilizar a horta.

Aí, em amena cavaqueira, os convivas passavam a pente fino todos os acontecimentos da aldeia e transitavam de conversa em conversa sem fastio, como se se alimentassem da vida alheia.

Tia Borrallheira foi a última a entrar. Traz pelas costas uma capa de burel e, no braço, um saco que contém um novelo de lã suficiente para terminar os *carpins* que na véspera ali iniciou.

– Benza Deus tudo.

– Benza Deus a quem vem – responderam em coro os presentes.

– Já tardava, tia Borrallheira – inquiriu o Escusado. – Até pensámos que já não vinha, e logo hoje qu’ é a noite mais longa do ano. A partir d’ agora os dias são sempre a crescer.

– E estive p’ra não vir. Mas de noite, o meu Zé vai vigiar o lameiro das Soengas, ond’ os porcos-bravos têm vindo fossar, e eu estive a preparar-lh’ a roupa p’ra levar.

– Diabo dos porcos. Malditos! – afirmou a tia Sibila quando afastava a capa que lhe aquecia as costas. – Também já vieram ò meu lameiro de Góia e fossaram tudo. Que bichice!

– É escusado ir guardá-los, porqu’ eles só lá vêm quando não está ninguém – asseverou a tia Gata. – É bicho muito esperto e de faro extraordinário!

– E por falarem em porcos... ainda hoje aí andava um vendedor – informou o tio Vassalo. – O Miguel do Miguel comprou um e ainda há poucas semanas tinha comprad’ outro.

– Bem, chegue-se prò lume – convidou o dono da casa. – Olhe ali aquele mesouso qu’ estava mesmo à sua espera.

Num dos escanos os homens jogavam às cartas e batiam-nas energicamente na mesa sempre que, ao jogar, a sua carta se sobrepunha à do rival; no outro as mulheres faziam renda e meia; entre os escanos, sentavam-se em pequenos troncos de vidoeiro – não havia assento mais simples e austero – os restantes convivas. A conversa, como o lume vivo que ardia sem cessar, estava animada. A lenha que o alimentava era retirada da moreia localizada ao lado do corredor de acesso à cozinha e, enfiada por baixo de um escano, por

ser comprida, fornecia à fogueira combustível durante um ou dois dias. A moreia também servia de poleiro às pitas; e a seu lado estavam, feitos de palha de centeio, os ninhos, cada um com um ovo dentro, o endez. Ao fundo da cozinha, a um canto, situava-se a cama do casal, adornada pela colcha que a dona havia feito no tear e quase tão negra quanto as paredes e traves que o fumo da lareira havia pigmentado. À sua cabeceira, jazia o terço suspenso de um prego e sob a cama assentava o bacio.

– Mas p’ra que quer ele dois porcos? – questionou tio Venâncio. – É p’ra comer ele um e a mulher outro?

– Um porco é p’ra dar òs filhos que estão na França. Já chegaram p’ra passar o Natal e Ano Novo e, quando regressarem, já vão levar as chouriças – asseverou a dona da casa.

– O Negreira este ano vai matar sete – confirmou tia Gata. – Pretende vendê-los na Feira do Fumeiro de Montalegre.

– Eu também vou matar dois – certificou a tia Borracheira. – O meu *Antinho* qu’ está na Suíça pediu-me p’ra lhe matar um, mas só leva os presuntos e as chouriças. O resto é p’ra nós, que também temos o trabalho de lho matar.

– Pois eu est’ ano só matei um – confessou tio Curral. – P’ra mim e p’rà minha patroa chega bem. Olhem que boa cor têm as chouriças!

Nesse momento uma das pitas deu sinais de inquietação, como se a conversa dos convivas a tivesse perturbado ou como se já fosse de manhã. Efetivamente ao raiar do dia, quando a claridade invade o corredor a partir do estreito janelo virado a Oriente, as galinhas dão sinais de inquietação na alta moreia e, estremunhadas, pé ante pé, vão aos poucos e mal equilibradas descendo a moreia escalonada e entram na cozinha a cacarejar, para advertirem a dona de que chegou a hora da refeição matinal. Ela, mal veste a roupa, debulha-lhes duas espigas de milho e lança-lho sobre o soalho. Elas apressam-se a debicá-lo antes que se perca por entre os muitos buracos das tábuas do soalho e, depois, abre-lhes a porta. Passam todo o dia a esgaravatar nas ruas, onde não lhes falta alimento, e é o fim da tarde que as traz de novo à cozinha. Voltam a comer algum milho servido na cozinha e sobem de novo a moreia escalonada para aí passarem a noite, empoleiradas sobre os galhos. São vestígios do seu passado de aves selvagens que ainda sobrevêm nos genes.

– E o seu Artur também vem cá no Natal buscar as chouriças? – questionou o tio Vassalo.

– Não. Agora só cá vem no verão – respondeu tia Borrallheira. – E vem p’ra se casar.

– E d’ onde é a mulher?

– É de Vilaça, dos Rochas. É muito boa rapariga. Conheceram-se na Vila d’ Abril, e já compraram uma casa p’ra não estarem a pagar renda.

– Quem também vai casar no verão é o Aníbal do António Coisas – afirmou a tia Sibila. – Mas só pelo civil.

– E quem é a moça? - perguntou tio Venâncio.

– É uma minhota lá de baixo, uma pobre diabo que ninguém sabe onde depender’ o pote. Mas já há mais d’ um ano que estão amigados, e ela tem um filho d’ outro homem.

– Jesus, santo nome.

– Não há gente como a nossa! E a melhor mulher é a filha do lavrador, que é honesta.

Era a estupefação geral. Tia Gata parou de tricotar e enfiou a agulheta no novelo para ouvir de novo a história com mais atenção; a mão que a dona da casa enfiara no buraco do saleiro – um pipo de 50 litros com abertura mínima para uma mão poder entrar e sair cheia de sal –, custava-lhe a sair e teve de libertar algumas areias; o jogador que ia a bater a carta no escano com veemência suspendeu a jogada e perguntou o que era o trunfo; tia Sibila benzera-se. Aquela não era o Aníbal que conheciam, que viram crescer, fazer a primeira comunhão e ir à catequese.

– Vai-te mundo cada vez a pior! – censurou a tia Borrallheira.

– São novos. Não se lembram qu’ um dia hão de morrer e terão de prestar contas a Deus! – acrescentou tio Vassalo. – Não têm a minha idade.

– Nem a minha. Os filhos estão constantemente a dizer-me que num lar estava melhor, mas eu não abandono a minha casa por nada deste mundo.

– Quem vai prò lar é o Abel do Redadeiro – informou o tio Vassalo. - Estava há um ano em lista de espera e, por morte de um da Chã, a Segurança Social conseguiu-lhe agora lugar.

– O Antonho Reguila queria que fosse antes para sua casa – comentou tia Sibila. – Dava-lhe bem de comer, boa cama e roupa lavada, com a condição de lhe deixar os bens no fim da vida, mas ele recusou.

– Que bem fez! Esse maldito do Reguila é um caçador de heranças – continuou tio Vassalo. – Fez o mesmo convite ao Lamalonga de Mourilhe, que esteve quase p’ra aceitar.

– Mas quanto vai pagar ao lar? – perguntou a tia Gata – Não deve ser barata feira. A reforma não chega.

– Ele diz que recebe duas reformas: uma da França e outra de Portugal.

– Recebe o raio que o parta. Em França não fez descontos. Trabalhou sempre ilegal, e a de Portugal é magra por ter descontado poucos anos.

– Que venda um prédio – replicou tio Vassalo. – É melhor vender um prédio e viver com regalo o resto da velhice do que deixar a herança a quem não lhe rezará uma missa p’la alma.

– Se vai vender um prédio, não sei, mas sei, porque mo disse, que prà próxima feira vai vender as vacas.

– Oh! Já dizia isso no ano passado. Todos os anos, no mês de São Miguel, assevera que é o último ano em que sega o lameiro das Terças, mas na primavera seguinte enche-se de coragem...

– Se vende, que bem faz. And’ à ‘rrestar as botas por esses caminhos atrás das miseráveis vacas, morto de frio e de fome, como se fosse um zombie – inquiriu ti Vassalo, lançando um olhar ao Damas, que com 80 anos ainda tocava quatro e um burro.

– Vale-lhe bem poupar tanto! “Depois de um bom poupador, vem um bom gastador”.

– Uns vendem-nas e outros compram-nas. Os Cavacos já tocam quarenta e cinco – comentou tio Venâncio. – E não têm lameiros onde manter dez.

– Comem metade do povo – respondeu tio Curreal.

– Metade? Eu diria o povo todo – acrescentou tia Borrallheira.

– Até lhes oferecem os lameiros de graça, simplesmente para que lhes seguem o feno, lhes abram os regos e lhes ergam as pedras que caem das paredes.

– Sim, sim, como a Trigueira, que tem alzheimer e está muito esquecida.

– Mas eles nem o biqueiro lhes tapam.

– E quando abrem às vacas a porta das cortes, e elas caminham rua abaixo, tocam as dez da frente e deixam todas as outras p’ra trás. Já a da frente está no lameiro e aind’ a última está a beber na poça das Liceiras...

– Ou a tentar abocanhar a cana de algum milheiro que cresce na margem da terra, junto ao caminho.

Fez-se um pesado silêncio e a queda de fuligem de alcatrão, que do teto estava suspensa como estalagmites numa gruta dos solos calcários, perturbou o silêncio do momento e amedrontou os convivas.

– Tó diabo tó! Que barulho foi aquele? – perguntou tia Gata.

– Foi alcatrão de fumo que caiu do teto – retorquiu tio Venâncio.

– Julgou que fosse o Diabo ou a aparição de alguma alma penada do outro mundo?

– Antigamente havia muitas manifestações do sobrenatural, mas hoje, não sei porquê, nem o sobrenatural se manifesta, nem as pessoas falam dele.

– Vai-te mundo cada vez a pior – lamentou tia Borracheira.

– Mudaram as pessoas e as mentalidades... – inquiriu o Escusado.

– Mudou sobretudo a fé – retorquia a dona da casa. –...o resfriar da fé.

– A minha mãe não se cansava de relatar episódios do Diabo, que ouvir’ aos serões em casa do Tintureiro – informou tia Gata.

– Mas conte lá, tia Gata – pediu o Venâncio, – que nós gostamos de ouvir.

Fez-se um pesado silêncio e todos os convivas se viraram na sua direção. O Damas pediu uma interrupção no jogo. Que descansassem um pouco e ouvissem o relato, até porque ele tem muito respeito... As mulheres pararam de dar às agulhas e agulhetas e aproveitaram o momento para esticar as peças que haviam tricotado.

– Este facto – advertiu tia Gata – passou-se com a Maria dos Linhares há pouco falecida. Os filhos ainda são vivos e bem vivos. Podeis perguntar-lhes e confirmar a sua veracidade, caso não acrediteis.

Ora, num dia de final de outono, tinha ido a Paradela, montada no burro, ver uma irmã que parira há pouco. Mas, distraída pela forma amável como fora recebida e pelo encanto da criança, que era o seu primeiro sobrinho, acabou por não dar conta do inexorável tempo que corre rápido. Já eram mais de quatro horas da tarde quando desejou regressar a Friães: «Ai Jesus Senhor que já é tão tarde e eu ainda estou aqui!», disse ela quando viu as sombras do casario a cobrirem a rua. A irmã ainda lhe disse para não ir, porque já era tarde, e que passasse com eles a noite, pois tinha cama onde a deitar, mas ela recusou.

Respondeu que ao lusco-fusco estaria no seu destino, nem que tivesse de tocar o burro mais depressa.

Pouco depois de Lamas, nuvens negras elevaram-se no céu; e com o sol de fim da tarde obstruído, depressa chegou a noite. A escuridão também trouxe um visitante inesperado, já a meio caminho de Bustelo: era um padre com vestes sacerdotais, como se fosse rezar a missa, que seguia pelo mesmo trilho à frente do burro e em silêncio. Amedrontada pela aparição, nunca lhe dirigiu palavra, pois logo imaginou que não era nenhum padre, mas o Diabo que tem a faculdade de se metamorfosear naquilo que quer.

– De facto, o Diabo é muito poderoso, quase tanto como Deus – interrompeu o Damas. – Ele pode transfigurar-se...

– Ai pode, pode, e não é só ele – atalhou a dona da casa – também as almas do Purgatório podem, mas sobre isso falaremos depois...

– E também é tendeiro – prosseguiu o Venâncio. – Ele andava para a tentar.

– Pouco depois, à entrada de Bustelo – prosseguiu tia Gata –, o falso padre desapareceu, e ela, imaginando que lhe iria aparecer de novo depois de passar est’ aldeia e fazer companhia indesejável na inóspita serra, decidiu bater à porta dos Alfaiates, que ainda lhe eram parentes, e pedir casa p’ra dormir. Podeis não acreditar – continuou tia Gata –, mas foi o que a Linhares contou, e ela não mentia, por ser uma santa mulher.

Num dos escanos, estavam dependurados em pregos uma chave e um terço, pois ali reza-se o terço à noite; e apoiada sobre a mesa do escano assentava, erguida, uma capa de burel a secar. Ao lado do chupão jazia na vertical um pequeno tição de Natal, que a dona da casa cortava na periferia da aldeia no dia de consoada, antes do pôr-do-sol, e colocava a arder em lume brando a Santa Bárbara, a advogada das trovoadas, no próprio dia e nos dias de trovões, ao mesmo tempo que rezava o *Magnificat*: «A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito alegra-se em extremo em Deus meu salvador...» A outro canto da cozinha, jazia aberta a maceira e, ao lado, a caixa do farelo. As peneiras estavam apoiadas em pequenas cunhas enfiadas na parede, a fazerem de cabide.

– Mas mostre lá, tia Maria, em como as almas do Purgatório... Você já as viu? – inquiriu a Sibila.

– Não fui eu, foi o meu padrinho, que Deus tem, que as viu e me contou. Recordo-me como se fosse hoje. Se não quiserdes acreditar –

continuou a dona da casa – é lá convosco, mas é a pura verdade o que vou contar.

– Eu ainda conheci o tio Vermudo, seu padrinho – atalhou o Escusado – e posso certificar qu’ era um santo homem e de consciência límpida com’ água.

– Bem, certo dia em que, noite alta e serena, vinha de tapar a água ao lameiro das Raízes, já perto do povo, viu duas luzes a escapar na curva das Gutinheiras. Não prestou atenção porque julgou qu’ eram o Cartola e o filho que tinham ido ao moinho do Rigueiro – agora em ruínas, mas naquele tempo moía dia e noite quase para todo o povo – e regressavam a casa. Quando dobrou a mesma curva, viu que não eram duas mas muitas luzes pálidas, como as das velas da igreja, que seguiam em procissão em direção ao cemitério. Era, evidentemente, a procissão das almas que estav’ em curso entr’ a capela de São Sebastião e o cemitério.

– O tio Carvalheira também a chegou a ver em várias ocasiões – prosseguiu o Venâncio. – Quantas vezes, na ida ou vinda do lameiro dos Porões, tinha de cortar caminho pelo rego da água para não se cruzar com ela na canelha do Santo.

O velho gato, sonolento pelo calor do lume e polvilhado de cinza, a quem as borralhas mal apagadas da véspera queimaram alguma lanugem do lombo, repousava na lareira a ganhar forças para a sua viagem noturna pelas cortes e palheiros da aldeia. Quando despertava da indolência, movido pelo instinto de caça, espreguiçava-se demoradamente, mostrava, ao bocejar, as poderosas armas: os afiados caninos e garras, e abalava porta fora. Cruzava rapidamente a rua e desaparecia sob o portal das cortes. A gateira que dava para a rua permitia-lhe a liberdade de movimentos, entrando e saindo quando desejasse, e descanso aos donos que não tinham de se levantar de madrugada para lhe abrir a porta, enregelado.

No escano, onde os homens jogavam às cartas, *estalou o verniz*, quando o Vassalo acusou o Escusado de renúncia, pois, apesar de ter a seta de copas, intencionalmente não a jogou na mesa por temer que seria cortada pelo adversário.

– São quatro – retorquiu o parceiro. – As *arrenúncias* são penalizadas com a perda de quatro jogos.

– Já cá tardava a *arrenúncia* – retorquiu a dona da casa. – Não passavam sem uma. Raios vos partam a vós e às *arrenúncias*!

Vai ser o tema da próxima conversa que vai sossegar os jogadores alterados.

– Os Duros finalmente fizeram as partilhas – informou a tia Sibila. – O Duro Velho já há muito havia proposto partilhas, mas os filhos mostraram-se sempre desinteressados.

– Antigamente era ao contrário – argumentou o tio Curral. – Estavam os filhos mortos p’ra que os pais lhes dessem partilhas, e os velhos só lhas davam depois de morrerem.

– Aí são obrigados a dar, porque não podem levar os prédios prà cova – argumentou o Vassalo.

– Mas não sei se fez bem em dar partilhas òs filhos. Lá diz o ditado: «Quem dá o que é seu antes que morra merece co’ uma cachaporra» – replicou o Damas. – Ai se as reformas acabam ou se rebent’ à França! Se não fossem as reformas, levariam os velhos à serra, como faziam antigamente.

– É verdade. Olha o que aconteceu ao João Samarra: deu partilhas aos filhos em vida e acabou só e na miséria. Certo dia, quando deram pela falta dele, já havia morrido em casa há mais de três dias. Se não fosse o padeiro que desse o alarme – pois estranhou que o último saco do pão deixado à porta não tivesse sido recolhido – não sei quantos dias estaria morto em casa.

– E a quem o Duro deixou o terço?

– Tinha-o deixado ao Daniel, com a condição de ficar em casa, zelar pela casa de lavoura e amparar os pais na velhice. Mais tarde, vendo-o hesitante, o velho pai ainda lhe comprou um bom trator e guardava-lh’ o gado para qu’ a habitação à lavoura fosse suave e permanente, mas pouco depois o filho renegou a promessa e preferiu ir prà França. Por isso, o Duro Velho foi a Montalegre, deitou-lh’ o testamento abaixo e tratou a todos os filhos por igual.

– O moço via chegar de França os amigos d’ infância com bons carros e deixou-se iludir p’la vida d’ emigrante.

– Acontece assim a muitos! Pensam que vão ganhar muito dinheiro, mas depois de pagarem a renda de casa, água, luz e comida, ainda lhes sobra menos do que em Portugal.

– E quem ficou com o lameiro da Pontezela? – perguntou tio Venâncio.

– E com a terra de Ranhastos? – interpelou tio Vassalo.

– Agora ninguém quer terrenos. Ainda no ano passado a filha da Tchuleira, a que casou prò Minho, pôs a sua legítima à venda e aos

lameiros, excetuando o das Terças, ninguém lhes pegou. Agora ninguém quer terrenos.

– E à terra de Além do Vale só lhe mandaram a metade do que pedia. Noutro tempo cobriam-lha de notas.

– E, de entre os novos, já ninguém conhece as extremas dos tapados do monte – argumentou tio Venâncio. – Qualquer dia ninguém sabe o que é seu e, no entanto, é da terra que sai tudo.

– E bastam dois anos prò lameiro não segado se encher de giestas e pràs silvas dos arredores chegarem ao meio das terras.

Por baixo da cozinha é a corte do porco. Quando são horas da refeição e o suíno fica impaciente por ver a iminência do repasto, a dona não precisa de descer as escadas, nem perde muito tempo a deitar-lhe de comer. Basta-lhe levantar o alçapão e, servindo-se de um balde, lança a partir da cozinha a lavadura na pia larga da corte pouco profunda. Como ele exige sempre mais mantimento do que aquele que a sua patroa lhe destina, fica colérico e, apoiando-se nas patas traseiras, eleva-se no ar ao nível da cozinha. A dona, irritada com a impertinência dele, dá-lhe palmadas nas fartas orelhas e fecha-lhe no nariz o alçapão. «Vai-te diabo! Sempre esganado co’ a fome!» Todavia, o fecho do alçapão não é suficiente para o bísaro cessar os protestos pela míngua de ração. A partir da corte sempre atulhada de esterco e, por isso, pouco profunda, perfilado nas patas anteriores, dá trombadas ao alçapão e cuincha, mas a patroa, permanecendo sobre ele enquanto não lhe passar a fúria suína, não atende aos seus rogos.

– Hoje andava aí um homem òs bezerros – afirmou o tio Vessadas. - Mas só queria bezerros até aos cinco meses. Com certeza era prà recria.

– Eu ainda lhe fui mostrar a cria da minha Briosa, mas só me dava 450 Euros por ela – asseverou tio Venâncio.

– E quanto é isso na moeda nova? – perguntou tia Gata.

– Acho que são oitenta..., não, noventa contos.

– Assim não vale a pena ter gado. Tudo sobe de preço exceto a carne, que já há vários anos mantém o mesmo preço. Se não fossem os subsídios...

– E a batata ninguém a procura. Ainda o Vinte Cinco me falou em vender-lhe dois sacos, mas já lá vai um mês e não voltou a falar.

– A esse não sei d’ onde lhe vem o dinheiro. Parece que o cava – respondeu a dona da casa. – Agora comprou um bom trator.

– O dinheiro onde está ruge.

– Que sorte teve! Recebeu por morte do tio Rojões, solteiro e ex-emigrante, uma mão cheia de dinheiro e nem sequer se falavam.

– Vale-lhe bem comprar um trator! – continuou tio Venâncio. – Tratores e máquinas acabam todos em *ferranchos*, não valem o preço que custam e são inadequados à tradição agrícola da terra que apenas deve valorizar o trabalho qu’ é feito c’ os braços humanos.

– Não há trabalho que fique tão perfeito como o que é feito pelas mãos do homem! – confirmou a dona da casa.

O espeto das assaduras está encostado ao chupão, de pico para cima, e ao lado uma chocolateira de barro e os potes de ferro, um dos quais carece de uma perna, enegrecidos como se tivessem sido pintadas de negro carregado. Quando a dona tem necessidade de se servir dele, encosta-o a um tronco de carvalho e, assim, lá vai cumprindo a sua função de cozer as batatas ou estufar a carne de galinha. Mais em cima, suspenso na parede, está o lançador de madeira que guarda as malgas de terracota: *jerros* de alumínio e pratos de esmalte. Num nicho da parede, tão negro como as paredes da cozinha, estava o rádio que ajudava tio Curral a passar o tempo, quer quando emitia música popular, quer quando difundia a atualidade noticiosa de país e que ele mal entendia. Mas era a ouvir o tempo que os seus sentidos estavam mais despertos.

– O tio Cuco disse que lá p’ra baixo um homem cavou uma batata que pesava três quilos. Ouviu no rádio! – informou a tia Gata.

– E o tio Curralejo disse que ouviu qu’ o próximo inverno vai ser o mais frio do século! – replicou tia Sibila.

– Ai Jesus Senhor, anda o mundo desconcertado!

Na gaveta do escano, tio Curral depositou o baralho de cartas, o qual ali repousará até à próxima jogada, na noite seguinte; na outra gaveta a dona da casa enfiou a agulheta e, sobre os joelhos, esticou a lã dos dois carpins que havia terminado. O lume já há muito perdera a sua vitalidade, a cozinha tornara-se menos fumarenta e o borralho esmorecia por falta de combustível. Tia Sibila mexia-se no mesouco onde estava sentada, um pedaço de tronco, e que outrora, quando naquela cozinha havia muitas crianças, era o lugar mais disputado. Os copos de vinho dos jogadores de cartas estavam vazios.

De súbito a advertência de tia Borradeira, de que a hora ia adiantada na noite mais longa do ano, pôs termo ao serão daquela noite.

– Ai Jesus, que já são que horas! E amanhã tenho de me levantar cedo p'ra ir à lenha!

Os convivas, pegando nas suas capas de burel, despediram-se e todos prometeram regressar no dia seguinte.



III. OS IRMÃOS SILVESTRE

Quando os dois irmãos Silvestre, atrás do gado, transpunham o portal do pátio revestido a folhas de zinco e desciam a rua da Costa para irem prò lameiro do Rabião, todos se apresentavam tão calhatrosos, que os vizinhos tinham dificuldade em distinguir quem era o mais indecoroso: o gado que ostentava nos quartos grandes calhatras por não dispor de covil salubre e estrumado; ou os donos que exibiam nas calças remendos e sarranhos que fulgiam ao longe. Como nunca casaram, viviam precariamente, sem poderem contar com o sustentáculo e com a feminilidade que uma mulher pode trazer ao lar.

Moravam no Outeiro, a coroa do povo – chamavam-lhe o «outeiro dos vendavais» –, e sempre que nos dias de invernía o bruar do vento lá fora fazia sacudir a beira, viviam com receio de que ela lhes fugisse. Por isso, no final do verão, reforçavam o beiral e o cúmio com pedras e ripas de carvalho, mas no inverno seguinte, quando os elementos rugiam, havia sempre um ponto vulnerável por onde o vento penetrava e levantava a beira.

A cabeleira deles, negra e eriçada, era exatamente como essa beira de colmo que o bravo calor do verão queimara e que a ventania no inverno, pondo a descoberto as negras traves de madeira, todos os anos descolmava. O semblante deles era como a tosca casa de granito em que habitavam e que, depois da morte dos pais, que Deus tem, nunca fora remodelada. Os olhos eram como os estreitos janelos que ladeavam a porta de entrada, ingresso de gado e dono, e que nunca viram vidraça; e por onde o fumo, sem outra saída, era impellido a sair nos dias mais fumarentos.

Depois de se levantarem com os primeiros raios de sol e de desougarem o gado, dirigiam-se para a cozinha para acenderem o lume e almoçarem. Se não tivessem fósforos, pediam um tição a um vizinho. Saíam à rua, olhavam para o alto e, onde vissem fumegar uma chaminé, aí se dirigiam. Lá atrás, perto da moreia da lenha e da

pipa de vinho, nascia uma fonte na fenda da laje, que ao mesmo tempo lhes servia de parede de fundo e, em parte, de pavimento. Por isso, no inverno, não precisavam de ir colher água ao poço público, onde homens e animais disputavam a mesma água, mergulhando uns o cântaro e outros o focinho. Nem precisavam de a ir buscar nos dias de muita neve, quando grandes camadas se acumulavam à entrada da porta e era necessário sair pelo janelo. Todavia, apesar da gratidão da natureza, eles davam mais uso à pipa, posicionada no sítio mais fresco e distante do lume, do que à fonte que tão generosamente abençoava aquela cozinha.

– A fonte da laje cada vez bota mais água – replicou o irmão do barrete frígio, quando pegava numa carqueja que depois de acesa ia atear a lenha de carvalho. – Se eu não tivesse alargado o rego na rocha dura, por onde escorre lá p’ra fora, já tinha alagado a cozinha.

– Se fosse vinho não deitava tanto – retorquiu o irmão da boina galega quando percutia a pederneira com um objeto metálico e fazia soltar enxames de centelhas incendiárias.

A laje natural, nua e fria, que servia de pavimento a parte da cozinha, prolongava-se para o exterior, para o amplo pátio aberto, virado a sul. Nos dias soalheiros de inverno, quando ainda não eram horas de botar o gado, era ali que se encontravam ou a comer a monótona refeição, quase sempre um pedaço de pão com febra e um copo de vinho, ou a executar trabalhos domésticos variegados ou, ainda, estendidos ao sol.

Nos dias soalheiros e frios de inverno, estiravam uma capa sobre a laje exterior junto à porta de entrada e, resguardados da curiosidade avassaladora da vizinhança pelos altos muros do pátio, estatelavam-se ao sol – de braços abertos e expondo a máxima superfície corporal – a apanhar banhos tonificantes de energia solar que lhes acalentavam o velho sangue e era forma que compensava os franzinos corpos da austera refeição.

Também era aí que tinham lugar as primeiras brigas do dia. Quando discutiam, pareciam dois diabos da Tasmânia. «Vai-te diabo!», dizia um; «Rai’s te partam!», replicava o outro. E quando as desavenças subiam de tom e se encapelavam como a beira que o vendaval eriçara, o irmão do barrete frígio tirava da cabeça a carapuça de lã, atirava-a ao chão, sobre a laje, que o temporal da véspera lavara, e, irritado, pisava-o repetidas vezes com os pés.

Quando as contendias tinham lugar na cozinha sombria, ao lado da

corde do gado – pois o tempo não permitia a permanência por muito tempo no pátio batido pela chuva e pelo vento –, as zangas e fastidiosas conversas serviam pelo menos para distrair os animais, que miravam os donos através do frechal esburacado, e para lhes enganar a fome quando o feno escasseava no presel.

Andavam liados e davam-se mal, mas logo reatavam as amizades, como as crianças, e prosseguiam as tarefas comuns que a birra de ambos suspendera, pois não podiam viver um sem o outro. A lavar, um pegava na rabiça do arado, o outro, agarrado ao temoeiro, conduzia a junta. Um cargava feno e o outro botava para cima. A guiar a junta, um chamava e o outro, envergando uma vara comprida, tocava. Um ia com as vacas, o outro fazia-lhes as camas e desougava-as. Na terra de messe, um segava e o outro, atrás, atava. Um cavava e o outro apanhava as batatas. A empinar a pipa que deixara de gotejar, um puxava e o outro calçava. A atar o carro, um puxava e o outro imprava.

Na gélida cozinha, onde quem quer que estivesse sentado nos velhos escanos de carvalho tinha calor pela frente e frio nas costas, a moreia da lenha, ordenada ao lado e que era a morada e poleiro das galinhas, desaparecia a olhos vistos. Quando já não tinham lenha para queimar e era altura da refeição para botarem o gado, andavam pelas cortes junto às paredes à procura de giestas ou paus que, não tendo sido pisados pelo gado, podiam sofrer o processo de combustão e podiam também fazer um bom lume para cozer as batatas e aquecer o caldo da véspera; ou então andavam pelas valetas das ruas à cata de paus que as gratas águas das chuvas tinham trazido até à sua porta.

– Olha que pau encontrei lá fora na valeta da rua!

– Não sei como nenhum vizinho não lhe deitou a mão. Nem sei como a Amélia Tecelão não o viu.

– Essa, coitada, já teve melhor vista. Neste momento não enxerga um palmo à frente dos olhos, mas se fosse noutro tempo... até lhe cheirava ao longe.

Um dos dois irmãos preferia ir com as vacas, o outro preferia ficar em casa a desougá-las e a cozinhar. No entanto, as refeições eram quase sempre as mesmas e nem a mudança da estação, que fizera amadurecer a colheita da horta, trazia à mesa do velho escano, onde as refeições eram servidas, variedade alimentar.

Se já eram horas de botar o gado e eles ainda não tinham comido; se o gado com os seus mugidos já os tinha advertido da hora adiantada

e as batatas só agora tinham sido escoadas, o pastor já não esperava pela refeição: numa mão pegava na capa de burel e no cajado posicionado na vertical por trás da porta da cozinha; na outra mão pegava no barrete frígio com um penacho na ponta e que, quando assente na cabeça, tombava para um dos lados, metia dentro as batatas e, atrás das vacas, ia andando, comendo e animando o gado a ser mais célere.

– Anda Cabana! Eeeeei!

E aquele dos irmãos que ia com as vacas para o monte, à noite, trazia o gado para a corte e trazia também às costas, equilibrando-o mal, um grande feixe de lenha atado por um vincelho de giesta, que à entrada da porta da cozinha, sobre a laja dura, o pastor atirava sem piedade das costas para o chão, produzindo um grande estrondo.

– Ai queixas-te? Pois não partes nenhuma costela! – afirmava ele como resposta ao estridente barulho do molho sobre o laja da eira, que se assemelhava a um clamor de dor.

À noite, depois de o gado estar acomodado na corte – a comer o feno do presel ou a remoer o alimento consumido no monte –, os dois irmãos Silvestre passavam a maior parte do tempo na cozinha térrea, recostados nos escanos de carvalho e no gozo do calor e luz que o lume irradiava, onde só se ouvia o estalido da lenha, o orneio do gado na corte e, por vezes, a queda do teto de fuligem de fumo.

Curvados à lareira fumarenta, de cabeça baixa e imóveis, como que em meditação, a presença deles passava despercebida a quem entrava. Só quando a chama da fogueira, avivada pela lenha de carvalho, lhes iluminava o vulto austero é que a presença discreta deles era notada na parda e fumarenta cozinha. E raramente era para mostrar um sorriso, pois lidavam mal com os afetos. Receberam pouco carinho e agora tinham pouco para dar. Só de vez em quando soltavam um riso amargo e distante, que mal conseguia contrair-lhes os músculos faciais e que mal dava para avivar as profundas rugas dos rostos que as amarguras da vida neles sulcaram.

Quando não tinham candeia, ou por falta de torcida ou por falta de combustível, comiam à luz do lume ou, então, à luz de um guiço de urzeira. Os guiços de abrótega, que crescem nos lameiros e são segados, cortados e carregados aquando do feno, são frágeis e adaptam-se mal ao ato de iluminação, mas os de urze, depois de terem sofrido, sempre que os montes ardem, o primeiro processo de combustão, conservam todo o vigor e, quando secos, são ótimos para

iluminar a cozinha por alguns minutos. Apontando-os às vivas brasas do lume, que um cajado apropriado esborralhara, acendiam-nos e cravavam-nos num buraco da parede ou na cremalheira, ficando a iluminar precariamente a cozinha como pequenas tochas.

– Queres melhor candeia do qu’ esta? – disse o irmão do barrete frígio, ao mesmo tempo que estendia ao outro o guiço ígneo para ele o enfiar num dos elos da gramalheira.

– E não precisa de pavio nem d’ azeite – respondia o irmão da boina galega. – Azeite que é melhor depositar no prato p’ra regar as batatas do que queimar na candeia.

– Vê bem quanto nós poupamos.

Sempre que lhes faltava o petróleo e não tinham azeite, regressavam ao antigo método dos guiços de urzeira. À luz do lume ou das pequenas tochas, pareciam duas figuras fantasmagóricas, duas almas penadas do outro mundo, quando a luz baixa lhes alongava e distorcia a fraca estatura e a sombra pardacenta era projetada disformemente no fundo da cozinha, no frechal de madeira que dividia a morada de donos e animais ou na parede irregular de granito.

Quando chegava a hora da ceia, desciam a tábua localizada no centro do escano enegrecido e, cada um de seu lado, dividiam uma velha travessa e um antiquado prato de esmalte, a que as quedas da estreita mesa do escano esmoucaram, e comiam com apetite. Porém, a maior parte das vezes não chegavam a comer na tábua do escano desprovida de toalha de linho, nem nos pratos de esmalte. Quando as batatas e o caldo estavam a ficar cozidos, tiravam o testo dos potes e, com um garfo ou espeto, com o qual assavam nas brasas fatias de carne ou coiratos, iam tirando, assoprando e comendo. Que bem lhes sabia!

– Então, está-te a saber bem?

– Está bom, sim senhor. Estás aprovado. Amanhã voltas a fazer o comer enquanto eu vou co’ as vacas.

Tal como as batatas e a carne de porco que adubava o caldo eram consumidas sem estarem completamente cozidas, também não deixavam curar o fumeiro do porco que todos os anos matavam. Quando as batatas já ferviam ao lume, um deles olhava para cima, para o estendal de chouriças que já começara a ganhar cor, e o outro pegava numa faca, subia ao escano e deitava a baixo uma chouriça que depressa passava pelas brasas vivas do lume e que, depois, dividia a meio. Sempre que as batatas estavam a ficar cozidas e careciam de

conduto, valiam-se do fumeiro que se estendia sobre as suas cabeças. Quando se esgotava o fumeiro e as batatas já ferviam, os olhos lazentos deles passavam a fixar-se, mais para o centro da cozinha, numa das peças de porco que, dependuradas nos tirantes, engalanavam a cozinha.

Sempre que um dos irmãos se queimava, afirmava que era evidente que as batatas tinham sido cozidas ao lume. E depois lançava ao outro irmão uma interrogação filosófica:

– Ouve lá: o que é mais forte, o fogo, a água ou a terra?

Fazia-se um pesado silêncio, e esta questão, não tendo obtido resposta, ficava suspensa, a pairar no ar, sob o teto daquela cozinha ornamentada com candeeiros de alcatrão.

Depois, quando já não era esperada resposta, eis que ela surgia, como um coelho tirado da cartola:

– Bem, já sei. É a água. A água apaga o fogo.

– Não, porque o fogo faz ferver e sumir a água.

– Então, já sei. É a terra. Lembras-te como certo dia, no tapado de Cernadas, andando a fazer uma queimada, o lume se escapou e foi com terra, já ele ardia a bom arder no tapado vizinho, que o abafámos?

– É a terra, de facto. E a ver se sabes responder a esta – prosseguia o outro irmão: – Quem é mais esperto, o médico ou o veterinário?

De novo o silêncio. Quando o irmão ia a responder a medo que o mais esperto é o médico, o outro irmão atalhou:

–... é o veterinário, porque o paciente que vai ao médico conta a dor que verdadeiramente sente, mas o veterinário não pode contar com o lamento do seu doente, o gado; é ele mesmo que tem de descobrir a mazela de que padece porque os animais não falam!

– Mas tiraste isso de tua cabeça ou dize-lo porque o ouviste a alguém?

– Tirei da minha cabeça. Olha que não tenho estudos, mas, se tivesse, era capaz de governar melhor a nação do qu’ aqueles que estão no poleiro do governo.

– Calma lá! Tu não sabes governar a tua carteira, quanto mais a nação – ripostou o outro irmão. – Ainda há dias o taberneiro te enganou nos trocos, quando lá emborcavas uma malga de vinho verde!

– Porque confiei nele. Isto, meu amigo, anda meio mundo para enganar o outro meio. Como dizia o tio Cartola, metade da gente do mundo é séria, a outra metade é falsa, e o mundo vive desta dinâmica

e dialética de andar a metade falsa a tentar enganar a metade honrada e de esta se defender.

Pouco depois da ceia e das conversas do serão, saciados pela parca refeição e dolentes pelo calor que o lume irradiava, começavam logo a dormir. Por vezes, ou porque estivessem menos cansados ou porque era grande a festividade litúrgica, rezavam o terço. Depois, enfadados, iam-se deitar. Pegava cada um em seu guiço, acendiam-nos nas borralhas esmorecidas do lume, quase a apagarem-se, subiam as escadas de pedra gastas pelas cardas dos socos e, de guiço ao alto, iam dormir em cima, no sobrado de paredes rebocadas a barro. Tal como o piso inferior, um frechal de madeira dividia-o em dois compartimentos, dois quartos espaçosos, mas onde o que lhes sobrava em espaço faltava-lhes em conforto. Dormiam cada um em sua cama primitiva, tipo esquife, e onde a palha do enxergão, por há muito tempo não ser mudada, se afundava no centro da cama.



IV. TEATRO NA ALDEIA

O sol de inverno atraiu ao largo do Eirão, num domingo soalheiro depois da missa, vários anciãos. Um a um saem da penumbra de suas casas para aproveitarem o agradável sol de inverno, pelo prazer da conversa e o anseio de novidades, pois todos vivem com intensidade a vida alheia. Com que prazer se recostam ao sol, sentados em troncos de carvalho!

Têm uma coisa em comum: todos mancam. Uns mancam com justa razão, pois carregam no corpo, já de idade avançada e de vida escravizada, os achaques da velhice; mas outros, rijos como peros e em quem a passagem dos anos não provocou mais estragos do que os normais para a idade, encenam o sofrimento e dramatizam as suas maleitas com grande mestria. É que mancar é a mais convincente forma de parecer inválido e, por conseguinte, de receber uma reforma de invalidez.

Todos misturados no largo do Eirão, o centro da aldeia e palco das suas dramáticas encenações, não é fácil distinguir os mancos verdadeiros, autênticos doentes com mazelas várias, dos mancos impostores, mestres do disfarce e da caça à reforma. Distingui-los não é para todos, é preciso uma grande vivência da aldeia. Há ainda os moradores que ainda não mancam mas, vendo o proveito que está em jogo, esperam uma oportunidade para também começarem a mancar.

Um dos impostores é o tio Farrusco. Sob o pretexto de várias mazelas, arrasta-se pelas ruas devagarinho, de semblante sofredor e encostado a um cajado, vergado. Quando já é hora de desougar o gado e os molhos ainda não estão prontos; quando o gado, impaciente, orneia na corte a advertir o dono do alimento que já tarda, ele vigia pelo janelo da cozinha o correr da Rua de Trás, quase sempre deserta e só de vez em quando perturbada pelo estrépito de algum burro peado ou pelo arrastar das botas de um velho que passa, e, sem ninguém por perto, avança em direção ao palheiro. Aí, atira com desprezo a cajado e faz rápido um molho de feno. Avança ligeiro, possante e com receio

de que alguém apareça. Se for surpreendido, claudica e queixa-se da dor nas cruzes.

– Ó vida do caraças! Quem me dera ter as pernas d’ antigamente!

– Também eu, ti Farrusco – retorquiu tia Moína. – Quem me dera ter as pernas do tempo em que no largo do Eirão, ao despique, ninguém bailava uma moda mais rápido.

Apesar de ter todo o cuidado em mancar sempre da mesma perna, certa vez, em que subia a calçada da Apedrada, atrás do gado, acompanhado à retaguarda pelo afilhado, cometeu o descuido de mancar da perna contrária. Foi por pouco tempo, mas a desatenção não passou despercebido ao afilhado que lhe arremessou à cara a imposturice e lhe doeu mais do que açoites:

– Ó padrinho, você hoje manca da perna contrária. O mal passou-lhe para a outra perna!

– Trata é de cuidar do gado e deixa-te de cantigas – respondeu com indignação. – Olha o gado que se mistura com o do vizinho e pode lidar. Se tivesses pernas como tens língua...

Mancar sempre da mesma perna é algo difícil de suportar: exige dramatização, disciplina, persistência e memória, coisas que na sua idade e naquela terra vão escasseando. Por isso, para não se trair tanto, para que a imposturice não fosse de novo posta a nu e ele não fosse motivo de zombaria, passou a montar um burro cansado. O burro acabou também por lhe trazer muitos incômodos, especialmente por ter de o manter, «é mais uma boca», como ele costuma dizer, mas isso não tem comparação com o proveito que também lhe trouxe. Além de ter um burro que o carregue e de não ter de macerar as pernas nas subidas ou nas longas distâncias, também faz mais convincente a sua deficiência e, por conseguinte, a garantia de que receberá a indigna reforma por muitos anos.

É impostor e, no entanto, não é tão impostor como o tio Manco da Poça, cúmulo da imposturice e da avareza. Sempre que sai à rua, pega no cajado encostado à parede, junto à porta de saída, interioriza a ideia de marcar e nunca falha. Fá-lo sempre da mesma perna há já muitos anos. As muitas manhas valeram-lhe uma reforma de invalidez. E sempre que alguém o acusa ou chama a atenção de alguma falha ou imperfeição de vida, ele dá como desculpa as suas pernas: «Pois, mas não te esqueças que eu não tenho as tuas pernas», ou então: «Também eu faria assim se tivesse umas pernas como as tuas!», ou ainda: «O que farás tu quando chegares à minha idade?».

Pelas ruas da aldeia, prossegue atrás das quatro vacas, apoiado no cajado de carvalho e de capa ao ombro, de mal com a sua consciência e com o seu gado. «Ah excomungadas, que vos hei de pôr na feira!» e atira-lhes o cajado em rebolada. Nas subidas dramatiza a sua falsa deficiência, pois sabe que recebe indignamente a reforma, finge não poder mais e fala suficientemente alto, para que quem passe ouça os seus queixumes:

– Oh Senhor da cruz às costas!

– Ó tio Poça, você já não acompanha o gado. Venda duas, homem – propôs-lhe certo dia a tia Amélia Tecelão, que também manca, vendo-o embaraçado.

– Oh, quem guarda duas também guarda quatro – e prosseguia, cambaleante, em direção ao lameiro, de vulto carregado, perturbado consigo mesmo, e a questionar-se se teria valido a pena trocar a saúde física por aquela magra e indigna reforma.

O disfarce estava a custar-lhe tanto, que certo dia ainda lhe passou pela cabeça simular um milagre. Iria à Senhora do Livramento e, sob o pretexto de uma promessa piedosa, alugaria uma perna esculpida em cera que um fiel devoto aí depositara como *ex-voto*, quer para pagamento de uma promessa, quer em agradecimento a uma graça celeste. Com ela numa mão e o rosário na outra, daria várias voltas ao santuário a mancar e a rezar. Depois, nos arremates em lanço que tinham lugar no adro depois da missa e antes da procissão, arremataria por preço elevado – sim, por elevado preço, picado por vários devotos que lhe iriam disputar o transporte – a bandeira da padroeira, a qual seria por si transportada na procissão, a coxear. No início da procissão, ainda o sacerdote rezava o primeiro mistério do terço, uma alma caridosa, vendo-o em agonia, oferecer-se-ia para o ajudar; mas ele, invocando a Senhora e as almas do Purgatório, a quem oferecia o seu sofrimento, diria que com a graça Delas iria carregar até ao fim aquela cruz. E, então, a meio do percurso, quando o andor da padroeira passava em frente às alminhas situadas entre a Travessa do Sol e os Calvários, o milagre aconteceria. Simulando uma cura repentina, daria vivas à Senhora e com a bandeira ao alto gritaria «Milagre! Milagre! Viva a Senhora do Livramento!»

Mas esta ideia pareceu-lhe depois manca e ferida de credibilidade. Efetivamente, as pessoas e o sacerdote ficariam desconfiados e interrogar-se-iam como poderia a Senhora operar milagres num homem sem fé, que só nos funerais de amigos ia à missa. Além disso,

perturbaria a seriedade da procissão e não aguentaria a pressão das perguntas do povo, talvez até a inquirição da autoridade religiosa; mas, pior de tudo, perderia certamente a reforma. Por isso, o melhor que poderia fazer era continuar com o seu disfarce e, como Cristo, levar a sua cruz ao Calvário.

As despesas correntes são muito poucas. No que gasta mais é no vinho. Dizia a quem o acusava de não beber com moderação que a pinga era um alimento e que lhe dava força nas pernas para caminhar.

– Beber de mais, ti Poça, não faz bem a ninguém, muito menos a quem não tem força nas *canetas*.

– Se não fosse este – argumentava ele, apontando para uma garrafa quase vazia –, já há muito que estava entravado em casa.

É também muito poupado. O dinheiro da inválida e magra reforma é todo depositado, não no Banco, pois nunca acreditou em Bancos, mas num buraco da parede com uma pedra pela frente, a tapá-lo muito disfarçadamente. Quando alguém falava em Bancos e no perigo que alguns aforradores corriam por confiarem o seu dinheiro a algumas instituições, ele costuma repetir que a ele não lhe ficavam com nenhum.

E quando nos serões de inverno, em casa de tio Lameirão, ouvia os queixumes dos vizinhos por no Banco o dinheiro não estar seguro e não render nada e que mais valia guardá-lo sob o colchão como faziam alguns, ele, apercebendo-se de que era a si que se estavam a referir, ria com malícia, não só por dizerem que no Banco o dinheiro não estava seguro nem rendia nada, mas também por a vizinhança pensar que o amealhava em lugar tão vulgar! Estavam, efetivamente, muito distantes do exato sítio onde o escondia, e isso causava-lhe uma grande satisfação.

– Não, o meu não o descobrem, nem que se pintem d’ ouro. Não perco patavina de sono com medo de que me roubem.

À medida que as suas poupanças foram aumentando pela acumulação das muitas mensalidades, também ele foi diversificando as formas de guardar o dinheiro. Primeiro, quando o volume das notas era menor, costumava guardá-lo numa robusta caixa de madeira, fechada a cadeado e pregada com dois pregos. Quando se ausentava por mais tempo, receoso de que algum ladrão, tirando vantagem da sua incapacidade, o surpreendesse na ausência, levava o dinheiro metido num pequeno saco de pano e preso ao pescoço, sem atender à

conjetura de sua mulher de que algum dia ainda alguma alma criminosa o esganava, se soubesse onde transportava o dinheiro.

Depois, quando o volume de notas aumentou e aquela prática se tornou inviável, fez um buraco na parede com uma pedra bloqueante a tapá-lo muito disfarçadamente. Mais tarde, quando o volume de notas se tornou maior, aumentou de volume o buraco e colocou pela frente uma maior pedra bloqueante.

Gosta de ter o dinheiro acumulado num único depósito, isto é, num único buraco, não porque seja mais seguro, mas porque tem prazer em sentir – é uma das suas poucas distrações – o volume das notas que atestam a concavidade, quando, nas horas vagas, as contempla, folheia uma a uma, vagarosamente, e passa a ferro as que ganharam pregas.

Passados alguns anos, com 75 anos de idade, continua com os queixumes patéticos rua acima, de capa ao ombro e de vulto carregado, sempre com dificuldade em acompanhar o gado, mas agora já não é preciso fingir, agora ele é verdadeiramente manco.



V. O PASTOR VACAELO, O SENHOR DOS ANIMAIS

Na sua aldeia todos o conhecem, não pelo nome de batismo, mas somente pela alcunha distintiva. A dele é Vacaelo por ser um pobre lavrador, mas muito dedicado ao seu gado. São duas vacas e quatro ovelhas, que dormem em pacífico convívio na mesma corte, sob a sua habitação, e um burro que, quando não lhe serve de cavalgadura, costuma prendê-lo aos estadulhos traseiros do carro na sua deslocação para o campo. Dormem todos na mesma corte em perfeita comunhão, pastam no mesmo lameiro e comem o feno do mesmo presel no centro da corte. Por vezes, quando ele os vai desougar, está a cabeça da ovelha reclinada na barriga da vaca ou o vitelo a lambe o anho.

Não é pelo lucro que ele tem o gado, é antes por ser um extremoso parceiro: faz-lhe companhia e ele ao gado. Como uns têm por companhia um cão, ele tem os seus animais. É certo que todos os dias de manhã, quer faça sol ou chuva, tem de os levar ao pasto, mas aquilo é mais um passeio. Não deseja outro passatempo, nem há terra que tanto lhe enfeitice os olhos como a aldeia.

De manhã, quando corre o fecho de madeira da porta da corte, já o gado está de sentinela, ansioso por sair. Descem a rua das Cangosas e começam a comer logo à saída da aldeia, nas bordas dos caminhos e das húmidas levadas que transportam água, a manducar a erva verde e retardam o mais possível a sua chegada ao pequeno e rilhado lameiro, onde sabem que nada comem.

– Eeei! Tuó! Anda Galharda! Rrrrr! – repete ele para incitar o gado, que avança de má vontade, a ser mais veloz.

Nas estreitas veredas que conduzem ao lameiro, ladeadas por terras de milho ainda verde, as vacas esticam o pescoço por cima das paredes e mais a comprida língua para abocanharem lá longe as succulentas canas de milho dos prédios alheios. Até onde chegar o

comprido pescoço de seu gado e *mai-la* língua de palmo é uma coutada sua.

As ovelhas passam sob os paus dos biqueiros, tonsam o mais que podem de erva ou renovo no prédio alheio e depois, quando o pastor e vacas já vão um pouco longe, dão uma corrida divertida para apanharem as vacas e o dono. Quando bota gadinho, em plena primavera, passam todo o tempo a comer e a brincar.

Seu gado, não obstante a falta de pasto próprio, está bem tratado. Se lhe gabarem a Galharda e a Pinheira por serem as mais gordas da aldeia e, de mimosas, lhes luzir o pelo como um espelho, ele esboça um sorriso de satisfação e replica:

– É bom gado. Só lhe falta falar para ser gente!

Quem lhe gabava muito o gado era a Teresa dos Linhares. Quando as via passar junto à porta de sua casa em direção ao lameiro das Terças, de passo lento, a mulher não se continha em elogios:

– Ó Vacaelo, as tuas vacas ao pé das d' alguma gente parecem umas senhoras! Mas o que lhes dás de comer?

– O que lhes hei de dar, tia Teresa? – replicava ele indignado. – Dou-lhes erva dos lameiros e monte como faz tod' a gente!

– Lameiros? Só se forem os dos vizinhos ou o meu de Outra Banda. Comido nuns sítios, pisado noutros, a verdade é que não trouxe de lá um carro de feno.

É muito dedicado ao seu gado. No lameiro das Terças coça as ovelhas na cabeça deslanada e retira-lhes o cisco que se acumula sobre os velos. Às vacas liberta-lhes as abomináveis carraças com a ponta do cajado e afaga-as no úbere. Quanto mais as coça, mais elas baixam a cabeça e mais afáveis se tornam. Por vezes, repreende-as, admoestando-as com palmadas nas carnudas nádegas ou chamando-lhes nomeadas inofensivas: «lesma», «calhatreira», «trapaceira». Depois, conversa com o burro e sussurra-lhes segredos e promessas aos ouvidos, e ele arrebita as felpudas orelhas e arregala os olhos de satisfação.

Quando come a merenda, costuma repartir o pão com as ovelhas. Basta estender a mão, soletrar o nome «Cordeira, toma, toma!», e são elas que, a salivar, lhe vêm tirar a côdea de entre os dedos. Quando solta as suas senhoras vacas dos rigores da juntura, depois de puxarem o pesado carro, costuma prendá-las com uma guloseima e, ao lhes retirar as molhelhas e o jugo, tem por hábito afagá-las no comprido pelo da cabeça, que cresce entre a imponente armação córnea. E

quando retira o pesado molho de canas de milho da albarda, saca a melhor espiga, descasca-a como se fosse uma banana e estende-a ao burro. Este, de boca escancarada, onde luz uma branca e proeminente dentadura, estrangula a succulenta guloseima e lambe os beiços como quem deseja mais.

Se a carga que tem de transportar é pouca, não submete as vacas aos rigores do carro de tração animal, mas é ele que a carrega. É assim que tia Comba o vê chegar do janelo de sua casa: corcunda, como se carregasse às costas todas as mágoas dos antepassados, de pernas arqueadas e peles agarradas aos ossos, a falar ao gado e carregado com um volumoso feixe de lenha delgada.

E o gado sabe retribuir a gratidão: no final do dia, à saída do lameiro e de regresso ao curral, ao contrário dos outros pastores, é ele que caminha à frente dele, de cajado na mão e capa de burel ao ombro, ligeiramente a mancar, e o gado segue-o como um cão segue o seu dono. A confiança que nele deposita é tal, que nunca se vira para trás. Como as pernas já lhe pesam, é ultrapassado nas subidas, mas, a meio das ladeiras, o gado para, vira-se para trás e espera pela chegada do diligente pastor. Depois, prossegue a marcha até ao cimo da encosta e de novo espera, voltando-se para trás, de olhar meigo, como que a lamentar a saúde do dono que já não tem o vigor de outrora.

– Não há dinheiro que o pague! – costumava dizer, reconhecido.

Quando tia Lameira, à entrada da aldeia, ouvia o tilintar dos chocalhos na rua, vinha imediatamente ao janelo da cozinha para observar e gabar o diligente pastor atrás ou à frente de duas vacas, o dobro de ovelhas e um burro que raramente era cavalgado:

– Estão gordas, Vacaelo, mas com que as desougas, criatura, se não colhes feno p'ra uma?

– Ainda não lhe fui à porta pedir um molho, pois não? – respondia com indignação.

Não é por acaso que o seu gado está bem nutrido. As duas vacas amestradas são peritas no assalto e não há biqueiro que lhes resista. Aprenderam a abrir, com uma boa combinação dos seus poderosos cornos, todos os tipos de entradas e a distinguir, pela prática saltadora, entre a vulnerável e a sólida parede. Na frente exibem os lanhos da sua predação.

Se um vizinho lhe for levar o recado a casa de que o seu gado abriu o biqueiro do lameiro e amassou o feno todo, ele responde com prontidão e, para se desculpar, apresenta sempre a mesma justificação:

– Ah rai’s as partam! Olhe que as fui levar ao lameiro cheio d’ erva e tapei-lhes bem o biqueiro. Não há diabo que pare co’ elas!

Mas é pela calada da noite que gado e dono revelam a arte de bem furtar, que nem aves de rapina, e como, fruto da longa prática salteadora, estão bem ensaiados. A altas horas, no curral de sua casa, na cercadura da aldeia, tio Vacaelo começa por se dirigir à Pinheira: «Chega cá, Pinheira, chega! Ouche! Ouche!».

A vaca dá a cabeça de bom grado para ser despojada do chocalho, que na escuridão da noite só serviria para denunciar o delito do gado e a cumplicidade do dono. E é com agrado que as reses trocam o descanso da noite por aquela viagem noturna, chefiada pelo diligente pastor, que as conduzirá por lameiros e terras de renovos suculentos e que lhes proporcionará à noite o alimento que faltou de dia.

Ao abrigo da escuridão, no estreito caminho de Gargalão, tio Vacaelo conduz o seu gado de acordo com esta hierarquia que obedece ao grau de racionalidade e de esperteza: à frente o pastor que leva o burro pelos arreios, depois o gado vacuum que segue o burro e por último a rês que acompanha as vacas. Desta vez o seu alvo é uma terra de couves que as chuvas de outono fizeram medrar nas terras Além do Rio.

Com a mesma discrição com que o gado partira ao abrigo da escuridão da noite para a sua razia em terra alheia, assim regressava ao curral para o descanso merecido depois de uma noite repleta de aventuras e de ventre cheio.

Já vários vizinhos o aconselharam a desfazer-se do gado, excetuando naturalmente o burro, pois as pernas começam a pesar, mas ele não o vende, nem tem razões para isso, pelo menos enquanto continuar à espera do pastor no cimo das ladeiras.



VI. VIDA AO RITMO DAS ESTAÇÕES

Foi um caso demoradamente negociado: a pretensão do filho emigrante em reconstruir a decadente casa familiar e a resistência dos velhos pais à transformação do lar em que sempre viveram. Uma vez, quando a invernia desenfreada ameaçava levar o telhado do velho sobrado, diziam que o autorizavam a reconstruir a casa, outras vezes, alterados o tempo e os humores, já não consentiam.

– Deixar-te reconstruir a casa? Para depois nos pões fora dela! Não, não. Enquanto nós vivermos, quem manda no qu' é nosso somos nós! – indagou tio Surreiro à hora da ceia, quando o filho lhe apontou uma trave que a humidade de inverno, desprendendo-se do teto, fragilizara e que agora a luz da lâmpada revelava com crueldade.

– Depois de nós morrermos, é tua e faz então as obras que entenderes – continuou tia Terrã, quando punha a travessa de barro na mesa e começava por servir o marido com o melhor bocado de toucinho.

– Parece que vocês já se esqueceram – ripostou o filho indignado, como se um aguilhão de aço o tivesse ferido – que ainda há pouco tinham as galinhas à cabeceira da cama.

– Pois vá! – completou a mãe quando se servia, deixando na travessa esmoucada o pior bocado para o filho colérico.

Com tais simpatias, o filho pretendia habitar uma casa condigna nas curtas férias de verão e, em simultâneo, aumentar o nível de conforto dos pais que a habitavam a título perene, tornando-lhes os invernos mais suaves. No final de cada inverno os lamentos dos pais eram sempre os mesmos: que aquele fora o mais frio de que tinham memória. Mas nesses enregelados queixumes, a que estava decidido pôr termo, o filho via apenas quanto a casa familiar se tinha degradado nos últimos tempos.

O caso arrastou-se por vários anos. Só quando lhes chovia no sobrado e, nos húmidos dias de inverno, já não tinham mais sítio para

onde mudar a cama - noites houve em que tiveram de a mudar duas vezes - é que consentiram na realização das obras:

– Bem, filho, reconstrói lá a casa a teu gosto! Já ta deixámos em testamento – retorquiu o velho pai.

– Deixámos-te também o terço! – prosseguiu a mãe. – Foi a melhor forma que encontrámos de recompensar o teu cuidado e diligência para connosco.

– Agora não digas que não te deixámos reconstruir a casa.

Todavia, o andamento das obras não correspondia minimamente às pretensões dos pais idosos. Esforçaram-se por as embargar, quer junto do empreiteiro, quer do filho. Não conseguindo, aceitaram-nas com relutância.

Certo dia, no final de agosto, aquando da despedida, o filho mostrava-se satisfeito por ter posto termo aos invernos glaciares dos pais e, estendendo a mão para lhes arrancar o cumprimento de despedida, suplicou-lhes que gozassem e estimassem a nova e digna casa.

No entanto, isso não foi suficiente para arrancar aos austeros rostos uma expressão de alegria e de agradecimento. Nunca se adaptaram ao novo lar, nem a mudança de casa implicou a mudança de vida. «Burro velho não toma andadura...». Os queixumes habituais: aquelas comodidades não lhes traziam mais satisfação do que a antiga austeridade; que abusou do branco, ao passo que o preto é a cor da casa da aldeia; que havia coisas que serviam bem e foram deitadas abaixo; que aquelas não eram obras para uma casa de lavoura e de aldeia e que as chaves eram muito pequenas e as perdiam com facilidade.

Em contraposição às pequenas chaves que era necessário prender ao grande tarambolho de urzeira, preferiam as grandes de ferro, como a do palheiro, que lhes enchiam as mãos ásperas e que costumavam dependurar, bem visíveis, no prego de um tirante do sobrado.

Tinham casa de banho, mas raramente a usavam, esquecendo as recomendações do filho que, antes de partir lhes dissera que «a casa de banho era para se usar». Nunca dispensaram a centenária, estreita e sombria surreira, entre a sua casa e um palheiro vizinho, onde nos dias de chuva as águas pluviais corriam céleres. Também não gostavam dos corredores que davam acesso aos vários quartos. Para quê fazer um corredor onde podiam ter mais uma divisão?

– Ó ti Surreira, mas assim ao sair de um quarto tinha de passar por outro! – replicou-lhe o compadre, quando passava as mãos ásperas pela polida parede do corredor.

– E que mal fazia, compadre? É tudo do mesmo dono!

Libertos das amarras do filho como gado solto das amarras da juntura, por os impelirem a adotarem hábitos urbanos que detestam, depressa os velhos hábitos rurais, ao ritmo das estações, se foram instalando e a casa renovada vai ser abandonada e transformada na antiga casa de lavoura. É um pouco inconscientemente que os pais idosos procedem e nunca informaram o filho acerca das transformações que dia a dia iam efetuando, porque as mudanças que eles executavam ao ritmo das estações eram para si naturais.

A primeira alteração a operarem, no final do verão, foi retirar os dois quadros que decoravam um corredor rebocado, representando o primeiro uma praia de verão e o segundo uma paisagem luxuriante, para aproveitamento do prego que servia de suporte; e relativamente ao quadro surreal que decorava a parede nua da sala, apenas aproveitaram o caixilho para emoldurar uma imagem que, assente em lugar central, retratava o busto de tia Terrã e tio Surreira.

Na cozinha, o prego que antes sustentava a imagem de uma farta e requintada mesa, era agora o sustentáculo de uma peneira. De resto, apenas deixaram ficar um quadro que ilustrava a sagrada família no presépio de Belém: Maria e José ladeando um presel, onde, sobre o feno, estava deitado e a sorrir o menino Jesus. Ao lado dos progenitores, uma vaca e um burro tomavam o seu lugar com reverência.

– Repara tu no que ele foi gastar o dinheiro – argumentou tio Surreira, quando varava com os olhos penetrantes a cópia de uma pintura impressionista que retratava uma figura feminina no meio de um campo de mil cores.

– Não lhe custa a ganhar – respondeu a mulher. – Olha que se custasse não desperdiçava o dinheiro dessa maneira.

– Mas não pensou ele em comprar um prédio, como o lameiro da Lourença que parte com o nosso de Rio Mau e está à venda.

No primeiro outono, o sobrado renovado voltou a ganhar a vida de antigamente. Primeiro chegaram as alfaias agrícolas: enxó, enxada e enxadão; fouce, fouchinho e foucheta, rajo e rajeta. A gadanha e o gadanhote foram atirados para cima dos tirantes; o gadanho equilibrava-se precariamente entre duas tábuas do forro da cobertura.

Os instintos rurais de tio Surreira impeliam-no a depositar as varas e sachos no canto mais próximo da entrada ou apoiados entre duas caixas por aí estarem mais acessíveis. Um lareiro levado para o sobrado para ser preparado já não saiu de lá: fora arrecadado sobre os tirantes para uso posterior. A um canto, uma obsoleta arca frigorífica fora adaptada a uma nova função: depósito de centeio e no fundo do sobrado, a um canto, já havia um morouco de batatas escoradas por tábuas para que, confinadas ao canto, não se dispersassem pelo soalho.

Pouco depois, o mesmo outono trouxe ao antigo sobrado o grande estendal de canas de milho, repousantes sobre o soalho de pinho e encostadas à parede rebocada que depressa ficou tingida pelo suco verde das canas. Tia Terrã e tio Surreira voltaram a fazer a desfolhada e a encher o canastro com doiradas espigas de milho. A única diferença de antigamente é que agora tinham a fazer companhia uma televisão e já não os muitos filhos. Nunca perdiam “O tempo”.

– No ano passado, por esta altura, já as chuvas do outono tinham chegado e com elas a abundância de pasto para o gado – afirma tio Surreira, quando ao desfolhar punha a descoberto um milho-rei.

– Este ano, só a mudança de lua trará as chuvas outonais – replicou tia Terra. – Vais ver como – disse ela quando separava as grandes das espigas pequenas – como a próxima lua nova fará transbordar a ribeira e borbulhar as fontes ressequidas.

No inverno, voltaram a acender na cozinha o lume, a cozinhar no negro pote e a desligar o fogão e o aquecimento central, «gastavam muito!», saudosos da proximidade e calor da lareira, do estalido da lenha e da cor reluzente das brasas onde tio Surreira assava coiratos e tostava batatas cozidas.

A lenha que havia de arder no lume era previamente guardada por trás do escano. Aí eram amontoados, com grande estrondo, vindos da moreia da eira, paus de carvalho, giesteiros, piornos e carquejas que depois, passando sob o escano, iam alimentar as fogosas chamas da lareira.

O inverno também trouxe à cozinha – que fora sujeita a arranjos apressados e suplementares para poder receber o fumeiro – o estendal de chouriças e pedaços de peças de porco dependuradas aleatoriamente pelas superfícies mais altas. Para que o fumeiro pudesse mais facilmente ser curado, tiraram o fogo do chupão para o meio da lareira. A masseira de carvalho que havia sido restaurada e

adornada com uma extensa toalha de linho foi restituída à sua antiga função e voltou a receber a massa.

Em breve o fumo negro que trespassa tudo encarregou-se de devolver à cozinha a antiga cor preta e acabou também por invadir os compartimentos contíguos, os quartos. Aquela cozinha voltou a ter candeeiros... de fuligem de fumo! Gostavam do cheiro a fumo, diziam que não lhes fazia mal e que, se cura o fumeiro e as madeiras, também cura as pessoas. Porém, quando incomodava tia Terrã e a fazia lacrimejar, sentada num mesouco a comer o caldo e iluminada pela luz que o lume irradiava, dizia-lhe tio Surreira, estatelado no escano: «O fumo vai prò seu lugar, quem é burro que se deixe estar!»

Chegados à lareira, vindos da rua, continuavam a atirar com estrondo as botas e galochas para debaixo do escano, depósito de calçado, e a dependurar as capas num grande prego. Galochas velhas não foram depositadas na lixeira da aldeia, mas fora-lhes cortado o cano e feitas galochas rasas a que chamavam “sapatas”. As palmilhas do calçado reciclado eram feitas de feno.

E não descansaram enquanto o porco não roncasse de novo na corte. Por isso, na primavera seguinte, tia Terrã acabou por trazer de um cortelho das imediações a porca e os recos que acomodou na antiga corte, sob a cozinha, agora rebocada e pintada de branco nas juntas. A um canto, uma formosa pia de pedra, que o filho adaptara a canteiro de flores e colocara no pátio, fora volvida a gamela dos porcos. Afinal fora para isso que ela havia sido concebida.

E para alimentar aquela fazenda, ia ao canastro, que o filho queria converter em gaiola de aves canoras, buscar baldes de espigas e ao nabal buscar molhos de couves. Na varanda, continuou a atirar da cabeça para o chão o molho pesado. A única diferença de antes é que agora o molho caía com grande estrondo nos ladrilhos de mau gosto e já não nas velhas e robustas tábuas de carvalho. Tia Terrã voltou a abrir no soalho da cozinha o antigo alçapão e a restaurar a antiga cana de pau que descia da cozinha até ao gamelo dos porcos, através da qual lhes dava de comer sem sair da cozinha.

– Eu é que ia descer as escaleiras de fora co’s caldeiros p’ra botar de comer òs porcos! – afirmava ela para desculpar o rasgo do soalho, que se assemelhava a uma grande cicatriz.

Para não se levantarem de madrugada, quando o gato enregelado miava desesperado por entrar e aquecer-se na laja da lareira ainda quente, voltaram a serrar em círculo a parte inferior da porta do

sobrado e a restaurar a gateira que a imprudência do filho não acautelara. Por várias vezes os pais lamentaram este e outros esquecimentos:

– Ah rai’s o partam! Já não sabe como se vive nesta terra! – retorquiu tia Terrã.

– Não tinha onde gastar o dinheiro! Anda com fidalguias, mas esta terra não é nenhuma cidade! – continuou ti Surreira.

– Se na altura devida te tens oposto à realização das obras, como eu aconselhava, nada disto tinha acontecido.

– Ah rai’s te partam! Era eu quem me opunha e o único a remar contra a maré!

– Ah mentiroso!

Por essa altura, na corte contígua à dos porcos, que em tempos servira para alojar os bezerros crescidos depois de terem mamado, já um galo anunciava a chegada da aurora, e já as pitas cacarejavam a chegada dos ovos. E no amplo pátio que os filhos tinham escolhido como lugar predileto para estacionamento, estava estacionado o carro das vacas vermelho; e a um canto jazia, desprezado e enlodado com bosta, um dos quadros arriados que retratava um Ferrari.

O verão trouxe ao palheiro de colmo o feno dos lameiros. Enquanto havia muita canalhada na aldeia, o feno era calcado por ela. A velha porta do palheiro aberta, de fecho de madeira de correr, era um convite às crianças para entrarem e pisarem. Mas quando escasseou a garotada – por essa altura também a escola fechou e as ervas passaram a crescer no meio da calceta dos caminhos –, passou a calcar o feno com a sua rês.

Aquele palheiro tinha um luxo raro: luz elétrica. Uma redonda e fraca lâmpada, pregada num tirante, alumiaava uma parda luz que se perdia na imensidão do palheiro e que mal dava para o dono fazer os molhos. Todavia, se fosse por pouco tempo, tio Surreira não acendia a lâmpada, pois dizia que era no arranque que a lâmpada gastava mais. Servia-se apenas da claridade que a estreita porta irradiava.

E, no início de agosto, num dia de calmaria, o mesmo verão trouxe à aldeia o filho emigrante e a sua indignação pela subversão e descaracterização da casa. Julgava ter uma casa de férias limpa e asseada, que lhe permitisse passar as curtas férias de verão com algum conforto e longe da triste recordação da antiga casa de lavoura, mas afinal não tinha: a velha habitação, renovada no verão, fora virada do avesso pelos pais e restituída nas estações seguintes à sua dignidade

de casa de lavoura, restabelecendo a ordem natural das coisas subvertida pelo filho. Afinal de contas, fora para isso e não para os devaneios e ficções do filho que havia sido erigida há já várias gerações.



VII. MUDANÇA DE VIDA PARA MELHOR

Certo dia em que nos longos serões da aldeia sua mãe desabafava: «O que andarás a fazer a esta hora o meu filho lá por África», nesse mesmo dia o mancebo Zé Canhoto partira do aquartelamento, integrado numa companhia de soldados cuja missão era policiar uma zona instável, onde recentemente ocorreram insurreições, e refrear a ação da guerrilha.

Porém, numa encruzilhada de uma picada, a maior encruzilhada da sua vida, num lugar que parecia seguro, a companhia caiu numa emboscada. Quando terminou a escaramuça e o pó das detonações se dissipou, após dura e renhida troca de fogo, jaziam sobre o campo dois colegas mortos e alguns feridos. Zé Canhoto era um dos feridos e acabava de perder um olho.

Para muitos mancebos, se algo de semelhante lhes acontecesse, o gosto pela vida e pela sua autoestima terminava ali. Mas para Zé Canhoto a vida começou ali, naquela picada africana, muito longe de casa, ao som de tiros e explosões. Efetivamente, não só a guerra terminou para ele mais cedo, como pouco depois, após tratamentos continuados, foi-lhe dada alta do hospital militar.

E numa tarde de verão em que as messes aloiradas estavam prontas para a ceifa e a recolha dos fenos dava preocupação aos lavradores, o ressoar de um jipe do Exército perturbou a quietude da aldeia, trazendo de volta um mancebo ainda convalescente.

Envergava o seu camuflado e na cabeça a boina militar; na mochila trazia recordações para os familiares e amigos. Mas não vinha como seus pais o tinham enviado: partira perfeito e integro e regressava mutilado.

Naquele dia – como era costume sempre que os soldados regressavam a casa –, o povo em peso reuniu-se dentro e fora de sua casa. Mas desta vez não houve toque da concertina, nem bailaricos,

nem vivas; desta vez houve choro, pranto e ranger de dentes, e todo o povo uniu a sua à dor da família.

Chegara do Ultramar estropiado, mas também chegara com uma reforma, uma descomunal pensão quando comparada com o normal rendimento de uma família ou com a reforma de algum inválido, e que fez inveja a muita gente. Muitos não se importariam de ter passado pelo que ele passou e de agora gozar do Estado um tal rendimento.

A nova condição trouxe-lhe ascensão social dentro da aldeia, acréscimo patrimonial pela aquisição de novos prédios e independência com o casamento e a entrega da lide da casa de lavoura por seu pai; e não precisaria de *dar o salto* para França como muitos conterrâneos tiveram de fazer na necessidade. «Em terra de cegos...».

É certo que agora era zanolho – alcunha pela qual passou logo a ser conhecido, em substituição da anterior alcunha – e a deficiência afetou-lhe o semblante e turvou-lhe o brilho que o seu olhar irradiava, mas a estética é secundária. Se perdeu um olho, ainda lhe ficou outro, que era suficiente para as curtas dimensões da aldeia e para a atividade pouco exigente da lavoura. Mais importante do que a formosura era a sobrevivência material, e esta – dizia ele envergando com orgulho o seu cartão de deficiente das Forças Armadas como se fosse uma medalha valiosíssima –, estava agora assegurada enquanto fosse vivo.

Pouco depois de regressar do Ultramar, logo se envolveu na companhia do pai, o tio Malhão, em todo o labor rural. Um deles foi o amansar das bezerras ou almalhas que eram criadas em casa e que vinham renovar a manada pela substituição dos membros envelhecidos e vendidos na Feira dos Santos; outro foi levar à Senhora da Peneda, em romaria de agradecimento, o gado que havia adoecido e que, graças ao Divino Salvador, fora curado das maleitas.

O amansar da novilha bravia era dos dias mais espalhafatosos que se viviam na aldeia. As crianças estavam irradiadas do acontecimento pela sua perigosidade, mas os jovens participavam em cima do carro de tração animal, a fazerem peso, e berravam: «Ei baca eeei!»; «Ah Bouriiisca!». Percorriam-se todas as ruas da aldeia em grande balbúrdia e cruzavam-se vielas inusitadas.

Com pouco mais de um ano de idade, a novilha Bourisca pensava que a sua existência se resumia a tonsar a erva dos verdes campos, a degustar as suculentas ferranhas que cresciam na primavera e a provar a água de todas as fontes. Pensava assim até ao dia em que uma trupe

de criaturas, esforçada e experimentada, lhe invadiu a corte para a jungir, perturbando vilmente o seu descanso matinal.

Depois de ter sido submetida pela força a rigorosas amarras e jungida com uma vaca amestrada e paciente – que enfado para esta, que tortura, certamente um dia para esquecer –, a bezerra inexperiente e nunca antes submetida aos rigores da juntura apresentava-se desajeitada e desalinhada, e nem o sonoro chocalho em formosa correia chegava naquele dia para lhe elevar o visual. A pequena cabeça de estreita cornadura não conseguia sustentar direita a molhela que resvalava, quer para o lado, quer para a frente ou para trás; as sogas que amarravam aos cornos imaturos o jugo desenhavam-se, sendo preciso voltar a jungi-la.

O lavrador quer que ela erga a cabeça, que fique aprumada, soberba, pois tem grande brio numa junta bela e alinhada, eis porque lhe bate docemente com a vara no dorso, lhe eleva a deslombada cabeça, derreada como se o leve jugo lhe pesasse uma carrada de batatas, mas sem êxito.

– Aprumada, Bourisca, aprumada – repete ele, segurando-lhe a ponta do chifre esquerdo e batendo-lhe levemente com a vara no dorso.

À saída da corte, a dona deitava-lhe ao correr do lombo umas pingas de água benta e areias de sal para a proteger do mau-olhado e da inveja de algum vizinho ruim, e proferia as palavras «S.^{to} *Antônio* te guarde», mas, começadas as escaramuças, não havia santo que lhe valesse.

A novilha, pela primeira vez presa e nunca antes experimentada nos rigores da juntura, reagia violentamente ao desconforto das amarras, abanando irascivelmente a cauda, de nervosa, fazendo cabriolas e revolvendo o pescoço para se livrar das amarras. E considerando o chamador, tio Zé Zarolho, o artífice do seu mal, investia de chifre em riste contra ele para se vingar.

– Quieta, quieta. Quieta Bourisca – repetia o dono para a acalmar.

O chamador tinha de contrariar pela força os assaltos dela e bater-lhe com a vara nas canelas do nariz moncoso. Tinha também de ser ágil e reagir instantaneamente aos ímpetus da bezerra. Com uma mão na soga do carro ou temoeiro e a outra na vara, de passo largo, tio Zé não podia abandonar o seu posto. Era nele que residia toda a segurança da jugada. Se fraquejasse, a junta podia correr perigo, pois este era um trabalho cercado de perigos.

Para que o difícil trabalho de tio Zé fosse de alguma forma facilitado e diminuído o grau de perigosidade, era secundado por dois homens que, na retaguarda, perfilados a uma corda presa ao jugo, puxavam em contraforça, conseguindo sustar as ofensivas da corpulenta novilha e dominar os seus instintos bravios.

Depois de uma súbita correria pela canelha de Casares, ficava amuada, especada no poeirento caminho, indómita em prosseguir, de respiração ofegante e de baba pegajosa a escorrer-lhe da boca e toda *enludrada* nas nádegas carnudas. Mesmo jungida, deitava-se no chão, relutante; se vergastada ou aguilhoadá, não se levantava, era necessário chegar-lhe ao focinho bosta, para si o excremento mais abominável.

– Anda Bourisca, anda! – afirmava um dos verdugos quando lhe esfregava o focinho com uma pouca de bosta fresca, e ela, agoniada pelo dissabor, fazia uma careta muito feia, parecendo estar a ponto de vomitar.

Como a sua sorte mudara! Vinha-lhe à lembrança o presente enxovalho contraposto à anterior felicidade, quando tosava no lameiro com vista para o rio Cávado, quando se resfolegava, de pança farta como uma urca, à sombra da carvalha dos lameiros ou quando se encantava com a música do carro carregado, puxado pelos outros membros da manada.

Também o carro de tração animal naquele dia era impiedosamente maltratado. Não podendo seguir em linha reta devido ao percurso sinuoso que a novilha tomava, galgava pedras e reboleiras, ficava encurralado nas estreitas veredas e, estafado com o peso dos jovens, chiava desafinado. O chiar fornecia música durante a viagem, mas aumentava o nervosismo da almalha. No final precisava de ser calibrado.

Poucas dias depois, a bezerra ainda não conseguia vencer a sua cólera, mas, nas semanas seguintes, ela ia abrandar o ímpeto bravio até a pesada carga no pino do carro lhe parecer um leve fardo.

Ora, pouco tempo depois, numa manhã de inverno, a Ruda não se levantou para comer o feno que tio Zé Zarolho transportou em molho do palheiro para a corte e depois espanou com todo o cuidado no presel. A companheira levantou-se com prontidão, mal ele assomara à porta, e logo começou a manducar com apetite, ainda o dono espanava

o feno, mas ela não. Fazia isso pela primeira vez desde que se chamava Ruda.

– Mau, mau! – disse para si tio Zé quando a viu sem reação e indiferente ao tenro repasto matinal.

Ajudou-a a levantar-se. Pegou-lhe num dos chifres e impeliu-a a erguer-se. Este gesto é o equivalente a uma mãe que pega no braço levantado de uma criança sentada no chão e a ajuda a soerguer-se.

– Vamos lá, mandriona, levanta-te. Levanta-te Ruda.

Levantada a custo, permaneceu inerte no meio da corte, de orelhas baixas, olhar turvado e um pouco inchada como se já tivesse comido o seu penso e o da colega que só agora o dono depositara no presel. Deu-lhe uma palmada no espinhaço, e a vaca, a tremelicar, deu um passo em frente. Depois estremeceu como se uma tontura a tivesse percorrido.

Certificado de que estava doente, lembrou-se imediatamente do Divino Salvador, advogado do gado e muito milagreiro:

– Ó São Salvador bendito...

– Tu que tens, homem – replicou a mulher que varria a rua com um ramallete de giesta e lançava as palhas secas na corte.

– A Ruda está doente. Deve ser *agano*, e ainda ontem à noite estava boa.

– E não a sangras no focinho ou orelha?

– Não, vou antes fumá-la – asseverou o homem.

Pouco depois, estava a submeter a vaca a fumigações de betónica. Sua mulher trouxe num caldeiro brasas retiradas ao lume, que naquela altura cozia a lavadura dos porcos, e tio Zé Zarolho desprendeu de um tirante da corte um ramallete seco de betónica que logo lançou no caldeiro. A planta em contacto com as brasas ardentes soltou a sua fragrância agridoce e uma névoa espessa de fumo envolveu a frente da Ruda. Depois, passou repetidas vezes o caldeiro fumegante sob o nariz, sob o úbere e, levantando-lhe o rabo, passou-o pela *sobrancia* (pelo ânus e vagina), ou seja, junto de todas as aberturas corporais, porta de entrada de doenças, mas também das propriedades purgativas transportadas pelo fumo volátil.

– Se não lhe fizer bem, mal também não faz.

– Para o *agano* não há melhor, já dizia meu pai que Deus tem – retorquiu o homem.

No dia seguinte, receando que a causa da maleita pudesse dever-se antes ao mau-olhado – porventura algum vizinho portador deste

poder maligno congénito espreitara para dentro da corte, quando a porta estava aberta, e lançara-lho sem querer –, tio Zé decidiu esconjurar esse mal e irradiar dela os estragos que o mau-olhado pudesse ter provocado.

Ordenou, então, que sua mulher segurasse a vaca pelos cornos e ele, retirando da cabeça a boina preta, passou-lha ao correr do lombo. Fez isso três vezes, ao mesmo tempo que proferia palavras afáveis, «Ouche! Ouche!», para que vaca não receasse aquele esconjuro que só raramente era feito. Depois, segurando ele a vaca pelos cornos, sua mulher completou a benzedura com a aspersão de água-benta. Retirou de um minúsculo janelo uma garrafa e, deitando na copa da mão o líquido virtuoso, lançou-o sobre o dorso da vaca que logo contraiu o coiro, arrepiada.

– Deita mais – solicitou tio Zé. – A água-benta tem muita virtude – disse ele, sem desviar os olhos dos gestos da mulher.

O mau-olhado era um poder maléfico que certas pessoas tinham, e do qual não tinham culpa, e que consistia em provocar maleitas nos seres vivos. Era aconselhável às pessoas portadoras deste mal que, de manhã, quando se levantavam, fixassem o horizonte distante através da janela da casa e descarregassem sobre os montes toda a carga negativa da sua mente para que, livres das forças maléficas, passassem o dia sem provocar mal. Ai de quem tivesse a infelicidade de se atravessar à frente do paciente portador de mau-olhado no momento em que ele descarregava sob a montanha a sua energia negativa! Conta-se que, certa vez, aconteceu isso a uma irrequieta criança: não se apercebendo a mãe da sua presença e desconhecendo a criança o perigo que corria, atravessou-se à frente do seu olhar precisamente no momento em que descarregava a partir do janelo da cozinha o poder maléfico sobre o outeiro pedregoso. Ficou aleijada como se tivesse sido atacada de aguda enfermidade e, piorando de dia para dia, acabou por perecer.

Como no dia seguinte, depois de ter sido submetida a mais fumigações e benzeduras, a vaca continuava malsã, tio Zé Zarolho voltou-se de novo para o Divino Salvador, desesperado:

– Ó São Salvador bendito, se a Ruda sarar, levá-la-ei à Senhora da Peneda, no dia da Vossa festa, e dar-Vos-ei de esmola meio saco de centeio.

Passados alguns dias, a Ruda ainda comeu o feno do presel e a erva do lameiro com indisposição e enjoo, como se aquele fosse

alimento inadequado para o seu estômago em convalescença, mas pouco depois recuperou totalmente e, além do seu *fachuco* de feno, ainda tinha barriga para comer o da colega de corte, se ela deixasse.

A promessa tinha de ser cumprida.

No dia da festa da Senhora da Peneda, tio Zé preparou a jugada a preceito. Como parceira de jornada da Ruda escolheu a Galanta. Era uma vaca jovem e mansa que florescia nos seus cinco anos de idade. Foram jungidas com a juntura de gala e não de trabalho: eram molhelhas novas de cabedal e de rebordo vermelho; as sogas compridas, que fixavam a juntura à armação córnea, brilhavam à luz do sol por terem sido oleadas com sebo de porco; o jugo, ornamentado com motivos geométricos e florais, era vermelho e casava bem com o rebordo encarnado das molhelhas, que passava rasante às sobranceiras da jugada. Despojadas da velha coleira, com que todos os dias iam ao lameiro, foram adornadas com novas e formosas coleiras de cabedal de extravagantes fivelas metálicas e de cabedal cravejado de cravos dourados, das quais pendiam sonoras campainhas. Por fim, passou um pano húmido nos chifres sujos, que a terra de uma reboleira havia sujado quando nela retouçavam. Não podiam estar mais belas.

E deu a ordem de partida:

– Ei! Vamos! Ei vaca ei! Anda lá, Antonho – disse ti Zé ao filho que tomara a dianteira.

Atrás da jugada, de vara de aveleira comprida, tio Zé Zarolho desceu as ruas da aldeia e os restantes membros da manada acompanhavam ligeiras as jungidas, como se julgassem que iam para o lameiro e tivessem à sua espera um prado de erva marcela: a Galharda, a Loura, a Morena, a Marela, a Oliva, a Pinheira e a Pisca. Era convicção sua que, se não lhes fizesse bem acompanharem as jungidas à Senhora da Peneda, mal também não fazia, razão por que decidiu levar todo o gado em romaria.

E lá seguiram. Passaram a Portela, o Crasto e penetraram no Carvalhal de Beredo, depois de em Pulo de Lobo se demorem a tapar o biqueiro de um tapado que estava aberto e não devia. Quando chegaram à Fonte Fernando, homens e gado pararam para beber. Na Cruz Quebrada, tio Zé tirou a boina, persignou-se e balbuciou uma oração pelas almas do Purgatório. Do alto da Portela do Grito já avistaram o santuário.

À volta da capela ia grande tráfego de homens e animais à espera de oportunidade para entrar no adro. Como a pequenez do adro não

permitia que mais do que um dono circulasse com o seu gado à sua volta, o gado esperava nas cercanias e os donos guardavam-no. O gado solto, esfomeado, despontava a erva rala que crescia entre a carrasqueira; as jungidas, impacientes e incomodadas pela prisão da juntura, estavam mais cansadas do que se andassem toda a manhã a lavar.

De súbito, no preciso momento em que tio Zé entregava o produto da sua promessa - meio saco de centeio que fora transportado sobre o jugo da jugada - e o depositava num carro das vacas, onde já se encontravam mais sacos fruto das promessas dos peregrinos, rebentou grande vozeria no exterior do santuário. O povo, desligado da devoção do Divino Salvador, correu rápido na direção do rumor para não perder o espetáculo que, em dia de romaria, só poderia ser uma zaragata ou alguma chega de bois. Desta vez estava iminente uma lide, e havia alguém que gritava:

– Deixe lidar, tio Afonso, deixe lidar!

– Deixa o caraças – replicou tio Afonso. – Deixa lidar antes as tuas.

No terreiro, a norte do santuário e em terreno plano onde há pouco os tojos espinhosos haviam sido roçados, estava prestes a travar-se a lide de um boi de trabalho contra uma corpulenta vaca estéril. O boi capado e, por isso, diminuído na sua virilidade, retouçava no prado seco, fazendo levantar nuvens de pó, e bruava para impressionar e atemorizar a corpulenta vaca; e esta, sem se deixar impressionar, de cabeça retorcida e com os olhos a rola-lhe nas órbitas, fazia uma perigosa carranca. A baba pendente dava-lhe um ar assanhado.

O povo, sedento de luta, estava dividido no apoio que dava àqueles inusitados contendores. Uns gritavam «Eh capado!», outros afoutavam a vaca: «Eh Pisca!»

Como nenhum dos bovinos ficou atemorizado com as alheias exibições de força – são os usuais rituais que antecedem a lide – e como nenhum se retirou com dignidade, só o combate singular haveria de ditar qual deles era mais forte e deveria expulsar do terreiro, pela força, o mais fraco.

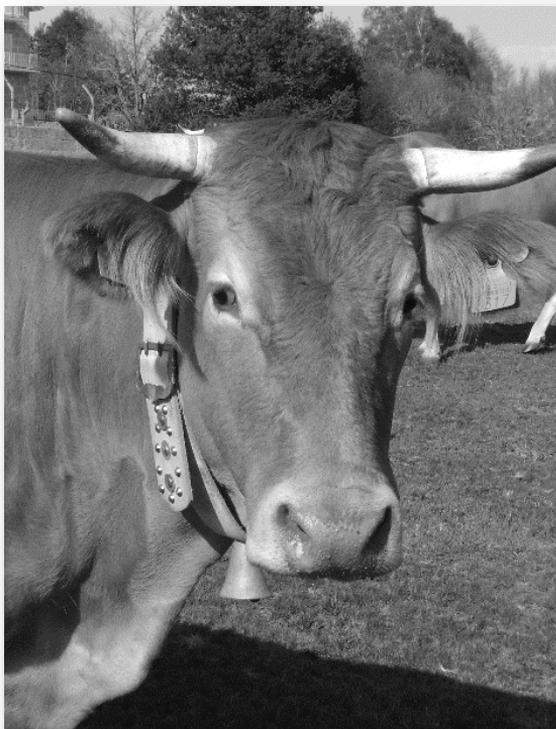
De súbito, marraram com tal ânimo, que o barulho da turra se sobrepôs ao murmúrio da multidão. E entre avanços e recuos no terreno, entre fraquejos e vontade de vencer e entre retrocessos e

apelos do povo, a vaca acabou por expulsar pela força o seu contendor.

– Ah capado que, se fosses meu, amanhã punha-te na feira!

Ainda o povo ria por uma vaca ter vencido um boi, e tio Afonso se desculpava por a má exibição do seu boi se dever ao facto de andar morto de trabalho, e já um dos mordomos, qual sinaleiro, dava instruções aos romeiros em voz alta:

– Entre agora você no adro, ti Lavradas, que ainda vai para longe. Ó ti Zé Zarolho, você é a seguir.



VIII. TIA BRANCA, A REGALADA

Em toda a aldeia não havia sogra mais amada e acarinhada do que a tia Branca. As eternas animosidades e antipatias que o convívio sob o mesmo teto de genro e sogra originam, não vicejavam na casa dela. A filha e o genro tratavam-na como uma rainha e concediam-lhe todos os mimos e conforto para lhe prolongar a vida o mais possível. Efetivamente, a velha mãe e sogra, viva, tinha para eles um valor incalculável.

Na ampla cozinha, à lareira, durante o jantar, onde nos dias de frio o fogo ardia sem cessar, unicamente por causa dela – como que a desejar matar todo o frio por que passou na infância, quando no inverno andava descalça -, a filha e o genro desfaziam-se em recomendações e à-vontades:

– Ó senhora mãe, já tomou a medicação? – perguntou a filha. – Os medicamentos tomam-se antes das refeições.

– Já tomei um comprimido azul grande, como uma feijoca, e dois pequeninos como grãos de ervilha, mas de cor vermelha – respondeu tia Branca quando, a tremelicar, dirigia o garfo na direção de um suculento naco de carne.

– Esse bocado de carne não, senhora mãe. Coma outro mais magro que lhe faz melhor à saúde.

– Bem à saúde fazia-me um copito de vinho – replicou a velha mãe. – Estou desejosa de uma pinga.

– Vinho beba, mas com moderação. O vinho tinto, se for pouco, é medicinal.

Sentindo-se amada e merecedora de todas as mordomias, as exigências de tia Branca continuam depois da refeição, sem reservas:

– Precisava de esticar estas pernas – inquiriu tia Branca. – Não quero ficar presa das pernas como a Maria Carvalhais.

– Para a rua só vai muito bem agasalhada e acompanhada – replicou o genro. – Não queremos que seja atropelada por algum carro ou que se constipe.

– Deixe-se estar aqui, senhora mãe, porque lá fora está muito frio – replicou a filha. – Aqui, à lareira, está muito quentinha.

- Veja o sofá individual que lhe comprámos, e foi para si que também comprámos a televisão nova.

– Agora já posso, quando não puder ir à missa por causa do mau tempo, vê-la na televisão. Que regalo!

Aquele amor e assistência de filha e de genro não eram acidentais, fortuitos ou desinteressados. Como a velha mãe recebia, por morte do marido em França, uma grande reforma, que era o sustentáculo de todos, a filha e o genro faziam esforços redobrados para lhe prolongar o mais possível a vida.

Era graças a ela que todos podiam viver na abundância e desfrutar de luxos raros que de outra forma lhes seriam inacessíveis. Agarravam-se, por isso, a ela como um parasita se agarra ao seu hospedeiro, como uma carraça se fila ao cachaço do cão ou como o bezerro se apega à teta da vaca e mama o delicioso leite com prazer. E conhecendo eles a fragilidade da vida e como a existência humana se cose com delicado fio, viviam com receio de que um dia esta fonte inesgotável de dinheiro fácil, esta galinha de ovos de ouro acabasse e nunca mais pudessem viver à sua sombra e segurança, sombra que já durava há muitos anos, mas não era eterna.

– Aqui não fumas por causa da tua querida sogra. Se queres fumar vais prò olho da rua – replicou a ríspida filha ao marido que tirara do bolso um maço de tabaco, rompia o selo e se preparava para fumar. – Diz-se que fumar um maço de cigarros retira cinco minutos de vida, quer ao fumador ativo, quer ao passivo.

– O que disse o médico sobre as análises dela? – perguntou ele.

– Disse que o colesterol está um pouc’ alto.

– Deve ter sido do fumeiro que há tempos comeu. Temos que lhe cortar as chouriças e alheiras.

– Para baixar o colesterol há uns chás...

– E é preciso pô-la a caminhar – replicou o genro. – Quando chegar o bom tempo é preciso retomar a tradição das caminhadas. Só lhe fazem bem.

– No verão vai para as termas e nós com ela. Vai ajudá-la a tolerar bem o reumatismo, que nos longos invernos a ataca, e a ir menos vezes ao médico. O que se gasta em termas poupa-se em hospitais e ganha-se em tempo de vida.

Tia Branca nasceu no seio de uma família de nove irmãos, constringida pela pobreza. Cedo seus pais, cabaneiros, a puseram a servir em casa de uma família da Vila, tendo aí permanecido até poucos dias antes de casar. O casamento trouxe emancipação a si e ao marido, de nome Terroso, igualmente criado de servir, mas pouco mais lhes podia trazer. Será com a emigração que as condições materiais vão melhorar.

Um dia, num rancho da segada de um lavrador rico, em casa de tio Eirão, não se falava de outra coisa senão dos magotes de homens que todas as semanas abandonavam a região. Tio Terroso decidiu, então, fazer-se à vida. Poucos dias depois, recebeu da parte do passador espanhol ordem de marcha. Integrado num grande grupo de conterrâneos, atravessou a Espanha vestido de fato e gravata, ora a pé, ora em transporte público, mais a pé do que em transporte, fazendo-se passar por turista português.

Na França, depressa arranjou emprego. Um amigo disse-lhe: «Se é para trabalhares nos esgotos, tens emprego amanhã». Aceitou, não estranhou muito e foi o único emprego que teve. Passados poucos anos, aí morreu afogado, nas margens do rio Sena, numa estação de tratamento de águas pluviais.

A viúva passou a receber uma reforma que em França era avultada, em Portugal era mais avultada e em Barroso era avultadíssima; uma reforma que sobeja para ela e ainda sobra para a filha e o genro que, graças a ela, têm uma vida regalada e de abundância. E em troca – como os animais que na natureza vivem em simbiose, proporcionando um deles alimento e outro consentindo algum tipo de favor –, eles proporcionam-lhe uma vida de bem-estar e fazem todos os esforços para lhe prolongar o mais possível a vida, a preciosa vida, como objeto inestimável ou tesouro que é preciso guardar a sete chaves.

– Hoje vamos satisfazer uma das suas pretensões, senhora mãe. Queixa-se de que nos invernos, quando chove e faz frio, tem falta de companhia, mas a partir de hoje acabou-se a solidão – replicou a filha.

– Havíamos comprado uma televisão e hoje comprámos-lhe um telefone – acrescentou o genro.

– Então agora vou-me encher de falar com a Gata e a Isaura Batalha.

– Olhe, e sabe que hoje é o dia do seu aniversário ou já se esqueceu. Sabe quantos anos vai fazer?

– Vou fazer 79 e entrar nos 80, minha filha.

– Olhe que bolo de aniversário lhe comprámos! – acrescentou o genro, enquanto riscava o fósforo que ia atear as velas sobre o bolo. – Vai ter de as apagar.

– Muitos anos de vida, senhora mãe!

– Viva! Viva!

Para lhe proporcionar bem-estar mental e ajudar a passar o tempo, impulsionaram-na a ter por companhia, nas monótonas tardes de inverno, um grupo de amigas, as quais tanto podia ela visitar como ser por elas visitada.

Quando as recebe em casa, senta-as em confortáveis sofás de onde não lhes apetece erguerem-se e oferece-lhes chá, café ou vinho quente com biscoitos. E em troca elas dão-lhe conversa, muita conversa, a qual tia Branca devora com prazer como se se alimentasse da vida alheia e já não comesse há longo tempo. Conhecendo o seu apetite voraz pela indecência, esforçam-se por lhe revelar o segredo mais íntimo, o escândalo mais pecaminoso, dramatizando a representação pelo recurso ao gesto largo, à mentira e, de vez em quando, ao leve sussurro contado em segredo aos ouvidos.

Reunida a companhia na larga cozinha, é ela que conduz a conversa, como um moderador conduz o debate. Esta autoridade e ascendente vêm-lhe do facto de todos se reunirem em sua casa e de comerem guloseimas à sua custa, mas sobretudo por possuir, relativamente às companheiras de infância, um *status* mais elevado que adquiriu depois da choruda reforma.

Ainda tia Gata vinha a subir as escadas de pedra, apoiada na bengala, de perna torcida e agarrada ao corrimão das escadas, e já a tia Branca, que a foi esperar, introduziu o tema da conversa:

– Os Cavacos lá fizeram as partilhas.

– Pois já ouvi dizer, mas venha para dentro que está frio – replicou tia Branca. – A restante companhia já chegou.

– Ora boa tarde – desejou tia Gata quando entrou na cozinha, de capa de burel pelas costas.

– Boa tarde, tia Gata – desejou a tia Vilaça. – Ora conte lá o que se passou nas partilhas dos Cavacos. O seu Zé foi um dos louvadores, e você deve estar bem informada.

– Aquilo foi para lá uma barafunda. No fim dois irmãos ainda se pegaram. Se o Cavaco velho ainda fosse vivo, morreria de vergonha.

– Razão tinha o Tintureiro, quando dizia que eles não iriam estender-se.

As partilhas eram feitas depois da morte dos progenitores. Mas bastante antes, quando os pais iam para velhos, sentiam que as forças lhes faltavam e que já não estavam à altura de desempenhar com aprumo as lides da casa de lavoura, designavam, mediante escritura, o detentor do terço. Consistia na doação *post mortem* de um terço dos bens ao filho, muitas vezes o mais velho, que ficasse em casa, dando continuidade à tradição rural da casa de lavoura para que não se escangalhasse, e que cuidasse dos pais idosos. Na altura das partilhas, a ele caberia um terço dos bens mais uma legítima igual à dos outros irmãos, o que significa que, na maior parte as vezes, acabava por herdar metade da casa de lavoura.

A divisão da herança paterna começava com a contratação dos louvadores. Cada herdeiro chamava o seu, e eram eles, a modos de um defensor ou patrono, que iam tentar arrebatat para o seu protegido, no momento das partilhas, o bocado maior ou melhor. Em dia aprazado, herdeiros e louvadores corriam todos os prédios da casa e atribuíam a cada um valor monetário. Já em casa, na posse do rol de todos os bens e do respetivo valor monetário, eram elaboradas listas equitativas e consensuais de bens, tantas quantos os herdeiros, distribuindo por cada lista um pouco de terra e de nabal – porque o novo morador, tornado independente pela posse de bens fundiários, desejaria colher centeio e batatas –, um pouco de tapado para cortar lenha e um pouco de lameiro para segar feno para o gado, e reservando para o detentor do terço uma sorte bem maior. Depois de todos acharem que as folhas estavam equitativas e que o interesse de todos estava salvaguardado, numeravam as folhas; e em pequenos papéis, que depois eram dobrados e metidos numa boina para serem sorteados, era escrito «folha 1», «folha 2», tantas quantas as sortes e os herdeiros.

Tia Gata descalçou as socas para aquecer os pés enregelados que só a muito custo o seu sangue velho conseguia aquecer e acrescentou:

– Raios partam o frio. Este ano, a primavera está a custar-lhe chegar!

– E o que aconteceu depois, tia Gata – perguntou a Penca, enquanto esborralhava as brasas do lume e fazia que as companheiras, de pernas esticadas, as recuassem para não queimarem os pés.

– O Beto tirou a boina galega da cabeça e aí foram depositados os pequenos papéis numerados e dobrados. A Júlia mexeu-os.

– E quem foi o primeiro a tirar? – perguntou tia Penca.

– O Daniel cortou uma palha em quatro bocados desiguais, tantos quantos os herdeiros, e, escondendo o comprimento das palhas, estendeu a mão aos três irmãos para que escolhessem uma palha. Ele foi o último a tirar. A palha maior calhou ao *Antonio* e foi ele o primeiro a tirar da boina o papel que indicava a folha que lhe iria caber em sorte; o Daniel, a quem coube a palha mais pequena, foi o último a tirá-lo.

– E todos ficaram satisfeitos? – perguntou tia Vilaça.

– A princípio ficaram, mas à noite é que foram elas!

– Ora conte lá – solicitou tia Isaura Batalha.

– O Beto e a Júlia trocaram de folhas, porque a ambos agradava mais a sorte do outro, mas a mulher do Daniel moeu-lhe a cabeça, afirmando que, de entre os irmãos, era ele o que tinha ficado pior, e à noite ele quis desfazer as partilhas. Além disso, alegou que era impossível que o velho pai tivesse tão pouco dinheiro no Banco. Toda a vida a poupar e só 300 contos! Depois acusou o *Antonio* de levantamentos ilegais e desonestos.

– E o confronto verbal descambou em violência física?

– Ai descambou, descambou! O *Antonio* ainda lhe mandou um sacho, que por pouco não o apanhou, e gritou-lhe: «Ah corrécio!». O que valeu ao Daniel foi os outros irmãos meterem-se ao barulho e apartarem-nos!

– E quem ficou com o lameiro da Bugalhosa? – perguntou tia Branca.

– E, na verdade, quanto dinheiro o velho tinha no Banco? – perguntou tia Penca.

A tarde ia avançada e as convivas não queriam despegar da conversa que tanto interesse tinha para elas. Foi necessária a intervenção da filha, a advertir a hora adiantada.

– Ó senhora mãe, você nem dá conta de o tempo voar. Sabe que horas são? Já são horas de tomar a medicação e cear. O comer já está preparado.

– Ó rai's vos partam! As tardes de inverno não rendem nada – comentou a mãe idosa ao levantar-se a custo do sofá.

Era a advertência, mais para as amigas do que para tia Branca, de que o serão da tarde, bem animado, tinha chegado ao fim, e que o tema de conversa introduzido por tia Isaura Batalha: de que o Mil Homens propusera ao solteirão Sanas que viesse para sua casa, agora

que não conseguia acompanhar as vacas, e que lhe deixasse todos os bens, teria de ficar para o dia seguinte.



IX. NA RUA DO CALVÁRIO. PASSOS DOLOROSOS

Quando era tempo quaresmal e os fieis queriam recordar os passos dolorosos de Cristo por meio da oração, era na rua do Calvário que se reuniam e era ao tio José Maria que confiavam a celebração da Via-Sacra de sexta-feira. Gostavam mais da Via-Sacra por ele dirigida do que da do padre Malaquias.

Pouco depois do pôr-do-sol, depois de a fazenda já estar acomodada e as pessoas já terem ceado, o sino da torre da igreja dava o toque das trindades, o qual também servia para anunciar a Via-Sacra, e os fiéis acorriam com prontidão à rua do Calvário.

Pouco depois, tio José Maria olhava à sua volta e, vendo um significativo magote de povo, melancólico na aparência e no vestir, sempre mais mulheres do que homens, dava início à Via-Sacra: «Bem, vamos lá começar».

Oração inicial

– *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*

– *Ámen.*

Senhor Jesus, a Tua paixão é a história de dor e sofrimento das nossas vidas. Nesta noite, pela Rua do Calvário, vamos Contigo percorrer o caminho da cruz e fazer juntos uma viagem na dor, na solidão, na crueldade, no mal e na morte, cientes de que é também o nosso caminho. Será igualmente um percurso na fé, na esperança, no amor e na memória de nossas vidas.

Senhor Jesus, concedei-nos as lágrimas que no momento não possuímos para lavar os nossos pecados, dai-nos a Vossa misericórdia e, no dia do último juízo, arrancai as páginas que enumeram os nossos pecados. *Ámen.*

Primeira estação: Jesus é condenado à morte.

– *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*

– *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

Segura a caldeira da água benta tio Fontão, uma vida sofrida pela condição da servidão. Quando iniciou a vida de assalariado como criado de servir – acontecia assim a muitos crianças e adolescentes e era uma das mais duras vidas, daí o provérbio: «Abaixo de criado de servir só pedir» –, tinha apenas 12 anos de idade.

Abandonou, então, a casa paterna e passou a servir numa aldeia vizinha um lavrador remediado. Aí permaneceu durante vários anos da sua adolescência, estando-lhe reservado em especial o trabalho de cuidar do gado: fazer-lhe de manhã os molhos no palheiro, desougá-las, apascentá-las nos lameiros ou no monte e, à noite, trazê-las e metê-las à corte. Este trabalho esforçado podia ser suavizado se os patrões fossem dóceis, mas, no caso de serem severos e avarentos, como era o caso, a sua atividade rural, já por si difícil para um adolescente, estaria mais dificultada.

Em troca recebia uma pequena soldada, justada ao ano por seu pai, e os usos: dormida, roupa e comida. Se a dormida era em quarto individual, incomparavelmente melhor do que em sua casa, onde vários irmãos se amontoavam na mesma cama, já a roupa acabava por ser por conta, duas a três peças por tipo; e por calçado, um par de socos bem cardados que tinha de durar todo o ano. A comida também era melhor do que na casa paterna, mas estava-lhe reservado o pior bocado da mesa dos patrões. Também não comia em abundância: a patroa avarenta fazia com a faca um sinal na grande broa de centeio para controlar a quantidade de alimento consumido e, se ultrapassasse a marca, recebia a reprimenda de que o trabalho por ele realizado não valia o pão que comera.

Se eram horas de botar o gado e o jantar ainda não estava preparado; se o gado já orneava na corte a advertir o criado da hora adiantada e as batatas só agora foram postas ao lume, ele, impaciente com o gado e ainda mais com a dona, já não esperava pelo jantar: atirava-se ao caldeiro dos porcos que já há algum tempo fervia ao lume, suspenso na cremalheira, escolhia algumas batatas mais apresentáveis, tirava-lhes a pele, depositava-as no velho prato de esmalte que já dera inumeráveis tombos e parecia durar eternamente,

deitava-lhes um fio de azeite e cebola às rodelas e devorava a austera refeição como se fosse um porcino.

Depois de chegar do monte, morto de frio e mal alimentado, era de esperar que se sentasse no velho escano da cozinha, merecedor do descanso e do calor do lume, e que só voltasse a ser incomodado pelos patrões na madrugada do dia seguinte. Mas não, imediatamente depois da ceia, a avarenta dona mandava-o aos lameiros tapar a água, esperançada de que regressasse tarde e de que naquela noite a água dormisse no seu lameiro. E era de má vontade que o fazia: «Comeste e bebeste, que estás aqui a fazer? Ala! A água anda a regar os prédios dos vizinhos».

Por vezes o patrão contrariava a ordem da mulher, afirmando: «Deixa lá o moço que veio do monte morto de frio», mas este lamento, que não era suficiente para que a dona recuasse na sua ordem, recebia a seguinte resposta: «Eu não o estou a mandar, estou antes a mandar o dinheiro que lhe pago».

Tio Fontão, como criado diligente, aceitava esta situação humilhante sem protestos, mas com mágoa. Se tivesse a garantia de uma vida melhor às ordens de um novo patrão, não hesitaria... «Criados e bois, um ano até dois».

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Pai-nosso que estais no Céu...*

Segunda estação: Jesus toma a cruz aos ombros.

– *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*

– *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

Tio Carvoeiro era um pobre cabaneiro que ganhava o pão com o suor do seu rosto: a fazer carvão, «manutenção de pobres», nos montes da sua aldeia e ir vendê-lo a Chaves. A sua cruz era das mais pesadas.

Nos montes da aldeia, arrancava torgos de urzeira à mão. Quando estavam enterrados e eram de difícil extração, servia-se da sachola, ou então, no caso de ser necessário cortar raízes, do enxadão. Tendo um monte suficiente de lenha, abria uma cova profunda e aí amontoava os torgos arrancados à terra. Chegava-lhes fogo e, com o apoio de um lareiro, ia virando a lenha ígnea para que ficasse suficiente e equitativamente ardida. Ao estar no ponto (os carvoeiros diziam antes

ao estar cozido), o carvão tinha de ser abafado para fazer cessar o processo de ignição e não ficar moído. Cobria, então, o buraco com lajes de pedra, por cima punha torrões e, para o carvão ficar bem abafado, cavava a terra à volta do buraco, lançava-a sobre os torrões fumegantes e batia-a com a enxada. Findo este trabalho, podia regressar a casa.

Um ou dois dias depois, descobria o buraco, retirava o carvão que ainda exalava tépidos calores e ensacava-o. No geral fazia quatro sacos, três dos quais serviam de carga ao burro (dois de lado da albarda e um no meio) e o quarto era por si transportado às costas, como se fosse uma cruz, de Cambeses a Chaves, a mais de 30 quilómetros de distância, quer fosse de dia ou de noite, com bom tempo ou sob chuva e trovoadas. Esta viagem forçada podia ser feita uma ou duas vezes por semana.

No geral, ensacava o carvão no final da tarde, depois de andar todo o dia a trabalhar, e, carregado o burro, arrancava direito a Chaves. Ao lusco-fusco já tinha passado Medeiros; por volta da meia-noite, iluminado o caminho pelo bruxulear prateado das estrelas, descia rápido a serra do Leiranco. «P'ra baixo todos os santos ajudam». Quando os galos cantavam já ele estava nos arrabaldes de Chaves, com os pés em bolha. Descarregava o burro, estendia a capa de burel sobre o prado fresco onde o burro pastava e depressa adormecia. Mas não era por muito tempo. A claridade da manhã, a preocupação do momento e a presença de outros carvoeiros depressa o acordavam. Comia um naco de pão e uma *talisca* de toucinho, pagava a “guia diária”, uma taxa de intendência para poder vender a sua mercadoria na cidade, a qual representava cerca de 10% da pobre soldada, e dirigia-se para o centro com a expectativa de que o iria vender todo. Havia forte competição, mas as pessoas preferiam o seu carvão por ser de torgo.

No centro da cidade – era aí que residiam os melhores clientes – andava de rua em rua e de porta em porta, fazendo anunciar a sua presença. Só abandonava a cidade depois da mercadoria vendida, o que geralmente acontecia no final da manhã.

No regresso, podia transportar alimentos para o gasto da casa ou odres de vinho que alguém lhe encomendara, os quais faziam cansar o burro quando subia a serra do Pindo, ou então, bem melhor, podia vir ele sobre o burro, a dormir.

- *Senhor, tende piedade de nós.*
- *Senhor, tende piedade de nós.*
- *Pai-nosso que estais no Céu...*

Terceira estação: Jesus cai pela primeira vez.

- *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*
- *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

Segura a cruz processional o tio Monteiro. Como não conseguia aturar mais o seu severo pai, certo dia, andando com ele a lavrar a terra de Tralhoás, fugiu da frente da jugada, pediu dinheiro emprestado e cruzou nesse dia a raia galega com o objetivo de alcançar França.

Depois de ter permanecido três dias na aldeia galega do passador, dormindo num palheiro, foi integrado num grupo de 30 companheiros que, tal como ele, desejavam emigrar clandestinamente. O contingente dos barrosões distinguia-se do dos minhotos por trajar samarra com pele de raposa. Parte deles não precisava de emigrar, já que eram lavradores remediados, mas naquele tempo a França, ou pelo menos o que dela se dizia, era uma tentação e poucos escaparam a esse feitiço.

A maior parte dos percursos foi feito a pé e a menor em camião, um velho camião de tolde, imundo de excrementos e onde o bidão para as necessidades corria de mão em mão. A travessia a corta-mato das montanhas inóspitas e agrestes dos Pirenéus ocidentais, sob chuva ou neve, suportando o frio, a fome e a sede, e sempre com receio de ser surpreendido pela guarda espanhola, exigia dos viajantes esforços redobrados. Este perigo, sempre iminente e muito receado, acabou por acontecer já perto de Irum.

Fustigados em plena serra pelo vento, chuva e nevoeiro e abandonados pelo passador, receoso de represálias por haver conduzido os viajantes àquela perigosa situação, tio Monteiro e alguns companheiros perderam-se do grupo. Quando estavam recolhidos numa cabana de gado a aquecerem-se e secarem a roupa, para depois prosseguirem caminho, convictos de que poderiam ali descansar um pouco, ouviram no exterior os tiros da guarda que tinha cercado o casebre.

Naquela noite dormiu algemado no posto da guarda de Irum, na seguinte, no posto de Ordaz. No tribunal de Pamplona, o juiz, metendo-lhe o cano de uma espingarda na boca, disse-lhe que pouco

faltava para premir o gatilho. Nas semanas seguintes, conheceu as prisões de Pamplona, Vitória, Burgos, Valladolid, Salamanca, Ciudad Rodrigo e Fontes de Oñoro, onde foi visitado pela PIDE e desalgemado. Em Vilar Formoso foi libertado e entregue à sua sorte. Quando transpunha a entrada da casa, um mês depois, de barba crescida, macerado e muito magro, a porta foi-lhe barrada por sua mulher que não o reconhecera: «Vossemecê o que deseja? Esta não é a sua casa!» E, quando descalçou as botas de pedreira, todas as unhas se soltaram e vieram agarradas às meias.

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Pai-nosso que estais no Céu...*

Quarta estação: Jesus encontra a sua mãe.

– *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*

– *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

Segura uma vela a tia Vilaça, outra alma sofrida pela vida de penúria. Nos primeiros anos de casada, passou a habitar uma pobre choupana encostada a uma grande rocha, a qual lhe servia de parede de fundo e de baluarte para que aquela frágil construção de colmo não se desmoronasse. Mas como aquele espaço já era a morada do gado de seu homem, as duas vacas, inquilinas da corte, tiveram de encostar a um lado para que, compartilhando o espaço, os donos se pudessem instalar na nova divisão, entretanto criada.

À noite, no recanto do lar, quando a candeia deixava de bruxulear por falta de petróleo, servia-se de guiços de urzeira ou de abrótega. Tirava dois guiços de abrótega do molho pousado por trás do escano, recolhidos nos lameiros segados, aproximava-os das brasas vivas do lume que fazia ferver o pote das batatas, e, em chama, como uma pequena tocha, enfiava-os na parede ou na cremalheira. Ardendo lentamente, forneciam luz suficiente para ver se as batatas já estavam cozidas, para comer rapidamente a austera refeição ou para enfiar a linha no fundo da agulha depois da ceia. À luz e calor do lume da lareira ou dos guiços de luz efémera, ela, o seu homem e filhos comeram muito caldo de farinha e muita água-de-pão, dois sóbrios e típicos pratos da aldeia; e o pouco alimento que havia era repartido por muitas bocas.

Andou sempre descalça. Mesmo quando acompanhava a mãe a Chaves para vender o carvão ia descalça. As alpergatas de lona que transportava a tiracolo só eram calçadas à entrada da cidade. E já mulher casada, descalçava os socos nas suas deslocações para o campo e punha-os ao ombro para os poupar. E seu homem levava às costas um cesto e lá dentro o filho que ainda gatinhava. Colocado à sombra de um carvalho, sob o olhar tutelar de seus pais, não se cansava de brincar com bugalhos.

Certo dia, encontrava-se em estado adiantado de gravidez, foi aos tojos ao monte, mas foi surpreendida pela iminência do parto. Quando levantava na forcada uma das últimas gabelas de tojos, pesada como uma cruz, para depositar em cima do carro onde se encontrava a seu homem a carregar, sentiu fortes dores abdominais e a aproximação do parto. As dores iam e vinham.

Naquele dia o carro rolou mais depressa no caminho poeirento que do monte desce até à aldeia. Tia Vilaça consegue retardar o parto por algum tempo, mas ao abrir o fecho de madeira da porta da corte, onde o carro de tojos devia ser metido, deixou de fixar com força o baixo-ventre e o filho nasceu mesmo ali, à entrada da corte, sem que a mãe conseguisse subir as velhas escadas interiores de pedra, gastas pelas cardas dos inúmeros pares de socos que as escalaram, transpor a porta da cozinha e parir à lareira, como era o seu desejo e já antes havia feito. Era assim a preparação para o parto de tia Vilaça e o apoio pré-natal.

- *Senhor, tende piedade de nós.*
- *Senhor, tende piedade de nós.*
- *Pai-nosso que estais no Céu...*

Quinta estação: Jesus é ajudado por Simão de Cirene.

- *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*
- *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

Tio Simão já não consegue genufletir. Genufletir exige agilidade de membros e flexibilidade de pernas, as quais já há muito ele perdeu. Em vez disso dobra levemente os dois joelhos, como se estivesse para se sentar.

Quando começou a sua vida de casado, não era fácil encontrar no monte baldio sítio onde pudesse roçar estrume e cortar lenha. Os

tapados eram bons, mas tinham dono e, no monte baldio, não se encontrava sítio onde medrasse carvalho encorpado que pudesse alimentar com demora o fogo de uma lareira ou giestas graúdas que fizessem um molho comprido para estrumar uma corte com a qualidade necessária. O melhor sítio era no território galego, mas não lhe era permitido cruzar a raia com o gado jungido; tal como aos galegos não lhes era permitido cruzar a raia portuguesa com carro aposto à jugada. A guarda-fiscal exercia vigilância apertada e autuava os infratores com coima pesada.

Mas a necessidade aguça o engenho, e tio Simão e demais lavradores, adestrados pela vida de penúria, sabiam contornar o problema. Perto da linha de fronteira, desapunham o carro, e eram os próprios donos com a sua gente que o puxavam: vazio para o lado galego; carregado de lenha ou giestas, bem mais custoso, para o lado português, uns agarrados ao pino, às rodas ou aos estadulhos; outros cravando forquilhas na retaguarda do próprio carro e impelindo-o. Aqueles eram carros de tração humana, pesados como cruces, e onde o homem desce à condição de besta.

Se por acaso uma das suas duas vacas adoecesse ou parisse e precisasse de apor o carro, pedia uma emprestada ao vizinho. O bem emprestado era depois devolvido e o favor pago com dias de trabalho na segada, malhada, arranque das batatas ou carreto da lenha.

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Pai-nosso que estais no Céu...*

Sexta estação: Verónica enxuga o rosto de Jesus.

– *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*

– *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

Tia Rabuda tem uma corcunda como se transportasse às costas uma pesada cruz. E não é que transporta? Como não possuía terra suficiente para alimentar a casa, pois era cabaneira – os mais pobres dos aldeões que dispunham de bens muito limitados como a pobre casa, horta, porco e algumas galinhas – e viúva, respigava depois da colheita nos campos alheios, como fazia Rute no campo de Booz (*Rute 2, 2-7*). Este expediente antigo tinha a designação de “andar ao

rebusco” e, sendo consentido pelos donos dos terrenos, era uma espécie de privilégio dos mais pobres.

Depois da recolha do centeio, imediatamente depois, não fosse outro cabaneiro adiantar-se, ela patrulhava as terras de restolho à procura de espigas isoladas que por ali haviam ficado perdidas. Juntava-as todas num ou dois feixes, atava-os, metia-os dentro de um ou dois sacos, não fosse alguma perder-se, e transportava-os para casa como se fosse uma cruz. Depois, malhava com uma vara a sua magra colheita e, nos dias de vento, joeirava-a, separando o grão da moanha.

De igual forma, depois de o legítimo dono do terreno arrancar as batatas, percorria o campo de cesta no braço à procura das batatas que eram visíveis a um primeiro olhar; depois – ela dava-se a esse trabalho! – sachava a eito a terra ou nabal à procura das poucas que ali ficaram enterradas. No final do dia carregava a sua colheita num cesto, era a sua cruz, e regressava a casa.

Certo dia, um lavrador viu-a a rebuscar uma terra sua. Fingindo não se importar, seguiu caminho. Algum tempo depois, quando ela estava a terminar a tarefa e tinha reunido quase que uma cesta de batatas, surge o dono e confisca-lhe o produto da colheita arrancado à terra à custa de tanto esforço, alegando que estava ilegalmente na sua terra.

- *Senhor, tende piedade de nós.*
- *Senhor, tende piedade de nós.*
- *Pai-nosso que estais no Céu...*

Sétima estação: Jesus cai pela segunda vez.

- *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*
- *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

Tia Galega, outra alma sofrida, carrou muita bosta. Como não tinha eira de pedra onde o centeio pudesse ser malhado sem se sujar com terra ou areia – só estas eiras estavam devidamente preparadas, mas eram poucas e tinham dono –, tinha de malhar na sua eira de piso térreo. Mas primeiro era preciso prepará-la, era preciso “borrar a eira”.

No verão, andava com um caldeiro de latão pelas cortes alheias ou caminhos à procura de bosta limpa. Tal como para muitas outras tarefas (p. ex., andar ao rebusco, atravessar o lameiro há pouco segado e cortar ou roçar em monte baldio), não era preciso pedir autorização

aos donos para invadir cortes privadas. A bosta por si transportada como quem transporta uma cruz era *ameroucada* no meio da eira e, havendo bosta suficiente e estando a aproximar-se o dia da malhada, era preciso amassá-la.

Seu homem, descalço, de calças arregaçadas até ao joelho e munido de uma enxada e de um caldeiro de água, amassava a bosta juntando água suficiente, precisamente como faz o trolha que prepara a massa de areia e cimento. Depois, com um rodo de madeira (instrumento que serve para alisar e deslocar sólidos), ia estendendo a bosta pela eira de terra. No final, servia-se de uma conhadreira (um grande ramalhete de árvore) ou de um basculho (molho de giestas) para alisar a eira, dando-lhe o acabamento final.

A bosta exposta ao calor de agosto depressa secava e, como toda a massa, ganhava consistência e tornava-se dura, podendo aguentar o peso de pessoas e a atividade rural de malhar o centeio a malho. Porém, enquanto não secasse, era preciso guardá-la dos animais domésticos, sobretudo das pitas, que viam nas sementes não digeridas da bosta uma abundante fonte de alimento.

Integrado no ciclo do pão, o borrar da eira era apenas uma pequena parte de um extenuante trabalho. Antes de o pão de centeio chegar à mesa e ser consumido com apetite voraz, era preciso estercar, lavar, semear (em setembro), engradar, segar (em julho), atar, *emmedar* na terra em meda pequena, transportar para a eira, borrar a eira, *emmedar* na eira em meda grande, malhar a malho, limpar ou joear em dia de vento e transportar para a caixa. Depois, era preciso transportar para o moinho, moer, peneirar, amassar e cozer no forno.

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Pai-nosso que estais no Céu...*

Oitava estação: Jesus fala às mulheres de Jerusalém.

– *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*

– *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

Segura outra vela a tia Reguincha, uma alma amargurada pela vida de pobreza durante a infância. O seu pai morreu no lameiro de Cova Ladrão, enquanto guardava as quatro ovelhas meirinhas (que iriam fornecer lã suficiente para os gastos da casa e alguns reixelos

para abate) e outras tantas vacas, duas das quais eram suas e as outras tinha-as “a meias” com um lavrador da aldeia vizinha. Este tipo de contrato de enfiteuse consistia no seguinte: as vacas eram propriedade do lavrador que as cedia, eram alimentadas por seu pai (podendo dispor delas para trabalhar na lavoura quanto desejasse) e o rendimento que provinha da venda das crias era metade para cada um. Daí o nome “a meias”, pela metade.

Como, depois da morte do pai, a sua mãe deu continuidade à casa de lavoura, mantendo o mesmo número de animais e cultivando os mesmos terrenos, a moça Reguincha, por ser a mais velha, foi chamada a assumir responsabilidades de adulto. Cabia-lhe ora a guarda dos irmãos, ora o pastoreio do gado. Por isso nunca foi à escola.

Quando o irmão mais novo nasceu – já o pai tinha falecido –, dormiam quatro na cama com a mãe. Estava ele a nascer e os irmãos mais crescidos a espreitarem, cheios de curiosidade, por baixo dos cobertores a chegada do irmão. A mãe, porém, com voz sofrida, dizia-lhes para se virarem para o lado e dormirem.

Como a roupa de criança era pouca e remendada, ela lavava-a à noite para a poder vestir de manhã. Também andava sempre descalça e ainda se recorda bem do dia em que calçou as primeiras socas abertas: foi quando, já adulta, partiu para Lisboa para servir na casa de um senhor rico, ministro de Salazar.

A opção por Lisboa foi conselho de uma sua tia, que uns anos antes tinha abandonado a aldeia para se juntar a um conterrâneo seu, de quem gostava e com quem pouco depois casou. Como este amor discreto mas sentido era constantemente contrariado por seus pais, os quais não se importavam de recorrer ao insulto e à violência para o desmanchar, ela, certo dia, fugiu de casa, sem lhes dar conhecimento.

Mais tarde, a moça Reguincha casou em Lisboa e, como muitos barrosões que demandavam a capital, trabalhava o homem no duro trabalho da estiva e a mulher como criada em casa de gente de posses. A sua pequena estatura, os seus dedos esguios, os seus braços delgados eram os ideais para a realização de determinados trabalhos servis e domésticos. Passados muitos anos, os donos promoveram-na a camareira, reconhecidos pela sua dedicação e comovidos pela humildade e simpatia.

– *Senhor, tende piedade de nós.*

- *Senhor, tende piedade de nós.*
- *Pai-nosso que estais no Céu...*

Nona estação: Jesus cai pela terceira vez.

- *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*
- *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

Tio Peseta buscava no contrabando recursos monetários para sobreviver e alimentar a numerosa prole. Quantas vezes, de manhã, no lugar das Forçadas, se despedia da mulher, tomando ele o caminho da raia galega de fardo às costas – era a sua cruz – e ela o caminho de Chaves, onde ia vender manteiga. Que esforço! Passara tempo sem fim na cozinha a bater o leite, e os filhos de olhos remelosos à espera de um bocadinho que, quando chegava, não era mais do que as escorrências no fundo do púcaro.

Tio Peseta podia contrabandear produtos de primeira necessidade para consumo da casa, mas a maior parte das vezes estava ao serviço de um empregador, mediante soldada. Para Espanha levava sobretudo ovos (os quais tinham de chegar ao destino intactos), café e sabão; trazia bacalhau, chapéus e ferragens, especialmente gadanhos. Em tempos mais recuados transacionou volfrâmio, mais recentemente negociou gado e peles. Chegava a fazer duas viagens por dia, num total de 35 quilómetros carregado. Os trilhos da serra, a caminho de Espanha, eram a sua “via sagrada”. Como a guarda não lhe dava descanso, chegando a apreender-lhe o contrabando e a vergastá-lo por ser reincidente, via-se na necessidade de alterar com frequência a rota e a hora do percurso.

Os filhos andavam sempre descalços, sujos e muito moncosos. As calças e ceroulas eram muito práticas e funcionais: tinham uma pequena abertura pela frente e outra mais ampla na parte anterior, que lhes permitiam fazer as necessidades com facilidade. Quando eram maiores, tinham vergonha da vestimenta e de exhibir as partes pudendas em público, e tia Senhorinha fazia a mesma fatiota, mas já sem rachas.

Na ausência dos pais, ficavam ao encargo do mais velho e sob a sua tutela jogavam à bola, felizes, com a bexiga do porco, que o pai aproveitara no dia da matança, com o objetivo de presentear os filhos pelo Natal. Não havia presente que mais contentasse os rapazes. Na

altura das sementeiras, pegavam em dois testos e iam espantar a passarada às terras recém-semeadas.

- *Senhor, tende piedade de nós.*
- *Senhor, tende piedade de nós.*
- *Pai-nosso que estais no Céu...*

Décima estação: Jesus é despojado de suas vestes.

- *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*
- *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

Tio Raposeiro era bastante surdo, mas foi à inspeção militar e ficou apurado. Ele protestou, mas de nada valeu. Disse-lhe um oficial: «És surdo, mas se chamar por ti p’ra vires comer, tu vens, não vens?» «Ai lá isso vou, só se não ouvir!» – retorquiu ele, na sua inocência. Foi com base neste argumento incontroverso que ficou apurado e que foi, pouco depois, mobilizado para Goa.

Quando os seus conterrâneos souberam que ia para a Índia, não se cansavam de lhe dar os parabéns: «Que sorte tiveste! Vais-te encher de conhecer mundo», dizia-lhe um. «Um teu tio-avô amputou o dedo indicador da mão direita para não ser mobilizado prà França, durante a Grande Guerra, mas tu não precisas de fazer tal coisa. Numa terra onde se vive em sossego e onde não é preciso dar um tiro, vais ter umas exóticas e prolongadas férias. Quem me dera!», dizia-lhe outro. Mas férias como as dele, num campo de prisioneiros, não deseja ao seu maior inimigo.

Num dia de madrugada, dormia ele na caserna apenas com um lençol a cobri-lo, foi acordado pelas detonações de obuses lá longe. A princípio nem ele nem os companheiros sabiam o que se estava a passar, mas pouco depois, quando as detonações já ecoavam mais perto, foi informado pelo comandante de companhia que a União Indiana estava a invadir Goa. Rapidamente os homens do seu quartel se organizaram na defesa da colónia, destruindo pontes e erguendo barreiras para dificultar o avanço do invasor e destruindo bens úteis, à medida que recuavam, mas de nada valeu contra a enorme massa de homens e meios. O melhor foi render-se e confiar na clemência do inimigo.

Rendeu-se numa trincheira, sem arma, e foi encaminhado para um campo de prisioneiros, onde já estavam muitos portugueses e onde,

nos dias seguintes, mais deram entrada. Pouco depois, foi transferido para um campo de trabalhos forçados, nas margens de um rio, onde durante vários meses ajudou a reconstruir uma ponte que dias antes havia sido destruída para conter o avanço do inimigo.

Trabalhou arduamente a troco de vexames permanentes e de má alimentação: arroz com gorgulho e feijão com caruncho, falta de higiene e roupa esfarrapada – dava bem para entender que os indianos não gostavam dos portugueses – e sob forte escrutínio, o que tornava impossível qualquer rebelião ou fuga. Essa animosidade repetiu-se quando chegou a Lisboa em 1962, com 25 quilos a menos – lá deixara a carne, mas trazia os ossos – e foi bem recebido pelos familiares, mas muito mal pelo regime, que preferiria que os soldados tivessem derramado o seu sangue pela pátria.

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Pai-nosso que estais no Céu...*

Décima primeira estação: Jesus é pregado na cruz.

– *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*

– *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

Segura outra vela tio Labaredas, exemplo de abnegação, ascese e penitência quaresmal, pela facilidade com que supera os vícios. Podia passar sem vinho, mas não sem o cigarro, porque era um inveterado fumador. Porém, quando o maço de cigarros passou a custar dois Euros – ele nunca se habituou à nova moeda e continuava a dizer quatrocentos escudos –, nunca mais vicejou nele o vício do tabaco.

Enquanto na cidade o homem comum precisa de recorrer ao apoio médico e submeter-se a prolongadas e modernas terapias (para depois a maior parte dos pacientes recair no vício), para tio Labaredas deixar de fumar bastou simplesmente que o preço subisse. E não houve recaídas, nem sintomas adversos, como irritabilidade, agressividade ou cefaleia... Aliás, já passou todas as etapas em que poderia reincidir, mas não reincidiu. Para pessoas da sua têmpera não é preciso um Programa Nacional de Controlo do Tabagismo.

Consegue superar com facilidade os vícios por causa das provações a que submeteu o corpo, mais temperado do que aço, durante uma longa vida de pobreza e de necessidade. Como não tinha

terras nem lameiros onde pudesse manter uma manada de gado (era, efetivamente, um cabaneiro), andava à jeira e era na condição de jeirante que mostrava disponibilidade para trabalhar nos mais variados serviços, quer na sua aldeia, quer nas aldeias vizinhas ou na Ribeira, assim eram chamados os concelhos vizinhos de Montalegre, de clima mais ameno.

Na Ribeira, onde passava temporadas de vinte dias a um mês ao serviço de vários patrões, a segar ou vindimar, dormia em palheiros; e quando chegava a hora da refeição, tomada no próprio local para evitar deslocações e perdas de rendimento, serviam-lhe o pobre alimento à *regaleira* do sol para se despachar e retomar o trabalho agrícola o mais rapidamente possível.

Na sua aldeia, por várias vezes ganhou a guarda do boi do povo a troco de sessenta alqueires de centeio, num concurso que era público, válido por um ano e era vencido por aquele vizinho que fizesse o preço mais baixo; por muitos anos a sua mulher ganhou a guarda da vezeira dos porcos, que começava no dia de Páscoa e terminava na feira de Santos; e por várias vezes fez a guarda da água da rega durante o verão, igualmente pago a centeio, depois de, em concurso público realizado para esse efeito, ter feito o preço mais baixo.

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Pai-nosso que estais no Céu...*

Décima segunda estação: Jesus morre na cruz.

– *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*

– *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

Quando o moinho de Porto-Barriga andava à roda e chegava a vez de o pai de tio Terroso moer, era ele o encarregado de transportar o centeio e de, na volta, trazer a farinha. Tinha também a tarefa de tapar a água ao moinho, limpar a folha que se acumulava à entrada da cana e não o deixar abarbar, isto é, não permitir que houvesse paragens pela acumulação de farinha entre as duas mós. Tinha ainda o encargo de guardar o cereal durante a noite, o que implicava lá dormir, pois era costume, nos fracos anos cerealíferos, assaltar os moinhos: roubavam o centeio da moenga, a caixa piramidal invertida, e varriam a farinha já moída, tão grande era a fome.

Nesses fracos anos de produção agrícola, os lavradores mais abastados dispunham de cereal velho e podiam socorrer-se dele durante algum tempo, mas quem não o tivesse não dispunha de pão, o principal alimento, e tinha de se socorrer de alimentos alternativos, como a batata; ou então demandar Montalegre, onde a Câmara organizava a distribuição de pão que, de tão pouco, mal dava para o caminheiro que se dispunha a fazer tão longo percurso, quase sempre descalço.

No final do dia, tio Terroso preparava-se para passar a noite no moinho. Carregava o burro com uma manta – era com ela que iria matar o frio da noite –, por cima dela colocava, atravessado, o saco de centeio que iria ser transformado em farinha e o saco da merenda, quase sempre um pedaço de pão, uma *talisca* de fêvera e vinho ou aguardente numa garrafa. A sachola e o lampião eram por si transportados.

Enquanto fosse dia, o burro, liberto das amarras, pastava nas cercanias e aí podia esticar as pernas, ao passo que tio Terroso procurava lenha seca que pudesse alimentar a fogueira que era acesa na lareira, pois aquele moinho tinha uma pequena lareira com chaminé. Mas quando anoitecia, dono e azémola instalavam-se na minúscula câmara do moinho: o dono junto à lareira, sentado sobre um canhoto que em breve iria alimentar a fogueira, e o burro junto à porta, preso pela arreata muito curta que lhe restringia duramente a liberdade de movimentos e que mal permitia que se deitasse.

Aí, à luz do lume ou do lampião e a degustar pão com aguardente, pernoitava ele, atordoado pelo *taramelar* do *tarabelo* na mó e pelo rumor que a água sob tensão produzia quando era precipitada de encontro às penas do rodízio; e sempre com receio de que alguma borralha saltasse do lume e pegasse fogo ao moinho ou que os descarados ratos passassem por cima das mantas, no percurso que faziam até às mós, onde se fartavam da nutritiva farinha.

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Pai-nosso que estais no Céu...*

Décima terceira estação: Jesus é retirado da cruz.

– *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*

– *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

Tio Diabo não parece ser quem foi. Atualmente passa o ano ora em França, onde estão os filhos, ora na aldeia, onde tem casa, mas no passado foi um dos membros de uma família de nómadas, a quem chamavam Os da Volta. O nome tem a ver com o percurso oblongo que estes nómadas seguiam pelas aldeias do concelho e com a volta que davam nas suas extremidades.

De povo em povo com os seus burros, carroça (sobre a qual ia a forja), mulher e filhos, instalavam-se no forno do povo, a sua morada temporária, e estavam disponíveis para executar tarefas variegadas a troco de recompensa: fazer candeeiros, lanternas e agulhetas de meia ou renda; remendar potes, soldar caçarolas, candeias ou lanternas; e consertar as fissuras dos pratos e malgas de barro que o uso havia aberto, através da aplicação de pontos de fino arame, num trabalho similar à costura das mulheres. Todos os concertos eram feitos no largo da rua do forno e, em recompensa, recebiam algum dinheiro e géneros: unto para o caldo, pão ou batatas para a refeição, palha para dormirem sobre ela no tendal do forno ou um *fachuco* de feno para os burros.

Quando os moradores queriam cozer e eles ainda estavam no forno – ou porque tinham planeado ficar mais uma noite ou porque o forno da aldeia seguinte estava ocupado por outro clã –, partilhavam o forno com o herdeiro que queria cozer, encostando-se a um canto para que ele pudesse aquecer o forno e preparar a massa no tendal. Quando o pão era retirado do forno, o momento mais aguardado, crianças e adultos, de olhar penetrante e a salivar, seguiam o percurso do pão que era retirado quente do forno e colocado sobre o tendal de granito, na esperança de que não fossem esquecidos.

Nos anos sessenta, o novo destino de tio Diabo e de seus filhos, que foram criados pelos fornos como ele, foi a emigração e, pode dizer-se, «deram a volta por cima». Tio Diabo comprou um Mercedes em segunda mão, com o qual se passeia ostensivamente na aldeia, para que as pessoas vejam quanto mudou para melhor a sua vida.

Era uma vida profundamente miserável e, no entanto, ainda havia alguém que, na escala social, estava um ponto abaixo: eram os pedintes.

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Senhor, tende piedade de nós.*

– *Pai-nosso que estais no Céu...*

Décima quarta estação: Jesus é sepultado.

– *Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Cristo.*

– *Porque com a Vossa santa cruz remistes o mundo.*

A cruz processional pára junto à casa de tia Sangalha. Enquanto pôde, participou na Via-Sacra em pessoa, mas agora, tolhida das pernas e sem forças, raramente sai de casa. Quando o tempo está melhor e se atreve a sair, serve-se de duas camolas, cada uma em sua mão, porque só uma não é suficiente.

Uma das suas distrações na Quaresma é ouvir a Via-Sacra lá de dentro, na única estação, a XIV, em que isso é possível por parar junto à sua porta; a outra distração, e essa dura todo o ano, é passar o dia no janelo da cozinha a espiar a rua que desce e a observar os poucos transeuntes que só ocasionalmente por lá passam.

Quando uma manada de gado sobe a rua, fica admirada e roída de inveja por ver tanta vaca e põe-se a cogitar de quem serão elas. Esse exercício intelectual distrai-a e ajuda-a a matar o tempo. Quando a manada está quase a dobrar a esquina e a ficar fora do seu ângulo de visão, ela estica a cabeça até ao canto da janela para nada perder daquela cena campestre, que para ela é motivo de grande distração.

Noutro tempo, tia Sangalha encontrava-se no ponto mais baixo da escala social: era pedinte. Para ela o dia começava bem cedo. Pegava no burro e ia pedir para longe, onde não fosse reconhecida. E como era difícil arrancar àquelas almas endurecidas, tão pobres como ela, uma pequena esmola sob a forma de dinheiro ou de alimento, servindo-se de expedientes afetivos para tocar os corações das pessoas que não se dobravam aos seus rogos, ela pedia para ajudar a erguer casa queimada: «Uma esmolinha, minha senhora, p’ra ajudar a erguer casa ardida!». «Vossemecê d’ onde é?» – interrogava a dona da casa.

Outras vezes, fazia-se merecedora da esmola, desejando boa saúde ao dono da casa onde pedia e o eterno descanso aos familiares já falecidos: «Uma esmola, meu senhor. Deus lhe dê muita saúde e um eterno descanso aos familiares da casa, entretanto já falecidos». Depois rezava um Padre-Nosso e uma Ave-Maria em voz alta.

Com a chegada da noite e ainda longe de casa, buscava refúgio no forno do povo; se estivesse ocupado, ou prosseguia viagem até ao forno da próxima aldeia ou pedia um palheiro ou corte para pernoitar.

Dizia-lhe então o dono: «Ó mulher, você assim passa mal». «Passar bem ou passar mal tudo é chegar à morte», retorquia ela com amargura e vergonha.

- *Senhor, tende piedade de nós.*
- *Senhor, tende piedade de nós.*
- *Pai-nosso que estais no Céu...*

Oração final

Senhor Jesus Cristo, nós temos admiração e reconhecimento pela Tua vida, modelo de perfeição, e pela Tua mensagem, que é uma proposta ideal de vida; já não temos tanta admiração pelos Teus atrozes sofrimentos, porque sabemos bem o que é a dor, a carência e o peso de uma penosa cruz ao longo de uma extensa vida. Foi por esta cruz e pelo Teu sofrimento que nós encontramos sempre o auxílio e o socorro de que necessitávamos.

Apesar das dificuldades e do sofrimento desumano, agradecemos, Senhor, o dom da longa vida e os Teus constantes benefícios. Faz que nos acompanhe para sempre um agradecimento imenso à Tua vontade e que a nossa pesada cruz, a qual queremos com amor e com a Tua ajuda levar até ao fim, sirva de perdão aos nossos pecados na altura em que tivermos de Te prestar contas.

- *Amem.*
- *Amem.*



X. TIO LAVRADAS: QUEDA NO PRECIPÍCIO

— **V**ira Galanta ò rego, vira. Eeei!
Agarrado à rabiça do arado com a mão direita, e na esquerda a vara comprida com que encorajava o seu gado, tio Lavradas pontapeava com a bota os pedaços de leiva que não tombaram completamente e da boca soltava uma alegre cantilena com que espantava os males do espírito e incutia ânimo ao gado:

*Atiraste-me, atirei-te
Encontraram-se as pedradas
Quando as pedras se encontram
Que farão as nossas falas.*

— Ooou! Vira cá, vira! Ei vaca eeei!

No extremo da terra havia uma pequena colina e a jugada, amarrada por leve juntura, abrandava o ímpeto e parecia desfalecer, mas tio Lavradas impelia-a a acelerar o ritmo:

— Ò reeeego, peliqueiras, parece que não podeis com o arado!
Tuooó! Eeei!

O seu gado estava amestrado no lavrar. Mas, por vezes, uma delas desequilibrava-se e esse desequilíbrio era imediatamente notado no arado que ou passava a lavrar em excesso ou, pelo contrário, um fino fio de terra. Mas à voz e amparo do lavrador e ao toque do seu comprido cajado, imediatamente a jugada retomava o equilíbrio perdido.

— Tem-te, tem-te. Tem-te, Cordeira, tem-te! Eeeeei!

À hora da refeição, no final da manhã, no caminho pedregoso de acesso à terra, ladeado por altas paredes de pedra solta, surgia primeiro um açafate de vergas coberto por uma toalha de linho e só depois, já perto do biqueiro da terra, se via o rosto de tia Gracinda. Pousava o açafate da comida em cima da parede, abanava-o levemente e, vendo que estava seguro, pulava o biqueiro. Convidava-o

imediatamente para comer e era com grande prazer que ele largava a rabiça do arado e soltava o gado das amarras da juntura para que também pudesse comer.

– Oooooou! Quieta, Galanta, quieta! Quietas que já ides comer.

Era boa companheira, boa dona da casa e muito trabalhadora. Na companhia dele, realizava ela inúmeras tarefas masculinas: cortava lenha e roçava mato, desougava as vacas e fazia-lhes as camas, tapava água aos lameiros e regava os nabais, apascentava o gado e carregava os carros de esterco que o homem transportava para as terras e depositava em montículos. Ao moinho levava grão e trazia farinha.

Em pleno verão, na seara da terra de Além dos Linhais, que na primavera o vento fizera ondular, segava ela mais messe do que tio Lavradas atava; e no final do mesmo verão, arrancava as batatas ao lado de seu homem. Quando atrás deles já se estendia um estendal comprido, que cintilava ao longe, suspendia a cava e ia apanhá-las. Sacos cheios de batatas, erguidos no sítio onde foram completados e atados, iam-se erguendo ao longo da terra. O fruto da colheita estava sob escrutínio dos vizinhos que, ao longe, também eles na cava das suas, contavam os sacos e comentavam o seu número. Para uns os sacos estavam bastos e gabavam tio Lavradas pelo próspero batatal; mas havia sempre um vizinho invejoso que asseverava que os sacos estavam ralos e que tio Lavradas já ali colhera boas batatas, mas não aquele ano.

No final da manhã, era a primeira a abandonar o nabal, porque ainda ia fazer o jantar e desougar as crias, não sem antes arranjar um molho de couves velhas, que aos porcos, aqueles excomungados porcos, sempre cheios de fome, fariam bom proveito. Quando eram horas do jantar e sentiam na cozinha ou o barulho dos caldeiros ou os passos da dona, impacientes, ninguém os aturava no covil escuro. E ainda ela vinha a descer as escadas do pátio, carregando os caldeiros da lavadura, já eles, sempre de ventas enlodadas, estavam às trombadas à porta esburacada. Depositava o alimento nas pias do pátio e, quando lhes abria a porta da corte, eles precipitavam-se para as pias repletas de alimento em grande correria e comiam como porcos.

Tio Lavradas vivia feliz e em paz com a sua vida e com o seu gado até ao dia em que, no auge da alegria, lhe morreu a mulher. Uma dor leve mas persistente no fundo da barriga começara a incomodá-la. A princípio não ligou, mais tarde tolerou a dor aguda e quando as

dores já se faziam sentir em diferentes partes do corpo decidiu ir ao médico. Deu-lhe poucas semanas de vida.

A partir do malogrado dia em que levou a mulher à cova, também ele desfaleceu como a frágil e delicada flor do campo que o arado ao passar tocou e, ferida pela aspereza da charrua, declinou e definhou. Em vida não havia exteriorizado publicamente o carinho que sentia por sua mulher, porque lidava mal com os afetos. Mas era um sentimento que estava lá, no seu íntimo, em potência. Agora, depois de morta, nada abalava mais a sua alma, nem o deixava mais melancólico.

Passava os dias amorrinhado à volta da fumarenta lareira, curvado no negro escano quase em cima do lume, com faúlhas de cinza sobre o cabelo e de olhos semicerrados por causa do incómodo fumo que o fazia lacrimejar. Iluminado o rosto rígido como uma estátua de pedra pelo bruxulear da luz da candeia, não lhe saía do pensamento a recordação da morte da mulher, companheira de uma vida. A vivacidade de outrora, quando vivia com intensidade e sem disfarce os seus sentimentos, arrefeceu e parecia ter caído do alto de um precipício.

– A minha mulher que Deus tem...

– Ó homem, e agora por lhe morrer a mulher acaba o mundo! – dizia-lhe o compadre.

Era o compadre que ia a casa recolher-lhe a cinza da lareira na parroqueira e, em simultâneo, levar-lhe o caldo, pois deixara de comer refeições quentes. A cinza, por não ter sido acumulada no caldeiro de latão e daqui para a horta, acumulava-se na parroqueira.

– Quando ela era viva...

– E agora vai deixar-se morrer? Ao menos coma! – retorquiou-lhe tio Afonso, o compadre. – Você há quantos dias não come uma refeição quente?

Depois entrava-lhe no sobrado, onde se encontrava a cama de casal, para o arejar, abria a janela e deixava entrar o ar puro e fresco da manhã.

– Assim não pode ser – retorquiou-lhe o compadre. – Vou cá mandar a minha patroa para lhe dar um jeito à casa, lavar-lhe a roupa e fazer-lhe o caldo.

Ao fundo do sobrado, a um canto, estava o tear e ao lado, sobre uma caixa, a roca e o fuso. Pela falta de uso e por ação do fumo que invadia o sobrado, começaram a ganhar uma fina coloração preta. A

manta que ela estava a fazer regista o preciso momento em que adoeceu gravemente e morreu. A meio da peça, os motivos florais circunscritos por motivos geométricos multicolores não foram terminados. Linhas oblíquas e retilíneas que se dispersavam a partir de um único ponto no meio da manta perderam primeiro a direita e depois foram subitamente interrompidas; e as pétalas da corola de um grande malmequer jaziam deformadas, como se algumas delas tivessem sido arrancadas por mão cruel.

– Bem habilidosa era ela...! – afirmou tio Lavradas.

– E que tecedeira...! Olhe a perfeição desta manta! – confirmou o compadre. – Nunca haviam de morrer as mãos que fizeram tal maravilha!

– Trabalhava no tear quando podia. A vida da lavoura e de doméstica pouco tempo disponível lhe deixava para o tear, mas olhe que no penúltimo dia de vida, atormentada pelas dores, ainda o barulho do tear se fazia ouvir lá fora, na rua.

– E deixou-lhe carpins para romper toda a vida! Olhe que perfeição!

– São doze pares. Acho que não viverei para os gastar, nem metade!

– Até sabia fazer croças e capas de burel!

– As mãos dela não deviam ser comidas p’la terra.

Com a ausência da mulher, passou a intensificar a sua ligação com o gado, as quatro vacas e outras tantas ovelhas, que todos os dias levava ao lameiro e lhe serviam de compensação afetiva, e passou a distanciar-se do convívio dos vizinhos. Quando lhe falavam de alguma gente, costumava dizer com amargura que o seu gado tinha mais entendimento.

A afetividade que nutre pelo seu gado é exemplar: trata-o como animais de estimação, e ele reconhece o pastor como guia de manada. Com a ponta da vara de aveleira, previamente assada e descascada no forno comunitário, coça as vacas sob o ventre e sobre o lombo, sempre ao correr do pelo, e alivia-lhes o fragor dos parasitas e das abomináveis carraças com a ponta do cajado. E quando come a merenda, reserva para as ovelhas as côdeas, a parte menos nobre e mais dura do pão, que os seus gastos dentes têm dificuldade em triturar quando não são amolecidas pela pinga. Basta estender a mão, soletrar o nome «Bourisca, toma, toma!», e são elas que, de olhos arregalados, lhe vêm tirar a côdea de entre os dedos e lambe-las as mãos.

Se outra pessoa imitar o tio Lavradas, as ovelhas não se aproximam por não confiarem em estranhos.

Esse isolamento do convívio dos homens e o apego ao seu gado, com o qual partilha muitas alegrias, vão levá-lo à decadência como pessoa e à vivência próxima da condição animal. Os sonhos e planos de vida desvaneceram-se. Por esta altura também começou a beber em excesso.

– Ó ti Lavradas, você não se dá conta, mas está a ficar parecido com o seu gado – dizia-lhe um vizinho. – Que falta lhe fazia a sua mulher.

– Antes parecido com o meu gado do que com alguma gente.

Na hora da refeição comia de seco. O que estava mais à mão era a broa de pão no armário e o presunto dependurado na toucinheira. Já não apanhava as castanhas na terra do Soutelo, nem aproveitava o leite das vacas paridas.

– Olhe que o leite das vacas paridas dava umas saborosas filhós! – disse-lhe uma vizinha, vendo o úbere da Morena retesado e a pingar leite, quando ele deitava o gado da corte.

– Pois dava e quem as fazia?

À saída da corte, atrás do gado, desmazelado, exhibe a roupa encardida que mais parecia as calhatras de seu gado. No casaco, já lhe faltavam alguns botões e os rasgos deixaram de ser passajados ou remendados. À volta da cintura, por falta de botão e de cinto, era um atilho com um laço mal dado que lhe segurava as calças nas ilhargas.

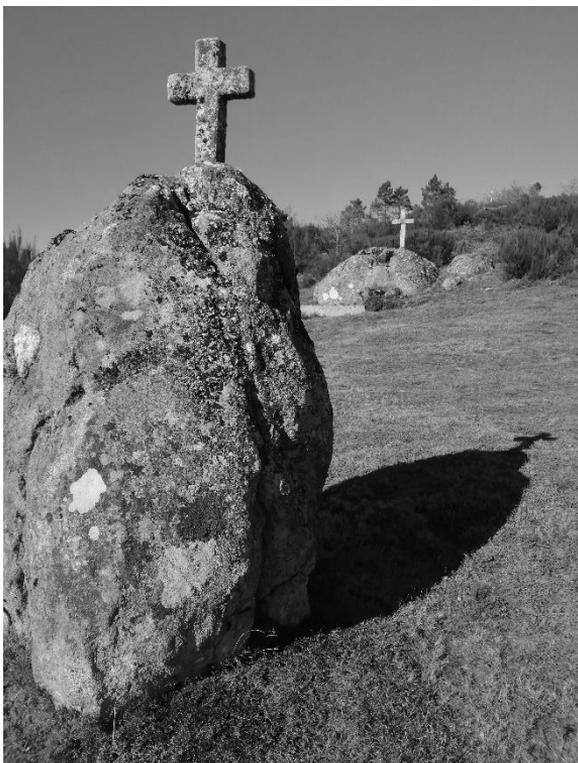
Quando apascentava o gado no lameiro dos Gafos, lugar de má memória, e o gado tosava a fresca erva que crescia no prado inóspito, patrulhava o lameiro em busca de azedas. Chupava o suco acre da planta, e expelia com veemência as fibras duras. E nas sebes do lameiro, onde a vegetação alastrava por entre paredes velhas e derrubadas, colhia mirtilos que lhe amoleciam as côdeas duras. Depois, no rego junto à fonte, levava os beijos à água como fazem os seus animais e bebia até à saciedade.

Sentava-se, de seguida, à sombra dos carvalhos sobre a erva crescida, de cabeça entre as mãos e de olhos fixados no vazio. A brisa refrescante e a ondulação da messe que se estendia em frente eram as únicas visões que lhe davam algum consolo e o faziam adormecer.

Quando o sol começou a desaparecer por trás dos montes e as sombras do fim da tarde subiram os vales, o gado ia aproximando-se

do biqueiro. Comia e aproximava-se, sugerindo ao seu dono que era chagado o tempo de abandonar o lameiro e regressar à corte.

Naquele fim de dia, ao trazer o gado para e corte e o desougar, foi ao palheiro. Pretendia fazer os molhos para o dia seguinte, mas naquela noite já não dormiu no amplo sobrado que lhe servia de quarto. Havia trocado o colchão de palha por aquele inóspito e desconfortável lugar, que foi poiso de pernoita a muitos pobres, pedintes e emigrantes a salto que a seu pai pediam poiso quando demandavam França nos anos sessenta.



XI. ROMARIA À SENHORA DA VILA DE ABRIL. PROMESSAS PARA CUMPRIR

A festa de Nossa Senhora da Vila de Abril, que se celebra no dia oito de setembro em plena serra de Barroso e distante dos povoados, reúne gente das aldeias vizinhas e, como que para compensar a Senhora que aí é venerada do abandono a que é votada durante o resto do ano, o povo comparece em massa. A subida que os romeiros fazem a partir do vale profundo até meia encosta de uma elevada montanha, onde a ermida está implantada, assemelha-se a uma ascensão aos Céus.

Ora, pelo caminho poeirento e sinuoso que da margem esquerda do rio Cávado sobe até ao Santuário, caminhava a família Crespo numa manhã de muito sol. Todos iam cumprir uma “promessa”.

A tia Sangalha ia para assistir à missa, pagar a irmandade, alugar e transportar um ex-voto de cera durante a procissão, o busto de um anjo do género feminino, e rezar o terço à volta da capela. Era uma promessa antiga que remontava ao tempo do nascimento da filha mais nova. Quando ela nasceu, não tinha leite suficiente para a alimentar. Lembrou-se imediatamente da Senhora da Vila de Abril, por ser muito milagrosa e por nela ter muita devoção. O acesso súbito de leite foi por ela interpretado como um milagre. Tinha agora oportunidade de cumprir a promessa em falta, pois este dever sagrado não a deixava sossegada e era como um espinho cravado na carne ou como uma pedra no sapato que a fazia claudicar. Ela foi a primeira a cumprir a sua promessa na festa religiosa com missa cantada, sermão e procissão que decorria de manhã.

O moço Giestas ia para ver a Sete Saias, dançar com ela no arraial noturno e pedir-lhe namoro. Desde que a viu pela última vez na feira de Montalegre, nunca mais lhe saiu do pensamento. Andava ela na companhia da mãe, numa tenda de roupa, a experimentar uma blusa.

Trocaram o olhar no momento em que a jovem, sem casaco e de seios proeminentes, tecia considerações com a mãe sobre a peça de roupa a adquirir, mas era a ele que ela varava com os olhos vivos e esbugalhados, quando passava nas costas de tia Sangalha. Ele foi o último a ver concretizados os seus anseios no grande baile noturno que tinha lugar no terreiro plano que em tempos fora uma eira.

Tio Malhão ia à festa porque queria beber uns canecos na tenda do Bugalhas, comer uns petiscos, mas sobretudo dar umas lombeiradas ao Abel Cartola, de S. Pedro. Achava que quando deflagra-se uma briga e a confusão se instalasse (já que os aldeões eram muito territoriais e briguentos e as zaragatas acabariam por acontecer), ele arranjará maneira de lhe arrear umas bordoadas.

Aquela exasperada indignação provinha de uma lide ilegal e fraudulenta que o Abel Cartola havia feito no passado inverno. Certo dia, andando o gado de tio Malhão sozinho no lameiro das Águas-Terças (pois ele mal chegou ao lameiro pôs-lhe um escalheiro ao biqueiro e foi-se embora), o Abel derrubou abusivamente uma parede de meação com o seu próprio lameiro e lidou a sua vaca Galharda com a Morena de tio Malhão para ver qual delas era mais forte. Derrubou a parede e nem sequer teve a dignidade de a tapar.

No dia seguinte, tio Malhão teve uma forte premonição de que alguém lhe chegara a Morena, porque além de manifestar um medo inusitado, pois a vaca não lhe deu a cabeça quando o dono lha pediu para a jungir: «Chega cá Morena, chega», ainda por cima apresentava no flanco esquerdo uma galhada de palmo.

Também o Cortinhas lhe confirmou a maroteira do Abel, quando andava a tralhar o lameiro:

– Anteontem – confessou ele – o Abel chegou a tua Morena com a Galharda dele e passou o dia a gabar-se em S. Pedro de que pôde co' a tua. O que ele não disse – acrescentou – foi que só pôde porque aguilhoou a tua vaca, a qual, com mais medo do aguilhão da vara do que das galhas da rival, fugiu espavorida. Eu assisti a tudo, do alto do lameiro, recostado sobre a capa e a apanhar banhos tonificantes de sol.

O que mais lhe doía era a traição e batota do Abel Cartola. Foi por isso que se havia apresentado na Senhora da Vila de Abril com o melhor varapau do seu arsenal de varas. No pátio experimentou-o: filou-o nas suas rugosas mãos e simulou uma investida, uma defesa e depois desferiu uma forte bordoadada num molho de erva a um canto do

pátio como se fossem as costas do Abel, retorquindo: «Ah peliqueiro!»

Quando os peregrinos avistaram o santuário a meio da encosta, implantado em terreno com pouco declive e em lugar arborizado e cheio de encanto onde outrora já foi um povo, descobriram a cabeça e louvaram a Cristo:

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

– Para sempre seja louvado no Céu e a na terra e Sua mãe Maria Santíssima.

Desde tempos imemoriais que este é um local de invocação da Nossa Senhora da Natividade ou da Vila de Abril e propriedade dos irmãos confrades da mesma Senhora, mas é muito provável que em tempos mais recuados, no final da época clássica ou início da Idade-Média, fosse uma *villa romana*. O nome Abril, que é uma corrupção do antropónimo latino *April*, que ocorreu na língua depois de este nome ter desaparecido da onomástica, revela a antiguidade do lugar e revela, tal como outros topónimos de Barroso, o nome do primeiro povoador.

O lugar tinha tudo o que faz a felicidade de uma aldeia: capela no centro do povoado e um amplo adro murado que, como todas as capelas ou igrejas do passado, servia de cemitério; uma belíssima fonte de água cristalina, que nem nos estios mais secos secava; terrenos aráveis e férteis com as suas nascentes; lameiros húmidos e tapados povoados de carvalhos; casas (onde ainda se destaca a casa da irmandade, com a sala da reunião), cortes, palheiros e eiras; monte baldio com os seus limites assinalados com cruzeiros nos penedos, que servia de complemento alimentar às manadas depois do pasto dos lameiros; caminhos de acesso aos povos vizinhos e daí a toda a região. Todavia, por razões desconhecidas, aquele povo antigo acabou por se extinguir, tal como muitas outras póvoas do concelho.

Enquanto a irmandade prosperou, também prosperaram o santuário e os seus bens: os terrenos agrícolas e as casas de lavoura que à volta da capela se erguiam; mas, quando a irmandade entrou em decadência, as casas foram ruindo à medida da sua velhice e os terrenos foram deixados a monte. As árvores de porte que crescem nas antigas terras revelam que já há muito não são cultivadas; e os carvalhos centenários que crescem à volta da capela e que assistiram ao apogeu e decadência do santuário, são agora refrigério e consolo para os peregrinos que em setembro lá vão.

A capela, porém, como núcleo principal daquela fé, foi a que mais resistiu. O zelo religioso dos romeiros e a solicitude da irmandade salvaram-na da ruína através de contínuas obras de remodelação. O peregrino que nela quisesse entrar tem de passar primeiro por um amplo e atraente átrio coberto ou galilé, no cimo do qual assenta um pequeno campanário, e a um dos lados, encostados à parede, eram colocados os varapaus com que os homens se faziam acompanhar. A capela possui uma ampla nave central, capela-mor e duas laterais onde se destaca, em plano central, o nicho dos santos venerados (entre os quais pontifica uma antiga e singular imagem da Senhora da Natividade), arco da capela, púlpito, pia batismal e coro. Sobre a porta do fundo jaz uma vieira, a apontar a ligação do santuário com os romeiros que demandavam Santiago de Compostela.

Ora, quando o moço Giestas percorria a planura de um caminho central, que o aguaceiro de inverno havia esburacado e o sol primaveril havia coberto de ervas, eis que avistou os noivos e convivas de uma boda, que escolheram aquele dia para se unirem em casamento. À frente do cortejo nupcial, que dobrava a esquina em cotovelo de uma casa em ruínas, destacava-se um homem que não trajava vestes sacerdotais, mas era ele que conduzia o cortejo como se fosse um grande sacerdote: era o fotógrafo. De gesto largo e portando na mão direita uma monstruosa máquina fotográfica, que disparava para onde estivesse virado, fazia alinhar as pessoas, parar os noivos, juntar os convidados para caberem dentro do alcance da objetiva, dar ordens... É o primeiro a entrar no templo de *reda-cu*.

Da parte da tarde, depois das solenidades religiosas, do cumprimento das promessas e do jantar que acontecia à sombra das árvores frondosas que povoavam aquele idílico espaço, o espírito folgazão dos romeiros ficava livre para as mais inesperadas distrações. Como dois bois estranhos no mesmo terreiro se digladiam, assim os lavradores que compareciam no santuário não conviviam em paz e cordialidade por muito tempo. Geralmente, depois das primeiras malgas de vinho, os romeiros exasperavam as suas rivalidades e aconteciam as zaragatas. É por uma oportunidade dessas que tio Malhão espera para poder cumprir a sua *promessa*.

No centro do terreiro, as quatro bocas do altifalante, montadas no alto de um poste de madeira e viradas cada uma para seu ponto cardeal, soltavam ao vento uma cantiga alegre:

Zum, zum, zum, zum

*Pega no copo
Toma lá mais um.*

E à sombra de um frondoso carvalho que crescia nas imediações da capela, um grupo de romeiros, em amena cavaqueira, falava de vacas, atividades rurais e sobre o tempo. É o seu mundo de pequenos lavradores.

– Vou descer o gado da serra, onde dormiu nos últimos dois meses, e pastar os lameiros, onde a erva já está crescida – assevera um lavrador, enquanto se preparava para degustar uma malga de vinho.

– Olha que o tempo vai muito seco e a lua nova, a qual poderá trazer mudança de tempo, ainda vem longe – afirmou outro, depois de já ter bebido. – Depressa comem a pouca erva dos lameiros e, depois, não tens que lhe dar.

– Não, que eu dou-lhes um pequeno pedaço de lameiro, abro-lhes o biqueiro e boto-as prò monte baldio, onde acabam de encher a barriga.

Ao lado, o Bugalhas montara a sua tenda de comes e bebes. Aos clientes que se sentavam em bancos toscos de tábuas e se abrigavam do sol à sombra do tolde de lona, o taberneiro servia petiscos variegados de carne dentro de cornos de trigo e para beber, vinho tinto. Ora, foi à sombra da tenda do Bugalhas e entre a sua clientela que rebentou o primeiro conflito do dia.

– Que bom petisco, Bugalhas – declarou o Mário Maroto. – Dá cá outra dose e mais um quartilho de vinho.

– O mesmo para mim – retorquiu o Vergas.

– E outro tanto cá para o rapaz – asseverou o Abel Cartola.

Mas pouco depois, após haver manducado a sua dose e bebericada o vinho até à última gota, o Mário Maroto confessou aos presentes que os petiscos que o taberneiro servia eram – segundo se dizia – de carne de burro; de um velho e lazarento burro que já não podia com a carroça e que ele comprara, quase de graça, a uns ciganos em trânsito pela aldeia, havia poucos dias; que o abatera e que, agora, com a transformação da sua carne em petiscos, pretendia arrecadar um avultado lucro à custa dos seus fregueses.

O Pelho vira a pele verde do burro ali perto, estendida ao sol sobre um giesteiro derribado, e um enxame de moscas a devorar os restos de gordura da epiderme. Era um couro de pelagem comprida, russa e maltratada, com a lanugem gasta no sítio em que os arreios da carroça roçavam e de cascos gastos e compridos a testar a provecta

idade do animal. Tinha visto a pele quando fora baixar as calças a um tapado e não tinha dúvidas em identificá-la.

O taberneiro rira com tão forte rajada que as folhas da grande árvore tremeram como se tivessem sido sacudidas por forte ventania.

– Vocês é que me saíram cá uns burros – retorquiu o taberneiro. E levando a mão à travessa dos petiscos e depois à boca, comeu uma fêvera como quem espera por mais.

– Até os ciganos teriam pejo em comer carne de burro, quanto mais nós – asseverou Mário Maroto. E metendo os dedos à boca, num gesto teatralizado, simulava provocar o vômito.

–... como se fôssemos cães, maldito! – continuou o Vergas e levava a mão à barriga, como se pretendesse arrancar as entranhas.

E o Abel, deitando a mão à malga, bebia o resto do vinho, dizendo que era para ganhar náuseas e vomitar, como se o petisco não lhes tivesse sabido bem. Depois, em sinal de ira e indignação, bateu com força a malga vazia na mesa. A tábua em tensão vibrou e fez saltar pelo ar os restantes talheres, tendo uma malga com vinho embatido na frente do tio Malhão. O líquido rubro, assemelhado a sangue escarlata, inundou-lhe a face. As gotas que, ao escorrer, estivessem ao alcance da comprida língua, esticada para ambos os lados, eram lambidas com sofreguidão.

Era a oportunidade por que esperava. De varapau nas mãos, o qual nunca largara, desferiu ao Abel duas lombeiradas, tantas quantas as ofensas:

– Pelado! Não passavas sem fazer mal, como fizeste quando chegaste e picaste a minha Morena. Ora toma! Toma!

O pau percutido zuniu como uma rajada de vento, o impetuoso vento que no inverno, soprando forte do Gerês, levanta o colmo das beiras e agita com força a copa dos carvalhos.

Instalado o confronto, as mulheres fugiram em pânico e os homens, instintivamente, correram ao encontro do seu varapau encostado à grande árvore ou em repouso no átrio da capela, em posição vertical, pronto a ser agarrado com facilidade na altura de perigo. Sem ele nada valiam. À medida que cada um se munia com a sua arma, ia entrando no círculo da luta onde os homens que se digladiavam estavam repartidos em dois grupos, mas um único objetivo: dar umas boas bordoadas ao rival e vingar uma zanga antiga e que não fora ainda devidamente desferrada.

Depois de um breve confronto, o ímpeto dos brigantes diminuiu e foi a oportunidade para os mordomos e alguns populares se intrometerem entre os que se digladiavam e os apartarem. Havia cabeças tingidas de sangue e malgas de vinho tinto partidas; havia curiosos que observavam de perto os atores da rixa e outros que de longe lamentavam que alguém não tivesse sido mais sovado.

Apesar de as rixas serem o tema principal da conversa dos peregrinos na restante parte do dia, aquela não foi, mas antes a chega de bois que estava iminente e que era um presente dos mordomos da festa. Ali ao lado, num lameiro aberto e com pouca inclinação, uma multidão de espetadores em círculo gritava: «Eh boi, eh boi!» e a um canto os olhos negros de um colossal boi circunvagavam à procura do inimigo destinado.

Entretanto, grande massa de gente, quer a da freguesia de Contim, quer os romeiros da Senhora, quer os forasteiros atraídos pela novidade do espectáculo, iam tomando o seu lugar no terreno circundante. Todos admiravam com um entusiasmo de conhecedores o seu perfil côncavo, os quartos carnudos, o peito cavado, a badana comprida e pendente, as nervuras entumecidas um pouco por todo o corpo, o cachaço musculado, a lanugem escura e alinhada entre a armação córnea, os olhos meigos, mas inquietos naquele momento, a cabeça curta, mas larga e encimada por forte cornamenta em forma de lira, pontiaguda, terrível!

Não era boi de excepcional corpulência, como não o é a raça barrosã em geral, mas o que lhe faltava em estatura sobrava-lhe em resistência e armamento. De facto, a armação córnea excessiva dos bois barrosos é tão convincente e dissuasória que, por vezes, o seu rival, apavorado, acha preferível evitar o combate e retirar-se com dignidade. Sem dúvida que o boi barroso é o mais imponente animal do bestiário barrosão.

Conservou-se, primeiro, imóvel no meio do lameiro, semelhante a um calhau de granito e revelando na frente rústica uma expressão de expectativa e de confiança. Mas à medida que a assistência crescia e os clamores e afoutos se elevavam no ar, o barroso, em tensão, pressentindo a lide próxima, bruava (é este o seu grito de guerra) e fazia exercícios bovinos de aquecimento: retouçava no prado para adestrar os músculos e como que para afiar a ponta das hastes. Mas o povo permanecia numa grande indefinição, porque ninguém sabia

quem iria defrontar-se com aquele possante, nem se ele no momento decisivo aceitaria o combate.

A expectativa não foi de longa duração. De súbito, todos se viram para o lado do biqueiro, onde se elevava grande rebuliço, cajados em riste e pessoas a abrirem caminho. Nessa direção o boi barroso perfilava as delicadas orelhas, alteava a sua tromba húmida, arreganhava os carnudos beijos, contraindo os músculos faciais, a farejava na brisa quente o odor do seu rival. Foi então que do biqueiro do lameiro irrompeu, colérico e a bruar, um maior touro penato, um lutador experimentado e forçado que assombrara os campos onde lutara. As suas espáduas eram mais musculosas, o ventre bojudo, a cor sinistra, a galha gancha, temível.

De repente as pessoas que estavam estateladas sobre o prado ergueram-se como um só homem. O boi mais pequeno, ao ver o seu rival e ainda há pouco de tristeza na fronte, deu um salto como se um agulhão de aço o tivesse ferido e, com a espinha curvada, corria agora obliquamente em direção ao seu adversário furioso. Os bois, atuando de acordo com a sua natureza, são animais territoriais e não toleram que outro macho insolente e intruso invada o seu espaço. Esta inclinação natural, que lhes está na massa do sangue, impele-os à luta feroz. Também o penato de cabeça baixa e carrancuda, com os olhos a rolarem-lhes nas órbitas, aproximava-se sorrateiro, ameaçador.

De todos os peitos saía um grito breve de assombro seguido de um pesado silêncio. Os bois tinham ficado a curta distância e permaneciam nessa posição ameaçadora. A carranca é a ameaça extrema. Não iniciaram imediatamente a lide, mas (como é habitual) permanecerem perto um do outro numa demonstração de força e ameaça ritualizada e até algo estereotipada: fazem uma prolongada carranca, de pescoço retorcido, cabeça baixa e espinha recurva; olham-se pelos sobrolhos, furiosos, de língua perfilada e baba pendente; as nádegas estão enludradas e agitam impetuosamente a rabeira cerdosa; escavam o solo com os membros posteriores, fazendo elevar no ar nuvens de pó, como que a atirar areia aos olhos do adversário; dilatam os músculos não só para parecerem mais fortes e temíveis do que verdadeiramente são, mas também para impressionarem e avisarem o rival a manter distância e a ir-se embora. O objetivo da intimidação com exibição e ameaça é evitar a luta aberta, que produz danos.

Tal exibição ritualizada e demorada dá tempo aos espectadores de avaliarem a têmpera dos dois bravios, tecerem os seus comentários e darem o seu palpite sobre o vencedor ou o perdedor, pois   desporto em que não há empates. Uns elogiam a galha terrível do barroso, outros destacam a maior corpulência do penato, outros ainda murmuram sobre a manha de um e a estratégia do outro, mas no geral a assistência está indecisa sobre o desfecho da lide. Há ainda aqueles que assinalam as galhadas e cicatrizes de anteriores pelejas. Os mais aficionados fazem apostas.

Como as demonstra es de força e ameaças extremas não levaram à desistência de nenhum deles devido ao equilíbrio de forças, então o combate singular   inevitável e só ele ditará qual deles é o mais forte. De súbito, os dois bravios, enfurecidos, aproximam-se ainda mais e, afoutados pela multidão, precipitam-se e marram com tanto furor, que as agrestes colinas que ladeavam o lameiro ecoaram. O boi barroso mais pequeno, dando provas da valentia da sua raça, afrontara o enraivecido contendor e fizera-o estancar fulminantemente, soltando um seco urro. De todos os peitos saía um breve e fofoso murmúrio de assombro. Depois, de cabeças encostadas e chifres cruzados, tirando força da arma o e da sólida cabeça, faziam fortes investidas um de encontro ao outro, impelindo galhas com galhas que ao baterem produziam sons met licos. É uma luta feroz de avanços e recuos, forçados ou t ticos, de manejo de hastes pontiagudas que lanham como facas, de rodopio da traseira para local conveniente, onde possam enterrar as patas anteriores, suste as investidas do oponente e partir para novas arremetidas. O murmúrio da multidão acompanha as surtidas dos touros, gritando:

- Eh boi, eh boi!
- Eh penato!
- Eh barroso!

Depois da primeira e impetuosa investida, e sem que nenhum deles tivesse afrouxado, os bois abrandavam a tensão e descansavam de cornos entrelaçados e cabeças unidas, mantendo a posi o no terreno que cada um havia conquistado. A respira o era ofegante, as narinas salivavam em borbot o, o ventre contraia-se, «dão aos foles» de cansados.

Depois de um breve refrigério, os dois bravios, aplicando todo o seu peso no combate, recomeçaram a implacável luta com tão perigosas investidas, que por vezes o barroso, afocinhando, roçava

com a tromba na áspera erva do lameiro, mas aguentava a carga e imediatamente recuperava terreno. Outras vezes a ofensiva contrária era tão encarniçada, que o penato, estando a ponto de desistir, recuara até à estrema do lameiro, mas logo o equilíbrio era retomado, afoutado pelo povo e animado pelo seu dono.

E de novo ficaram em imobilidade absoluta, de narinas dilatadas e exalando bafos densos. Daquela fixidez aparente ressaltava a tensão das duas forças contrapostas. Qual dos dois cederia primeiro, qual primeiramente ficaria exausto, era um problema que para os espectadores práticos daquela luta tinha nesse momento mais importância do que tudo o resto. A multidão delirava pelo entusiasmo e cada um dos mortais sentia-lhe correr o sangue nas veias. Os mais entusiastas tinham a testa inundada de suor, como se fossem eles próprios que estivessem empenhados na luta. Vivia-se profundamente sob o signo do touro.

Recobrada a acesa luta, neste terceiro assalto, depois de perigosos e incessantes recuos e avanços, o touro menor, como um arco retesado, tinha curvado mais a sua coluna dorsal, os músculos do cachaço tinham endurecido mais e as nervuras das espáduas, engrossadas, pareciam que iriam rebentar a pele com o volume dos seus nós. Pelo contrário o boi penato cada vez mais constrangido, cada vez mais lasso e mais doloroso, sentindo intuitivamente a superioridade do seu adversário e a inutilidade de mais esforços, recua e levanta a cabeça, olhando furtivamente para o biqueiro por onde entrou. Então, o boi rival, pressentindo o seu desânimo, faz uma investida violenta e derradeira, e o murmúrio da multidão eleva-se na arena perante a desistência e fuga precipitada do penato:

– Lá vai! Lá vai ele!

Depois o perdedor fugia o mais que podia, aterrado da frente das hastes do seu subjugador, para evitar ser cortado nos quadris, e o vencedor perseguiu-o por instantes, ferindo-o repetidas vezes nos quartos com as suas hastes lancinantes. Os seus donos, principalmente o dono beijudo, de varapaus ao alto e de roupas domingueiras, desajeitados e indigentes quando confrontados com a majestade dos bovinos, perseguiam-nos para os apartarem e impedirem mais galhadas inúteis.

A população, sedenta de sangue e ávida por contemplar sangrentos lanhos, corria na direcção dos bois. Extasiados, olhavam impávidos lanhos de anteriores lides, farpadas recentes disferidas por chifres

pontiagudos, uma galhada que passara à tangente do negro olho, uma orelha fendida que gotejava sangue retinto, pelo eriçado, desalinho geral. O vencedor tinha a face pálida, o pelo estava ensopado de suor, que também lhe inundava as espáduas e o lombo, a fronte maltratada por chifres apontados. A língua afiada saía-lhe distendida da boca, a respiração de baços bafos era (ofegante), as contrações do seu ventre eram agitadas e podiam contar-se à distância. Por momentos ficou imóvel, detido no meio do lameiro, ao mesmo tempo que era acarinhado pelo seu dono que lhe passava o varapau pelo lombo ao correr do pelo. Tornara-se querido àquela multidão, unicamente amante da força. Depois, emocionados, todos caminharam atraídos pelo vencedor e seu dono. Em dia de festa, aquela chega convertera-se no principal acontecimento.

No final do dia, a família Crespo regressou feliz e satisfeita por haver cumprido com fé as promessas há muito desejadas e todos prometeram que no ano seguinte haveriam de regressar à festa da Senhora, que tantas graças concedia aos seus peregrinos e confrades.



XII. AS DUAS VIDAS DE TIO CACHO

Acordava cedo com a claridade que lhe entrava pelo janelo do sobrado que nunca vira portada nem cortinado. A aurora que o punha fora da cama também punha as pitas fora do poleiro e os pardais, sob os beirais, fora do ninho e despertava e animava toda a aldeia em tempo de primavera.

A mulher, ensonada e de voz estremunhada, convidou-o ao repouso por mais um pouco, já ele fazia o sinal da cruz: «Pelo sinal da santa cruz livre-nos Deus Nosso Senhor dos nossos inimigos...».

– Dorme mais um bocado que ainda é cedo. Ainda o sol vem lá longe, não sei onde!

– Não me apetece – replicou tio Cacho. – Vou levar o gado ao lameiro do Vale de Espindo. A Pisca já orneou.

– Orneou porque ainda não lhe passaram as ânsias pela falta da cria e não porque tenha fome. Ainda não anda ninguém na rua – argumentou a mulher para o demover.

– Mas eu já ouvi as passadas do burro de ti Casarão a subir a calçada. Com certeza vai...

– Só se for lavar a terra de Silhas de Urso. Ontem andou a espalhar o esterco e com certeza hoje vai lavrá-la para nela semear batatas.

Pouco depois, a mulher ouviu o ranger dos gonzos do armário, incrustado na larga parede da cozinha, e ele a degustar o forte bagaço, que lhe abrasava as goelas.

– Beberrão! Começas o dia a beber – censurou a mulher. – À noite ninguém t' atura.

Quando voltou a ouvi-lo, já ele animava o gado a sair da corte. Depois bateu a porta e alou rua acima, envergando numa mão a vara e na outra a capa de burel. O soar dos chocalhos e a voz do dono, que encorajava o seu gado indolente a acelerar o passo, cada vez se ouvia mais longe, até que a toada dos chocalhos e a voz do dono acabaram

por se perder nas curvas dos palheiros do Taranhal. Por fim, um grande silêncio cobriu tudo.

Quando regressou do lameiro, já o almoço estava preparado. Na banca do escano da velha cozinha jaziam sobre uma pequena toalha uma broa de pão centeio intacta, uma febra de presunto numa escudela e uma garrafa de vinho cujo gargalo apoiava um copo de vidro invertido.

Tio Cacho pegou no grande pão, com a mão esquerda apertou-o contra o peito e, empunhando a faca pontiaguda com a direita, fez-lhe uma cruz na base. Depois cortou uma grande fatia da broa boleada, na parte em que a massa fendera por ação do calor do forno e a broa parecia ter uma grande boca escancarada. A pinga, que acompanhava a refeição e que ele bebia com prazer, amolecia a dureza das côdeas.

Enquanto saboreava o pobre alimento, a cismar na sacha do nabal que lhe consumira o tempo dos últimos dias, a mulher, na corte sob a cozinha, resmungava com os porcos sempre esfomeados que queriam assaltar o caldeiro da ração quando ela se dirigia às pias.

– Excomungados, sempre esganados co’ a fome – lamentou a mulher. – Quase atiravam comigo ò chão.

«Pão e vinho, anda caminho». Quando terminou a refeição, desceu ao pátio. No arsenal de utensílios que aí conservava, suspensas sobre um varão, escolheu uma sachola apropriada. Agarrou-a pelo cabo, simulou o ato de sachar e, tendo gostado, despediu-se da mulher.

– Eu vou andando – gritou antes de bater o portão do pátio.

– Eu só deito de comer às galinhas e também já vou fazer-te companhia – replicou a mulher, quando limpava com um pequeno feixe de palha os excrementos que na corte lhe haviam conspurcado a bota.

De sachola ao ombro, sustida por uma mão, e de garrafa de vinho na outra, com chapéu de palha na cabeça, desceu a rua do Botrigo, subiu o Campo das Lágrimas e chegou ao nabal das Estarelas.

A poça, localizada no cimo da terra, destilava um fio de água fresca e vagarosa que nem nos estios mais secos secava. A água que dela saía era armazenada numa arruinada e abandonada poça e onde a pedra de engenho há muito deixara de funcionar. Passava depois a norte da terra e, por entre as ervas daninhas que, espessas, medravam no rego, ia regar um lameiro contíguo que em tempos pertencera ao mesmo dono.

Depois de beber, mergulhou no rego a garrafa em que diariamente transportava a pinga para o campo. Se a diligente mulher o advertisse de que a água fresca e cristalina da fonte não era somente boa para regar o lameiro e fazer crescer a erva, ele era perentório: «Bebe-a tu! Água, nem p'ra lavar os pés».

No nabal fértil, à *regaleira* do sol, arregaçava as mangas da camisa e ia trabalhando e bebericando. Se, por acaso, acabasse a pinga antes do trabalho realizado, ou antecipava o regresso a casa ou se estirava à sombra da carvalha, preguiçoso, a bocejar de boca escancarada, na esperança de que a mulher chegasse depressa com a merenda e com aquele precioso líquido a que chamava *pomada*: «Boa pinga. Que pomada!» – afirmava ele, quando saciado pela bebida que lhe refrescava o sangue.

Sachava porque tinha vinho para *molhar a palavra* de vez em quando; e bebia porque não podia viver sem o precioso líquido que lhe refrigerava o toutiço e lhe dava ânimo para prosseguir o trabalho monótono e árduo da sacha. Sachava mesmo até à borda, cuidando da sua terra como se fosse um jardim.

De vez em quando batia com força a sachola numa arreladura da terra sem milho, para não ter de se baixar quando retomasse o trabalho, e dirigia-se ao rego, de passo longo e sinuoso para não pisar o milho pouco crescido. A sachola, percutida, fixava-se na terra mole e permanecia na vertical.

Quando a mulher chegou ao nabal, estava ele precisamente agarrado à garrafa a bebericar. É por isso que teve de ouvir as censuras dela, bem amargas:

– Ah rai's te partam a ti e ao vinho! – bradou ela, no momento em que ele empinava a garrafa virado para Norte, para que o Sol não lhe ferisse os olhos. – Se sachasses como bebes, eras o maior trabalhador do povo.

Surpreendido pela chegada dela no momento em que emborcava a garrafa e envergonhado pela reprimenda, que lhe era amarga e que, por momentos, lhe fazia esquecer o vício do vinho, tinha sempre na ponta da língua a mesma desculpa, que já não convencia a patroa: o pesado trabalho da lavoura exigia um bom *pingato*. Depois, ferido na alma, refugiava-se, amuado, entre o milho pouco crescido, a um canto do nabal, onde a sacha tinha ficado para trás.

Veio o jantar, veio a sesta. O regresso à terra da parte de tarde foi acompanhado de outra garrafa, que ele mergulhava de novo na fresca

água da poça e bebericava espaçadamente, como um fumador compulsivo que tem com frequência necessidade de acender um cigarro.

A hora da merenda delimitou, como o marcador ou fita de um livro orienta a leitura, o preciso instante em que tio Cacho se transformou por ação do álcool, passando do estado de sobriedade ao estado etílico.

Sob o frondoso carvalho que crescia na margem da terra, estirado sobre a fresca erva e praticamente sem a ingestão de alimento – pouco comera, foi quase só rega –, tio Cacho começou por sofrer uma crise convulsiva que, à semelhança de uma transmutação ou metamorfose, o virava do avesso, física e mentalmente, e o fez transitar para uma vida de insânia em que dificilmente conseguiria realizar com segurança e responsabilidade as tarefas triviais do campo.

As maçãs do rosto e o nariz ficaram-lhe rosados e os cabelos eriçados como se tivesse visto o lobo. Os olhos, vidrados e entorpecidos, pareciam faiscar à luz do sol, e a um canto da boca descaída já se via, quando falava desconexa e arrastadamente, baba esbranquiçada. Era a mesma que o seu gado destilava quando andava a lavar, enfadado pelo peso do arado a rasgar a terra, mas se no gado era motivada pelo esforço rigoroso, na sua pessoa era devida ao excesso de vinho. O chapéu já virara de lado, e as fraldas já andavam fora das calças. As pernas franzinas só com muita dificuldade conseguiam suste e controlar o corpo balouçante.

Já a mulher havia retomado o trabalho rural da sacha e ainda ele permanecia estirado à sombra do carvalho, como um porco, de chapéu sobre a face para que a luz radiante não lhe perturbasse a vista e com falta de forças nas pernas para se levantar.

Quando retirou o chapéu para retomar o trabalho, ainda estremunhado pelo sono, e fixou o horizonte distante, a paisagem parecia-lhe desfocada. E mais perto, no lameiro de tio Zé das Gémeas, há pouco segado, a sua visão alterada enxergava em duplicidade e não conseguia determinar a que distância se encontrava o dono e se era só ele que virava o feno ou se era ele e a mulher.

– Olha que a sachola está à tua espera! – ironizava a mulher para o demover.

Até que se levantou com grande esforço, caiu e levantou-se de novo.

A partir deste momento, passa a ser uma criatura bestial. A sua pessoa perdeu a lucidez, a razão e a sobriedade; e o trabalho do campo perdeu rendimento. Os membros já não tinham a robustez necessária para tocar a sachola com ligeireza e com acerto; nem os seus passos eram suficientemente amplos para a terra sachada ser pisada o menos possível.

– A terra quer-se pouco trepada. Olha para aí que tropeada – censurou a mulher, impaciente.

Os movimentos desordenados não lhe permitiam progredir no nabal com disciplina e sem macular as plantas. Frequentemente, ao cavar entre dois milheiros, tentando eliminar as ervas daninhas que aí medravam, por falta de coordenação motora eliminava um robusto milheiro, que com o tempo iria produzir uma comprida espiga, e deixava o mais fraco. É por isso que ouvia as incessantes censuras dela.

– Olha onde tens o pé – asseverava a mulher, quase a perder a paciência.

A chegada e os cumprimentos de tio Terroso, de sachola ao ombro a caminho de casa, puseram fim às descomposturas da mulher.

– Ora então muito boa tarde! – desejou o viandante.

– Venha com Deus! – respondeu tio Cacho com demora.

– Está bom tempo para andar a arralar milho, tio Cacho.

– Está sim, tio Fontão. Está bom tempo para secarem as ervas.

– Ai se viesse por aí uma chavinha – replicou tio Terroso. – Que falta fazia. A terra está assada com o calor!

Já não respondeu por lhe ser difícil pensar com correção. Dentro da sua cabeça ia uma grande confusão mental que lhe toldava o espírito e incapacitava os membros. Dentro de pouco tempo vai abandonar a terra e a sachola.

Também já não foi buscar o gado ao lameiro. Não tinha saúde física para o fazer. Como duas das vacas estavam paridas, era de esperar que, com as ânsias das crias, iam regressar à noite. Mas se não regressassem e dormissem lá, também não havia mal, pois o tempo estava bom e o lobo não as comia. O gado o que quer é a barriga cheia de erva e ali o pasto não lhes faltava.

– Elas que venham prà corte, se quiserem, que têm boas pernas – argumentou para se desculpar do desleixo de que a mulher o acusara.

Unicamente foi buscar o burro ao tapado das Raízes, ali perto, por ter medo que algum lobo o comesse. Avançava de andar cambaleante

e aos ziguezagues e, na presença de uma árvore apropriada, parou para urinar, coçar as costas e aliviar o fragor da coceira como faz o seu gado. O canto do cuco que cantarolava no carvalhal «cucu, cucu» desafiou-o a atirar-lhe uma quadra:

*– Aqui canta o cuco
aqui canta o gaio
aqui canta o cuco
lá no mês de maio.*

Quando agarrou o burro para o cavalgar e este recusou transportar tão desregrado dono, tio Cacho perdeu a descompostura e, virado do avesso, deu-lhe umas lombeiradas.

– Ah maldito. Esqueces depressa quem te ench’ o presel de feno!

– Olhe que o burro não tem culpa nenhuma! – respondeu-lhe um vizinho, vendo-o descarregar a fúria, de emoções alteradas, no inofensivo burro.

Ao cair da noite, depois da ceia, o franzino corpo, esgotado, sucumbe ao esforço do trabalho e da potência da bebida. Não tarda a *serrar* à lareira. Estatelava-se, então, ao comprido no negro escano sobre um cobertor de lã de ovelha e com a cabeça reclinada num travesseiro de trapos. Aí permanecia enquanto recebesse o calor tépido do lume.

– Vai-te deitar, diabo, que ainda caís à lareira! – replicou a mulher, vendo-o deitado no estreito escano, quase a cair.

Pouco depois, quando o lume esmorecia e o desconforto aumentava, mudava-se, a cambalear, para a cama. Era a chegada da noite que punha fim ao seu estado de confusão metal, embaralho de pensamentos e ao estado de embriaguez, que lhe permitia viver num só dia duas vidas completamente diferentes: a de sobriedade na primeira parte do dia e a de embriaguez na segunda.



XIII. FAZER-SE HOMEM EM BARROSO

António Saltão é o filho mais novo de tio Celeiro e tia Senhorinha e a última esperança de seus pais, que ambicionam fazer dele o continuador da casa de lavoura, outrora o mais alto ideal do aldeão. A idade já lhes pesa e a continuidade da casa não está assegurada pela renúncia dos restantes filhos à vida de lavradores. A última esperança reside no moço António, o qual se tem revelado um pastor diligente, que nunca abandona o gado, que o coça afetuosamente com o cajado ao correr do pelo e que o desparasita com a ponta da vara, libertando-lhe do coiro as abomináveis carraças. Até já adotou uma bezerra, a Briosa.

Isso traz a mãe radiante e sossegou o pai angustiado que já temiam que a antiga casa de lavoura se escangalhasse e que a sua fama, assegurada sem cessar ao longo de inúmeras gerações, fosse de súbito extinta.

– O mais velho podia ter uma vida regalada como lavrador e assim anda a fossar lá p’lo estrangeiro. Deixava-lhe o terço dos bens, guardava-lh’ as vacas enquanto pudesse e comprava-lh’ um bom trator – comentou o pai amargurado.

– Não quis trabalhar na lavoura na casa onde nasceu e que hoje seria a sua própria casa, mas em França já quer. Trabalha precisamente numa vacaria – prosseguiu tia Senhorinha.

– Numa vacaria que, se calhar, é pior do que a que poderia ter na sua terra, na sua própria casa. Vai lá a gente perceber uma coisa destas!

– Com o do meio, o Artur, aconteceu igual. Rai’s o partam – prosseguiu a mulher.

– Agora anda a limpar janelas em Paris, suspenso por cordas nas alturas e de vida suspensa, correndo o perigo de sofrer um acidente de trabalho e se estatelar no meio d’ uma rua.

– Mas se o mais novo emigrar – continuou tia Senhorinha – não vem nenhum mal ao mundo. Ó homem, no estrangeiro ainda ganham mais do que aqui!

A forma como tio Celeiro impelia o moço António à lavoura via-se nos brinquedos que lhe dava. Eram muito simples e relativos à vida campestre: dois bois de pau, o Pisco e o Barroso, apostos ao carro e transportando sobre o soalho da carroça um arado de madeira feito de guiço de abrótega; bolas feitas das bexigas dos porcos, que recebia por alturas do Natal e com as quais não se cansava de jogar no grande sobrado; no Entrudo, brindavam-no com um careto de casca de videeiro com um farto bigode pintado a carvão do lume que ardia na larga lareira da cozinha e, de empréstimo, o grande chocalho da vaca Bourisca para a Serrada da Velha que a mocidade organizava a meio da Quaresma. Um dia trouxe-lhe da feira de Montalegre um colorido trator de pau com atrelado de cor diferente.

Como ofício, estava-lhe reservada a guarda do gado no monte ou nos lameiros, com uma vara que era o dobro da sua altura, reservando-lhe um talho de erva, que as vacas rilhavam até ao torrão. Quando estavam fartas, abria-lhes o biqueiro e deitava-as para o monte baldio onde acabavam de se fartar. E, como pastor diligente que era, sempre atento à segurança do gado, acompanhava-o de perto e vigiava-o para não assaltar algum prédio vizinho onde o milho já amadurecido era uma grande tentação para o gado.

Tia Ricoca, que guardava o gado no lameiro contíguo de Mear do Tempo, não o poupava nos elogios:

– Assim é que eu precisava d’ um pastor pràs minhas vacas, Antonho! Não queres vir p’ra minha casa que te dou bem de comer e de beber?

Mas ele não atendia no elogio e, sentado sobre uma capa de burel, continuava entretido com os assobios que construía a partir das canas do sabugueiro ou com os motivos geométricos que esculpia na vara de avelreira.

Algum tempo depois, para grande tristeza de tio Celeiro, o filho começou a desinteressar-se dos brinquedos, os quais foi perdendo um a um, despedaçados ou abandonados nos terrenos por onde apascentava as vacas. Seu pai ainda pensou que esta abrupta mudança era própria do termo da meninice e que o fim dos brinquedos de pau daria finalmente lugar às vacas e arados verdadeiros.

Passados alguns anos, em que o pai se baixou para beber a água fresca que jorrava de uma fonte e se levantou com enorme dificuldade e em que na igreja, no momento da consagração, se ajoelhou e só se levantou quando a pessoa que estava a seu lado o soergueu – essa incapacidade punha a descoberto a fraqueza da sua velhice –, nessa altura quis passar a casa de lavoura ao filho.

– Bem, filho, o próximo mês de janeiro, além de trazer um novo ano, também trará a tua independência e a posse da casa de lavoura.

– E com a casa de lavoura – acrescentou a mãe – depressa virá uma morgada rica e a união das duas casas – disse ela a pensar na Ricardina, herdeira da casa do Lavradas.

Porém, não muito tempo depois, os pais ingénuos receberam um sinal inequívoco de que o António, seguindo o rumo dos restantes irmãos, também não queria ser lavrador. Ao louvar seu pai a casa agrícola, o valor da terra e a estirpe dos antepassados, de onde tinham saído tão ilustres lavradores, respondeu-lhe o filho que a terra não tinha na atualidade o valor que ele lhe atribuía e que só andava atrás do rabo das vacas quem não podia fugir a salto para França.

– Acorde, pai. Você não vê que os tempos mudaram? Olhe à sua volta e verá que até gente que vive desafogada e que não precisava emigra. No seu caso a situação é pior por ter visto os melhores lameiros serem submersos pela barragem.

A partir desse dia, as rugas do seu rosto ficaram mais profundas e, angustiado, como uma personagem trágica, consumia os dias tristes a deambular sem esperança atrás do gado. Não conseguindo convencer nenhum dos filhos a aceitar e continuar a casa de lavoura por mais uma geração, via terminar consigo a tradição agrícola da casa do Celeiro. Mil vezes acusa o filho por não se agarrar à lavoura e lança imprecisões:

– Mandrião, que não te apegas ao trabalho, mas hás de aprender à tua custa! A necessidade há de obrigar-te, aí há de! Agora não queres os terrenos, mas ainda hás de precisar deles, porque ninguém te dará uma esmola e a França, p’ra onde desejas emigrar, na senda dos teus irmãos, não dura sempre!

Afinal todos os seus filhos, um após outro, falharam.

À noite, quando o gado não inspirava cuidados, passava o tempo amorrinhado à volta da fumarenta lareira – quase em cima do lume e com as mãos a sustentar a cabeça pesada pelas preocupações do momento – e a cismar com a vulnerabilidade a que os terrenos estavam sujeitos

quando morrer e por não haver ninguém para refrear a insaciável e negra fome de alguns vizinhos por terra alheia.

– Os vizinhos estão à espera que eu falte para tomarem conta de lameiros e tapados! – e ao mesmo tempo que pranteava estas mágoas, uma lágrima furtiva escorria pelo canto do olho, pelo incómodo fumo ateadada ou pelo desgosto de ver consigo terminada a antiquíssima tradição agrícola da casa do Celeiro.

– Vai-te, maluco. Alguém te quer os terrenos – retorquia tia Senhorinha.

– Olha, o primeiro a mudar os marcos e a fazer carreiro pelo meio do nosso, para ir tapar a água da poça, vai ser o Zé Maroto, herdeiro vizinho do lameiro de Bossacos.

– Ó pai, ele não tem forças para segar o próprio lameiro e para lhe abrir os regos e ainda se ia apropriar do nosso – argumenta o filho. – Não me parece muito razoável.

– E bastam dois anos para que o terreno não cultivado se encha de silvas e fetos – replicou o pai amargurado. – Olha que te guardo as vacas enquanto puder, compro-te um trator e deixo-te o terço! – insiste ele numa derradeira e infrutífera tentativa.

Mas o filho de tio Celeiro nem aceita o legado do pai, nem reconhece nisso um futuro digno, ainda que seduzido com a compra de um trator ou com a doação do terço dos bens, outrora tão cobiçado pelos irmãos, que se digladiavam por o conseguir do pai mesmo no leito de morte. Os seus olhos já estão postos na França.

Ora, nesse tempo, o espírito e a vida serena dos lavradores foram perturbados pelo trânsito através da aldeia – o que despertou a cobiça das almas ambiciosas – de magotes de homens que demandavam França, de saco a tiracolo. Os espíritos inquietos e cobiçosos mais se alvoroçavam quando ouviam dos que partiam o testemunho de que em França se ganhava muito dinheiro: «A França é a terra do dinheiro e não falta lá trabalho», dizia um; «Os pobres vão ficar ricos e os ricos pobres», argumentava outro.

Estas palavras ecoavam repetidamente aos ouvidos de António Saltão e caíam na sua admiração como combustível numa fogueira. Ficou a cismar dias a fio, até que, certo dia, foi ao contrabando e foi também falar com o passador galego.

E num dia de janeiro de 1964, ao final do dia, depois de andar todo o dia a carrar pedras para a parede do lameiro de Vessadas, vestiu

a samarra de pele de raposa, escolheu um dos melhores cajados do arsenal de varas e recebeu das mãos da mulher a mochila que pôs às costas; e ela recebeu do seu homem a metade de uma nota. Pegou numa nota de vinte escudos, cortou-a ao meio, deu metade à mulher e guardou a outra metade na carteira, onde já estava a direção do cunhado, destino seu.

– Ao chegar a França escrevo-te e envio na carta a minha metade da nota, a qual deverá ser conferida com a tua metade – disse ele quando lhe acomodava nas costas a mochila. – Se combinar, é sinal de que sou eu o autor da carta e da mensagem; prova também de que cheguei bem ao destino.

– Pedirei ao ti Malato que te reze o responso! Quero que tenhas uma viagem segura! – replicou a mulher.

– Adeus e não vale a pena chorares – atalhou ele quando afagava a face rosada da criança que, ao colo da mãe, começara a chorar.

Juntou-se, então, a um magote de companheiros que demandava Espanha e que engrossava à medida que se aproximava da aldeia galega, ponto de encontro e lugar de residência do passador. No caminho, recebeu os cumprimentos de vários vizinhos que regressavam com o gado à corte e que já estavam habituados ao trânsito de forasteiros: «Deus vos dê boa sorte, meus homens!», disse um pastor, «Que Nosso Senhor vos ajude!», desejou o outro.

Julgava que os companheiros de viagem iam ser seis, seis conterrâneos, mas na manhã do dia seguinte, depois de ter pernoitado num palheiro, verificou que eram mais de sessenta, procedentes de Barroso e do Minho. Um grupo que ia a caminho de Ourense e que havia partido dois dias antes foi repellido pela guarda e teve de regressar ao ponto de partida. Agora estavam ali os homens correspondentes a duas «manadas», nome por que eram designados os forasteiros, transportados como animais em camionetas imundas, e todos estavam ansiosos por partir, até porque já tinham gastado parte das provisões.

Entre muitos homens – os de Barroso distinguiam-se dos minhotos por envergarem, no geral, uma samarra com pele de raposa – havia duas mulheres. A maior parte deles era gente jovem, mas também havia menores e varões de cinquenta e tal anos. A maioria deles ia para ganhar dinheiro e reverter a situação de pobreza em que se encontrava, mas entre eles havia quem tivesse propósitos diferentes: fugiam para não irem à guerra colonial ou por razões

políticas. A grande maioria ia pela primeira vez, mas havia alguns que já era a segunda tentativa e um aventurava-se pela terceira: na primeira vez um forte nevão na região de Barroso obrigou-o a arrear caminho; na segunda foi preso e enclausurado pela guarda espanhola e entregue à PIDE. Chegou a casa mais de um mês depois de partir. Quando bateu à porta e a mulher a abriu, logo ela lhe perguntou: “Vossemecê quem é que eu não o conheço?”.

– À terceira é de vez – replicou-lhe um amigo para o consolar, batendo-lhe com a mão no ombro.

– Esperemos que sim, meu amigo, mas olha que também se diz que “não há três sem quatro”.

E quando todos estavam apreensivos pela desmedida quantidade de gente e ansiosos por partir, o passador anunciou do alto de uma laje – o que trouxe alívio àquela gente – não a chegada do carro ligeiro, como tinha sido acordado, mas... do camião.

– Só podemos assegurar viagem a tanta gente, se o transporte se fizer em camião.

Ia começar a prova do camião pela qual passaram muitos emigrantes na sua odisseia em demanda das terras de França. Era um camião dos porcos, com toldo cinzento, e estava imundo de excrementos. Para caberem todos, mais de sessenta - a que se juntaram dois passadores para animar os viajantes -, era preciso ir de pé e foi nessa posição que permaneceram durante muitas horas.

Não muito tempo depois da partida, a laracha que um dos passadores contava para alegrar os rostos pesados dos passageiros, foi interrompida pelos gritos de alguém, na penumbra daquele covil conspurcado e de ar saturado, que estava a desfalecer. Imediatamente um companheiro desembaraçado puxou da navalha e rasgou o toldo. Por ali entrou o ar regenerador que alimentava o antro e passou a descarregar a bexiga cada um daqueles estranhos viajantes.

– Seja tudo pelas almas!

A convicção de ser tratado como gado e de viver próximo da condição animal haveria de acompanhar António Saltão e companheiros durante toda a viagem e depois dela.

Em dias de geada dormiu – era a prova do frio e do sono – ao relento no bosque sob a ramagem de mato ou em cortes de animais depois de Pamplona; comeu – era a prova da fome – vagas silvestres e beterraba, depois de se esgotarem os mantimentos que levava; não estabeleceu contacto com a família durante toda a viagem – era a

prova da incomunicabilidade. Faltava a maior prova: a passagem dos Pirenéus Ocidentais a qual, só por si, encerrava várias provas.

Ao quinto dia, o camião parou na base de uma imponente montanha onde florescia pasto muito verde, mas coberta de neve no topo, e António Saltão e companheiros, depois de ter estalado a revolta entre os viajantes pela míngua de alimento, receberam da parte do passador rancho melhorado, para poderem mitigar o cansaço durante a subida. Os corpos debilitados pela dureza da viagem e enfraquecidos pela míngua de alimento receberam o viático como uma dádiva dos céus.

– É p’ra terem força nas pernas e conseguirem subir estas montanhas – retorquiu o passador, apontando para uma imponente serra que se elevava em frente. – Ali quem adoecer fica para trás e entregue à sua sorte!

Da estrada passaram a caminho de terra batida, de caminho a estreito carreiro e agora tinham pela frente um campo pedregoso que pouco tempo depois se transformou num denso matagal. Como naquelas serras inóspitas e agrestes não havia trilhos por onde os viajantes pudessem progredir com alguma facilidade, como os carreiros das suas aldeias, devastados por animais e transeuntes, avançavam a corta-mato, acoçados pelos múltiplos obstáculos, vergastados pela vegetação e picados pelos tojos que eram da sua altura. As descidas não eram suaves, mas custavam menos do que as subidas. «P’ra baixo todos os santos ajudam».

Depois de terem passado a noite numa corte de rês, abrigados da chuva, foram acordados pelo passador de madrugada e impelidos a prosseguir caminho.

– Vamos. Depressa. Agora tem de ser!

Subiram e desceram montes fustigados por chuviscos e vento. De vez em quando, a chuva miúda dava lugar a pequenos flocos de neve, a qual no alto das montanhas brilhava espessa. No fundo de um vale, à medida que se aproximavam do curso de água, o espírito dos viajantes inquietou-se por já terem ouvido falar da dura prova da travessia do rio e por não saberem ao certo que tipo de curso de água era aquele e se havia ou não ponte para o transpor. De súbito, um rio de águas volumosas e pouco mansas barrou a passagem aos viajantes.

– Bem, meus amigos, agora vistam os casacos e dispam as calças – disse aos viajantes o passador, quando descarregava a mochila e se preparava para descalçar as botas.

Os grandes troncos de carvalho sobre as poldras haviam sido derrubados e era preciso transpor o rio a vau. E quando uma parte daqueles viajantes clandestinos já tinha cruzado o rio e se enxugava do outro lado, rebentou grande alvoroço entre o grupo, quando um jovem se desequilibrou e foi arrastado pela corrente. Valeu-lhe a prontidão e solidariedade dos companheiros que, a jusante, junto à margem, o filaram e salvaram.

– Perdeste a bagagem, mas salvaste a vida – disse-lhe um companheiro corajoso.

– Olha que eu era capaz de fazer o mesmo por ti, camarada – respondeu o aflito.

A possibilidade de se encontrarem com os *carabineros* era um perigo sempre iminente, tanto na fronteira de Portugal, como em Espanha, e era mais uma prova imprevista de que os viajantes tinham consciência. António Saltão deparou-se com eles por três vezes, mas só numa experimentou o terrífico pavor da perseguição.

A primeira vez que os viu foi quando ele e companheiros, numa estrada de montanha do norte de Espanha, para espantar os medos da alma e elevar o moral, começaram a cantar. Aquele à-vontade permitiu-lhes passar sem despertarem suspeição. A segunda vez foi pelo buraco da fechadura de uma corte de rês onde pernoitava no nordeste de Espanha. A terceira foi já perto de França, na região do País Basco, pois o passador já havia anunciado a proximidade da fronteira.

Era noite de lua cheia, e eles avançavam ligeiros por um trilho de montanha atrás do passador, quando da penumbra da noite lhes saíram ao caminho, aterradores, os *carabineros*:

– Alto! Alto! – e dispararam vários tiros de aviso.

Os viajantes tinham ordens dos passadores para, no caso de serem surpreendidos pela guarda, seguirem o passador como um cão segue o seu dono, mas esta recomendação revelara-se inviável na noite escura. Instalado o pânico, cada um, como um animal bravio, fugiu em sua direção e procurou refúgio num toco seguro.

Na madrugada do dia seguinte, ao deambularem pela serra, os viajantes furtivos reencontraram-se e organizaram-se com o passador. Infelizmente nem todos o puderam fazer, pois um deles, que no dia anterior se tinha queixado de fadiga e que não conseguia acompanhar o grupo, mas a quem os companheiros animavam dizendo «Vem andando, vem vindo connosco», jazia morto junto a um penedo onde

havia procurado refúgio. Do grupo de seis companheiros de António Saltão, só quatro se reencontraram. Os outros dois seguiram caminho diferente, integrados num pequeno grupo de minhotos que o acaso havia reunido. Por isso, quando meses depois os encontrou num *chantier*, nos arredores de Paris, a conversa fixou-se naturalmente neste dia dramático:

– Ouçam lá, naquela noite em que nos apareceram os carabineiros e fomos dispersos, como fizeram para transpor a fronteira?

– Nem me fales nisso que nos trazes à memória tristes recordações – retorquiu o companheiro. – Desorientados nas montanhas e mortos de fome, resolvemos aproximar-nos de uma aldeia para comprar alimentos e pedir informações.

A «manada», agora reduzida por ter sido dispersa, prosseguiu caminho, até que na manhã do dia seguinte o passador anunciou que a aldeia que cintilava ao longe já era francesa, que brevemente iriam transpor a fronteira e que, depois de transposta, não mais tinham de recear as perseguições, pois só a guarda espanhola era hostil. Aquela notícia devolveu aos rostos austeros a alegria perdida.

Foram nove dias e nove noites de viagem pelo preço de nove contos.

Passado mais de um mês, a mulher recebeu a correspondência prometida com a metade da nota de vinte escudos, a narrar laconicamente a dificuldade da viagem e o desânimo em que se encontrava, pois afinal a realidade era bem diferente daquilo que lhe haviam pintado.

Nanterre, 15 de fevereiro de 1964

Saudosa esposa

Estimo muito que esta carta te vá encontrar de boa saúde na companhia do nosso filho, que eu vou bem, graças a Deus.

Já há oito dias que estou a recuperar de uma duríssima viagem por terras de Espanha em casa - se é que a isto se pode chamar casa - do teu cunhado. Por isso, só ontem comecei a procurar trabalho na construção. No primeiro “chantier” a que me dirigi não havia, mas estou com fé que vá encontrar noutro não muito longe, que tinha uma placa a pedir serventes de pedreiro.

Envio a metade da nota para veres que sou eu, o teu homem, que te escreve e não o maldito passador. Apesar de a viagem ter sido feita em camião e a pé, mais a pé do que em camião, e não em carro como foi prometido, dá lá a segunda metade do dinheiro ao diabo do homem.

Diz-me se a Galharda já pariu e se trouxe bezerro ou bezerra.

Adeus e até à tua resposta.

Passaram-se anos e anos. Muitos anos se passaram até que António Saltão, num dia de agosto, encontrou casualmente o passador na feira de Montalegre e perguntou-lhe porque é que, sendo ele amigo da família, lhe omitiu a dificuldade em que era feita a travessia de Espanha. Obteve esta resposta: «Home, si contase a verdad, non iba nadie a Francia!».



XIV. TIA LAMEIRA: A OPOSIÇÃO ENTRE CIDADE E CAMPO

Quando Tia Lameira vai à cidade, ao Porto, não é às compras nos centros comerciais, nem é seduzida pelos folguedos da urbe ou atraída pelos brilhos da cidade. Não, só um sério pretexto a fará ir tão longe. Forçada por razões impreteríveis, vai a uma consulta que a filha lhe marcou. Vendo aproximar-se os húmidos dias de inverno e prevendo os queixumes dela, decidiu levá-la ao ortopedista para lhe aliviar as dores do reumatismo.

– É amanhã que vai ao médico dos ossos, senhora mãe.

– O que mais me mata é a carreira – confessou tia Lameira. – As náuseas da viagem parecem arrancar-me as entranhas – confessou ela, enquanto contorcia a boca em atitude de repulsa.

– Pensei nisso e comprei na farmácia comprimidos para evitar o enjoo – replicou a filha, mostrando na palma da mão duas pequenas drageias. – É um para a ida e o outro para o regresso.

Tia Lameira é uma figura jovial e bem enquadrada na paisagem rural da aldeia, seu lugar natural e à qual mantém forte identidade, mas quando transposta para a cidade perde todo a graça e encanto. Na cidade, o semblante enrugado e crispado pela dureza do campo, a pele curtida pelos extremos do clima, as mãos ásperas e calejadas, endurecidas pelos objetos rugosos em que tocam, estão em contraste flagrante com o colorido e polidez da urbe.

– Não sente admiração pelo Porto, senhora mãe, e pela arquitetura destes belos edifícios - perguntou a filha.

– Nada. Quem vê um povo vê o mundo todo – respondeu ela, sem retirar os olhos do chão.

Na cidade, ao virar da esquina de uma rua movimentada, a sua figura ancestral, como que trasladada do passado ou tirada de um retábulo antigo, e o vulto austero sobressaem em demasia na paisagem humana cidadina e revelam a origem rural e distante.

Na verdade, não há maior anacronismo quando ela transpõe os átrios das repartições públicas, quando está alinhada numa fila,

quando é iluminada pelas luzes néon da cidade ou quando passa frente às montras das lojas decoradas com as roupas femininas da nova estação, delicadas e de cores variegadas, ao passo que as suas são vestes tristes: meias grossas e altas que escondem toda a perna, lenço apertado na cabeça que encobre os cabelos pouco cuidados e as arrecadas maciças nas orelhas; casaco de feira. O xaile pelos ombros e o cordão de várias voltas à volta do pescoço com joia de grande quilate não chegam para lhe dar um ar senhoril.

– Maldito reumatismo – praguejou tia Lameira. – Quem me dera ter as pernas de moça nova, como aquelas ali dentro – disse ela, quando passava frente a uma montra de roupas femininas.

– Pelo menos não ter dores no inverno, senhora mãe, e ter suficiente mobilidade para desempenhar as tarefas do campo – atalhou a filha.

– Se estivesse na aldeia, sabes o que estava a fazer a esta hora? – perguntou a mãe.

– Talvez a apascentar o gado no lameiro de Talhe do Rio... – respondeu a filha. – Ou a colher couves no Terreiro.

– Não, isso é o que está a fazer o teu pai. Estava a dar de comer às galinhas e aos coelhos.

A criação e abate de galinhas e coelhos eram um cargo que lhe estava confiado. Não lhes poupava em liberdade e alimento, as duas principais condições para um animal ser feliz. Era por isso que, depois, não admitia traições, especialmente das galinhas que em determinada altura trocavam a sua por outra casa para pôr os ovos. Pelo seu dedo mindinho – é caso para dizer que tem um dedo que adivinha – ela sabia se era ou não traída. Em caso de desconfiança, a suspeita ficava sujeita a apertado escrutínio, e não demorava muito a ser descoberto o seu clandestino ninho e a postura que o adornava. Se voltasse a prevaricar podia acabar mais cedo num guisado, que tio Canaverde degustava, depende da altura do ano, ou à sombra de algum carvalho do lameiro ou no velho escano da cozinha fumarenta, à luz da fraca lâmpada que pouca mais brilho irradiava do que a antiga candeia a petróleo.

A cidade é uma babilónia. São legendas que não é capaz de interpretar, palavras que não entende, papéis – segurados mal pelas suas mãos ásperas – que não é capaz de ler, tecnologias que não domina e perigos encobertos. É um mundo saturado pelo barulho do trânsito, pela poluição e superpovoado.

– Que bichice! Ainda dizem que se acaba o mundo!

– O que aqui sobeja em gente falta na aldeia – replicou a filha, apontando para uma rua atafalhada de gente.

A cidade é o lugar por excelência do vício, de tipos humanos esquisitos, de gente suspeita e moralmente degradada. Desaprova as modas vanguardistas: os penteados desalinhados, as tatuagens nos corpos e a licenciosidade das roupas femininas, justas e curtas, que moldam as linhas do corpo até à perversão.

– Não têm muito frio, senão não andavam com o umbigo e as pernas à mostra.

– Olhe, olhe os cabelos escangalhados daquela! Parece que viu o lobo.

Os brincos masculinos nas orelhas e os *piercings* no nariz, que lhe trazem à lembrança o brinco dos bezerros e o arganel na venta de seus porcos fossadores, são para ela modas ridículas e hilariantes e são a única razão que lhe arranca um sorriso do rosto austero naquele dia fastidioso.

A sua face volta a sorrir quando repara num cachorro meneado pelo seu dono e que enverga uma fatiota a preceito. Isso traz-lhe à memória a recordação de todas as vezes em que foi preciso transportar da corte para junto do lume da cozinha, revestido numa manta, o gadinho recém-nascido e dar-lhe de mamar por uma mamadeira como se fosse um filho. A frágil economia doméstica não podia perder as frágeis crias a quem, por falta de leite da progenitora, a natureza não dera a robustez suficiente.

E não é só a mocidade, mas gente mais velha do que ela merece a sua reprovação se ultrapassar os limites do que é compatível com a decência da sua idade.

– Seja tudo pelas almas!

– O que é agora, senhora mãe?

– Olha que velha gaiteira ali vai! – diz a propósito de uma anciã que passa de cabelo pintado, a fumar e de saltos altos e que, por onde passa, o seu perfume exala um odor a rosas frescas.

A vida citadina implica uma certa higiene à qual tia Lameira é muito avessa. Para onde quer que vá, transporta consigo o fumo das lareiras, mas se na aldeia o odor passa despercebido, na cidade é sentido e é desagradável. O odor a fumo é o perfume do *Homo Barrosanus*.

A vida citadina é feita a correr e sem que ninguém se saúde: gente de passo apressado para apanhar o transporte, gente a fugir para o emprego. A cidade encerra mais absurdos: obedecer aos semáforos, cruzar a rua nas passeadeiras e ter de esperar numa fila para ser atendida; o absurdo dos horários rígidos e das esperas nas filas de trânsito. Ter de tomar cuidados redobrados para atravessar uma rua é o absurdo extremo.

– Só se vê gente apressada e cada um a governar a sua vida – comentou tia Lameira, – mas, se tivessem as minhas pernas, não corriam tanto!

– Mas olhe que a vida na aldeia é bem mais dura! – retorquiu a filha. – Em termos de bem-estar, nunca a aldeia pôde competir com a cidade. Basta ver a razão por que você veio hoje à cidade!

– E eu não o sei!?

Todo o trabalho rural lhes passa pelas mãos, a si e ao tio Serrão, várias vezes. O feno que carregaram no lameirão de Águas-Terças, e com o qual desougarão o gado, suprimindo-lhe um suplemento alimentar no final do dia, voltará a passar-lhe pelas mãos quando fizerem as camas ao gado e mais tarde, sob a forma de esterco, quando transportarem para o nabal o esterco que há de nutrir as batatas, que antes de lhes chegarem à boca serão semeadas, sachadas, regadas, pulverizadas, cavadas e carradas, se nenhuma geada ou calamidade da natureza as não ceifar primeiro. Tanto trabalho para tão pouco rendimento!

Noutro tempo, já mulher casada, andava descalça no verão para poupar o calçado. Ia levar o gado ao tapado da Fervença e, no regresso, descalçava os tamancos, punha-os a tiracolo e caminhava descalça para os poupar. Só os calçava quando estava próxima da aldeia ou quando avistava já perto um vizinho, à frente de quem tinha vergonha de aparecer descalça, como as cabaneiras. À noite ia buscar o gado ao mesmo tapado e, enquanto o gado tonsava a erva tenra de uma lameira na margem do caminho, ela fazia uma vassoura de giesta para varrer a casa.

– Era um tempo de muita miséria, não era?

– Era, mas havia muita mocidade e todos eram muito alegres.

Não compreende os recursos que as pessoas desembolsam com o luxo, com a beleza e a extravagância. São estilos de vida que a angustiam e falsos brilhos da cidade que não a deslumbram: jantar num restaurante com vista para o rio e a decorrer à luz da vela; passar

férias na praia de um país longínquo, tendo para isso contraído um empréstimo; comprar roupa a prestações. Pelo contrário, na aldeia os recursos vão todos para a sobrevivência e poupança. E não há poupadores como ela e os seus conterrâneos. Distendem a capacidade de poupar até ao extremo.

No modesto saco transportado pelo braço como quem transporta uma cesta, vai a carteira dos documentos e um naco de presunto.

– Aquele pão de trigo que bem acompanhava a febra de presunto que aqui trago – desabafou tia Lameira, ao passar frente à montra de uma loja. – Não queres ir lá comprar meia dúzia?

– Vou, sim, senhora mãe, e trago também um quilo de fruta.

– E aquele banco da praça está à espera que nos sentemos nele.

As compras da casa são um encargo seu, o contrabando, porém, tanto podia ser uma tarefa dela como de tio Serrão. Quantas vezes levava o gado a pastar ao lameiro da serra e à noite trazia-o para a corte e trazia também à cabeça, equilibrando-o maravilhosamente – que gesto de perícia! –, o pesado fardo do contrabando, que a longa distância tornava muito mais pesado. A meio do caminho, enquanto descansava as costas, ainda tapava a água a um lameiro e tapava também o biqueiro de um tapado que gado tresmalhado havia aberto e assaltado.

Qual Rato do Campo, deseja regressar rapidamente a casa. A esta hora do dia, já está farta da cidade pelos cabelos e tão cedo não deseja regressar.

– Olha, olha ali a carreira que nos há de levar prà nossa terra.



XV. A SANCTA RVSTICITAS DE TIO FRIEIRA E TIA CELESTE OVELHA

Nos quentes dias da primavera – ansiava por eles como o cuco – tio Frieira arrecadava as grossas vestimentas de inverno, arregaçava as mangas da camisa e passava os dias a sachar, regar ou cuidar do gado. Em pleno verão, cortava e virava o feno dos lameiros à regaleira do sol e, de vez em quando, cantarolava uma moda:

Pus-me a chorar ao pé de água
Lágrimas de sentimento
A água me respondeu:
- Nada cura como o tempo.

Pus-me a chorar ao pé de água
Ao pé da água que corre
A água me respondeu:
- Quem tem cuidados não dorme.

Vendo-o tão entretido no labor rural, berrava-lhe o compadre que passava na coroa da terra a conduzir a água da rega.

– Ó homem, deite-se a uma sombra, que está muito calor p’ra virar feno. Esta é a hora de maior calor!

– Olhe que já faltou mais, compadre. Salve-o Deus.

– Salve-o Nosso Senhor. Quer que lhe bote uma mão.

– Ah não, muito obrigado. Isto vai com calma.

Estirava-se, depois, à sombra da frondosa carvalha do lameiro, seguindo os conselhos do compadre, e de vez em quando bebericava vinho fresco, refrescado pela água da fonte que jorrava da terra em borbotão e, percorrendo um sinuoso rego, ia regar as culturas das terras contíguas.

Se a diligente mulher o advertisse de que a água fresca da fonte não era somente boa para regar o lameiro e refrescar o pipo, ele era perentório:

– Bebe-a tu e a mim dá-me vinho! Água, nem p’ra lavar os pés.

Porém, de inverno – somente esta palavra, proferida no pino do verão, já lhe provocava calafrios –, de inverno o frio enregelava-lhe a velha carne, entorpecia-lhe os membros e andava sempre com o pingo no nariz e morto de frio.

– O lume está a apagar-se – afirmava ele, na esperança de que a mulher fosse solícita aos seus queixumes e pusesse lenha na fogueira.

– Deita-lhe canhotos – replicava ela sem retirar os olhos da masseira onde ela peneirava.

De inverno, as engaranhadas mãos não conseguiam segurar, firme, o cabo da sachola, nem nenhuma roupa era suficiente para lhe aquecer os ossos. Depois de aplicar uma cunha de ferro no cabo de uma sachola que não parava de abanar e diminuía o rendimento do trabalho, saiu do pátio para a rua e sentou-se amorrinhado para se aquecer numa laje de vez em quando banhada pelo sol.

– Está com frio, tio Frieira – afirmou o Vassalo que passava de sachola ao ombro.

– Aquele – e apontou para o sol – escondeu-se por trás das nuvens.

– Tem de vestir ceroulas como antigamente.

– Já as trago.

– Então passe a vestir uma camisola interior térmica.

– Já trago duas. Vou mas é p’ra casa aquecer-me ò lume, que já o acendi há pouco.

– É melhor. Parece que ele, envergonhado por trás das nuvens, já não vai regressar hoje.

– Como não tinha fósforos, o moço Rui Queimado foi-me buscar um tição a casa da Batocas. Deve estar uma boa fogueira.

Passava o dia amorrinhado à volta da fumarenta lareira, sentado no negro escano, quase em cima do lume. A cinza e faúlhas que se libertavam do lume, sempre aceso, subiam até ao cume da alta cozinha, executavam um estranho bailado e depois vinham pousar sobre a sua cabeça de alvos cabelos. Por vezes, uma lágrima furtiva escorria pelo canto do olho, pelo incómodo fumo ateadada ou por alguma mágoa mal curada que agora emanava da fundura da alma.

Quando não se ouvia na negra cozinha o estrépito do tear ou o crepitar da seca lenha de carvalho a arder, ouvia-se a melancólica e irritadiça voz de sua mulher:

– Vai-te, diabo. Sempre derreado à lareira. Algum dia ainda caís ò lume!

Mas tio Frieira não ficava ofendido.

Outras vezes estatelava-se ao comprido no negro escano sobre um cobertor de lã de ovelha, reclinando a cabeça num travesseiro de trapos. Reconfortado pelos tépidos calores do lume, depressa adormecia. Ao brando calor do lume, a esquentar o precioso líquido, nunca faltava, cheia, a caneca de barro preto.

Acordava pouco depois com o bater do tear no sobrado contíguo. Aí, as duas premedeiras do tear não paravam de bater, acionadas com mestria pelos ágeis pés de tia Celeste Ovelha.

Se era dia soalheiro, saía para as lajes da eira, do outro lado da rua. Estendia uma negra capa de burel ou uma velha farrapeira, expunha ao sol a máxima superfície corporal e ficava horas e horas a receber rajadas de energia solar, que lhe iriam elevar a temperatura corporal e fazer com que recuperasse as forças que lhe faltavam.

Enquanto aí permanecia, a mulher ia levar a porca ao borrão. Ia atada a uma pata por um cordel, que também lhe prendia o ventre. Na mão esquerda, tia Celeste segurava o atilho com que a domava, na direita, uma vergasta com que a conduzia e escarmentava e da boca soltava palavras meigas que a deixavam serena e lhe amaciavam as cerdas do lombo cevado: «Tem-te, tem-te...». À frente ia o filho mais novo a chamá-la, «Ruc, ruc...» e a abanar uma lata com milho dentro. A porca, habituada às trevas da corte e, naquele momento, cega pela claridade, orientava com dificuldade a sua marcha pelo rugido que provinha da lata.

Depois de regressar, vendo-o ainda a dormir, a rabugenta mulher, que agora estendia roupa a secar junto ao velho canastro, não se continha:

– Vai-te, diabo. Faz qualquer coisa, mendicante. Pareces um sardão ao sol.

Mas a invetiva da mulher passava por ele como água em junco de croça.

Pouco depois, cómodo com a elevação da temperatura do seu velho sangue, ia despertando do lânguido sono e espreguiçava-se com grande prazer e demora. Vestiu um grosso casaco, abotoado até ao pescoço para reter junto ao corpo a energia recebida e, pegando numa sachola, saiu porta fora e desceu a rua da Apedrada. Vai para a terra da Trigueira. Depois de atravessar uma mata de carvalhos dos quais

pendiam longos líquenes cinzentos e lhes davam o aspeto de provetas e respeitosas árvores, ei-lo perante a sua leira com árvores de fruto: castanheiros, macieiras e pereiras. Nessa leira que já dera renovo, mas que agora estava virada para pomar, com dúzia e meia de árvores espaçados, aquele lavrador antigo executava o ingrato serviço de castigar uma macieira.

Na generalidade, as pessoas sabem o que é podar, esgalhar e cortar uma árvore, mas não sabem que as árvores de fruto podem ser castigadas; sabem que os animais domésticos podem ser corrigidos pelos seus donos e que os infantes e pupilos também o podem pelos seus progenitores e preceptores para correção do comportamento, mas uma árvore...!

– Mas o que terá feito essa “alma vegetal” para merecer castigo tão severo? – inquiriu o estudante Peres, que, trilhando o carreiro, acompanhava a água ao nabal.

– Estou a castigá-la por ser preguiçosa – retorquiu. – Come da melhor terra, bebe da água cristalina da fonte, na primavera mimo-a com suplemento alimentar: adubo granulado, na esperança de que no outono produza fruto em abundância, mas ela...

– Já chega de castigo – disse o estudante, quase de lágrimas nos olhos. - Não a castigue mais. Mas, já agora – continuou – diga-me como é que se castiga uma árvore. Com certeza não se serve de um chicote ou de um varapau, como se ela fosse um ser animal!

Foi então que o lavrador explicou: o brio de uma árvore está em dar abundante fruto, mas nem sempre isso acontece. Como produzir fruto é um ato laborioso e que exige esforço, algumas delas, as mais manhosas (os animais e as pessoas acabam por padecer dos mesmos vícios), por vezes tornam-se mandrionas, deixando, por preguiça ou laxismo, de dar fruto. Nesse caso, o lavrador deve intervir e puni-las, para que elas, escarmentadas e receosas da dureza do castigo, voltem a dar fruto.

O castigo consiste em suspender-lhes das principais galhas pesados sacos com pedras ou, então, espetar-lhes no tronco pregos. Era isso o que ele estava a fazer àquela macieira quando o estudante Peres passava no caminho. E se o castigo é proporcional ao fruto, então aquela macieira de tio Frieira vai dar muitas maçãs no próximo outono!

Poucos dias depois, em plena primavera, pegando numa vara de aveleira e, sobre a cabeça, a negra e redonda boina, jungiu o gado com

a ajuda da mulher e partiu para o monte em busca de lenha para aquecer o forno. Tia Celeste Ovelha acompanhou-o até à encruzilhada dos Madrigais, na periferia da aldeia, tendo daí seguido para poente, em direção à corte da rês, e ele para norte, em direção ao tapado de Savarigo.

– Não demoro – disse ele, voltando-se para trás. – À hora da ceia já cá estou.

– A essa hora, já eu tenho as ovelhas tosquiadas – respondeu ela, volteando a cabeça na sua direção.

Agora que o tempo ia ficar mais macio e, por uns meses, estava afastado o inverno severo, tia Celeste Ovelha tosquiava os reixelos na corte, sobre o chedeiro do carro das vacas, atando-lhes as duas patas com um único laço. Começava a tosquia pelo pescoço e, depois de cortar um dos flancos, voltava-a e tosquiava o outro. A ovelha, desconfortável pela posição incómoda e demorada, que lhe entorpecia as pernas, esperneava e balia a protestar. Todavia, vendo que não podia vencer o atilho que a oprimia, serenava os ânimos até que, pouco depois, com novo visual, era libertada pela dona do grilhão opressor. De seguida, com o mesmo desembaraço com que tosquiara as ovelhas, cortava o cabelo ao filho mais pequeno, atando-lhe ao pescoço, com um único laço, um dos seus aventais remendados. Começava a tonsura pelo pescoço.

No tapado, assente o carro na horizontal, tio Frieira começou a carregar o carro pela lenha grossa. Depois de carregar a grossa e a delgada, quando lançava a corda para a atar, notou que o sol intermitente deixara de brilhar há já algum tempo e que a Poente nuvens negras se elevavam no horizonte e haviam ofuscado a claridade da manhã primaveril.

– Mau, mau – disse para si, pressentindo a possibilidade de aguaceiro.

Pegou num pedaço de pingue sebo de porco, guardado sob as sogas que firmavam as molhelhas à cornadura do gado amestrado, e com ele untou o eixo e os chumaços, entre os treitoiros, para mais facilmente calcorrear os obstáculos do agreste caminho.

Carro apostado e a rolar ligeiro, e eis um som único da natureza barrosã: a cantata produzida pelo chiar do carro das vacas, quando o eixo rompe entre os treitoiros, que alegrava as viagens de todos os lavradores ao longo das veredas e que aliviava a monotonia e aspereza

do percurso. Ele era música durante a viagem, e quem não gosta de música durante a viagem?!

– Chiiii-i-iaa-iii...

– Eeeei, vacas que se faz tarde!

A orquestração por ele trauteada dependia da carga que transportava – pelo chiar avaliava-se o peso da carrada –, da idade do eixo e da afinação dada pelo lavrador. Umaz vezes, trilhava as estreitas veredas atacado de rouquidão e a entoar uma triste e roufenha cantata; outras vezes, sulcava-as em alegre diapasão.

– Chiiii-i-iaa-iii...

– Maldito trovão. Pode ser que me dê tempo de chegar a casa... – disse com confiança quando animava o gado a ser mais veloz.

Depois de calcorrear em marcha apressada e alegre diapasão as curvas das Vessadas, depressa chegaram à Chã Grande. No poeirento e plano caminho, a comprida rabeira do carro, formado pelos guiços de lenha delgada, riscava gafafunhos indecifráveis que em breve a torrente caudalosa do aguaceiro iria apagar. Com o céu mais carregado, uma grossa pinga caíra agora no nariz do pastor que impelia o seu gado a ser mais veloz.

– Ó Santa Bárbara bendita! – disse tia Celeste, quando na cozinha pôs ao lume o tição de Natal. – Pode ser que entretanto ele chegue.

Na calçada irregular da rua da Corredoura, a marcha do carro perdera velocidade e a jovial melodia dera lugar a um fanhoso ranger. A entrada e a busca de refúgio no combarro da eira foram acompanhadas de um forte relâmpago no céu tenebroso com estridente trovão, que feriu o firmamento de alto a baixo. Já em casa, as ralas pingas do aguaceiro haviam-se tornado abundante chuva.

Entretanto o sino de Santa Bárbara tocava a rebate, o que trouxe alívio às gentes, pois era sua convicção de que, até onde o seu telintar chegasse, nenhum renovo correria perigo.

– Reza o *Magnificat* que tem muita virtude – implorou a mulher quando recolhia o neto que na varanda contemplava o rugido dos elementos.

Na rua, a torrente de água alagava-se pela totalidade da via. Um diligente vizinho, de capa de burel na cabeça e munido de um sacho, limpava com celeridade a valeta frente à porta da sua corte. Na outra valeta, imundície da rua ali acumulada teimava insensatamente em bloquear a passagem da água, mas a impetuosidade da corrente, mais

forte, logo destroçou a frágil barreira. Na negra e fumarenta cozinha, o homem tirou da cabeça a redonda boina e começou a rezar:

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
A minha alma glorifica o Senhor
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

De súbito, a luz elétrica falhou. O rosto austero de tio Frieira, sentado no escano desconfortável, passou a ser iluminado apenas pela claridade que o lume irradiava, até que a mulher retirou do armário incrustado na grossa parede a candeia envelhecida pela falta de uso. Puxou o pavio com uma agulheta, atestou o depósito do combustível com azeite e, como ignição, serviu-se de um galho incandescente do lume. Colocou-a alta no prego do tirante, seu antigo poiso, mas a iluminação que dela irradiava mal dava para tia Celeste descascar as batatas que iriam nutrir os corpos esfomeados.

Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens
E aos ricos despediu de mãos vazias.

O último relâmpago a ser disparado do céu iluminou a aldeia e o clarão, varando a janela da cozinha, alumiu em cheio o rosto da mulher e os olhos apavorados da criança sentada num mesouco. Apavorada pelo terrífico barulho, foi refugiar-se no colo da avó. Até que o aguaceiro cessou o seu ímpeto e, tão depressa como começara, diminuiu de intensidade. Quando de novo o trovão rugiu, já foi longe.

Nesse instante, tio Frieira, pegou num sacho e, do pátio, gritou à mulher:

- Vou ver se a água entrou no palheiro.
- Ainda há pouco lá fui. Quando o trovão ameaçava, a primeira coisa a fazer foi limpar a surreira.
- Mesmo assim, vou verificar.
- Então leva um agasalho – disse ela quando, deitando mão a uma capa impermeável, lha entregou.

Já de noite, na cozinha, enquanto ceavam, o assunto da repentina e impetuosa borrasca preenchia as conversas de todos os aldeões. Também tio Frieira e tia Celeste, à volta da fogueira que irradiava mais luz do que a pardacenta candeia, não falavam de outra coisa:

– Coitado do Bailão! – lamentou a mulher. – A água entrou-lhe na coroa da poula de Chóia e levou-lhe a terra e a ferranha. Que prejuízo teve o homem!

– Se só fosse a poula de Chóia! – prosseguiu o homem. – Caiu-lhe também o muro da terra do Campo das Lágrimas.

– Olha que o trabalho do domingo não é abençoado. Esse muro tinha sido levantado há poucos anos num dia de domingo.

– E eu não sei? Ajudei-o a erguê-lo. E no dia seguinte ainda o fui ajudar a arrematar a parede por no dia anterior não ter sido arrematada.

– O azar de uns é a sorte de outros. Uma fásca abriu de cima a baixo o carvalho de Facho quando a Sangalha ia a passar. Não ficou molestada, mas apanhou cá um susto...

– Coitada da mulher... Nesse mesmo sítio uma fásca matou há anos uma vaca ao Vergas e ele que a tocava não teve mal nenhum.

O regresso da luz elétrica, saudado por todos, ofuscou a débil luz da candeia e iluminou em cheio as batatas e couves, acompanhadas de carne de queixada e chouriça, que eram servidos numa travessa sobre a mesa do escano. O regresso da luz também devolveu à criança o brilho dos olhos e o rosto sorridente.

– Aleluia! Já tardava – saudou a mulher. – Ainda pensei que hoje já não regressava.

– Já não estamos habituados à iluminação de outro tempo. Quando nos criámos era o que havia – inquiriu o homem.

– Os antigos nem candeia tinham. Serviam-se de guiços que acendiam no lume e metiam nos anéis da gramalheira ou nos buracos da parede da cozinha.

– Os meus avós, que Deus tem, quando viviam na casa do Pocinho, era a iluminação que tinham. E olha os anos que duraram e os filhos que ali criaram!

Na corte, sob a cozinha, o gado estava deitado e acomodado. Enquanto comiam o feno do presel, as campainhas soavam levemente, mas agora deixaram de se ouvir. O mundo dos animais estava em paz, mas não o das pessoas. Já o caldo tinha sido servido, quando alguém chamou à porta, com voz preocupada, e logo o dono da casa a mandou entrar.

– Entre quem é.

– Façam bom proveito – desejou tia Maria dos Remédios.

– Assim lhe fará se for servida – responderam os donos da casa. - É servida?

– Não, muito obrigada, já comi.

– Ao menos beba uma pinga – insistiu o dono da casa.

– Também não, tio Frieira. O que lhe pedia é que rezasse o responso por uma ovelha minha, que a maldita trovoada tresmalhou.

– Pode ficar descansada que será rezado – disse o homem. – E quando deu conta?

– Dei conta quando metia a rês ao cortelho. Ao contá-la uma a uma (e conto-a sempre que lhe entreabro a porta e ela se apressa a entrar) notei que faltava uma ovelha. Voltei a contá-la repetidas vezes e a conta dava sempre uma a menos, uma ovelha preta de meia-idade que no ano passado pariu dois anhos. Mas eu tenho muita fé em S.^{to} António e creio que nenhum lobo a comerá.

– Acredite que será assim.

Naquela noite, o responso de S.^{to} António substituiu o terço ou as orações que naquele lar se rezavam pelas almas do Purgatório, especialmente pelas obrigações da família.

Se milagres desejais
Recorrei a S.^{to} António
Vereis fugir o demónio
E as tentações infernais

Recupera-se o perdido
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido

Todos os males humanos
Se moderam e se retiram
Digam aqueles que o viram
E digam os Paduanos

Pela sua intercessão
Foge a peste, o erro e a morte
O fraco torna-se forte
E o enfermo torna-se são.

- Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo
- Como era no princípio, agora e sempre. Ámen.

XVI. TIO MALHÃO: PREPARAÇÃO PARA A MORTE

Durante muitos anos, a grande preocupação de Tio Malhão foi pagar todos os meses a Segurança Social para que no final da vida pudesse receber uma reforma que permitisse a si e à mulher, tia Maria dos Cabanais, viver com pouco trabalho. Ainda começaram por fazer os dois descontos, estavam casados há já bastantes anos, mas quando se puseram a fazer as contas e viram quão difícil era conseguir tão grande mensalidade a partir de tão poucos recursos: as crias das oito vacas que todos os dias levavam a apascentar ao lameiro, acharam que era preferível que, pelo menos um deles, desistisse de fazer descontos.

– Quando me lembro dos anos que temos de pagar a Casa do Povo, cerca de trinta, e sem ver o retorno de tão grande investimento, cada vez mais me convenço que é melhor um desistir – argumentou tio Malhão. – Mas qual de nós? Ai se adivinhasse!

– Com certeza é melhor eu desistir – respondeu a mulher.

– Porquê tu?

– Porque acho que não duro até à idade da reforma. Trinta anos, Jesus, são uma eternidade.

– Não, eu é que não duro tanto – replicou o homem. – Por isso faz antes tu os descontos. Olha trinta anos...!

– Não, faz tu antes qu’ és mais velho e, por conseguinte, contigo a descontar há a possibilidade de a reforma chegar mais cedo. Isto no caso de ainda sermos vivos. E se formos, será a tua reforma e as parcas poupanças que nos manterão – retorquiu a mulher.

– Não, a mim não deve manter – respondeu o homem. – Eu acho que não duro tanto.

Mas afinal duraram e sobreviveram os dois com boa saúde. À medida que se aproximava o limite da idade, era grande o anseio por tio Malhão deixar de fazer descontos para a Segurança Social e de, finalmente, começar a ver o proveito de tão longo investimento.

– Se há trinta anos a gente tivesse adivinhado...
– O quê? - perguntou o homem.
– Termos feitos ambos descontos. Olha agora o dinheirão que recebíamos!

– Pois, mas ninguém adivinha.

Estava expectante e ávido por receber a reforma – ansiava por ela como o cuco pela primavera –, mas ela não vem alterar o seu modo de vida, nem sequer a vai gozar, pois será toda para depositar no Banco.

No dia seguinte depois do recebimento do primeiro mês de pensão, levanta-se cedo para desougar o gado e, depois de tomar uma bucha, tapa na poça de Novás a água à terra de ferranha e acompanha, inquieto, a água que corre ao longo dos regos, e sem saber se a ferranha que ali vai medrar deve ser manducada pela velha jugada de vacas ou antes por uma junta de novas novilhas que renovarão a manada envelhecida. Decide-se pelas bezerras e, quando de novo regressa à terra, passado um mês, já é na companhia de duas mimosas bezerras, ambas de sonoras campainhas adornadas, as quais trata diligentemente e às quais dedicará muita atenção.

No final do dia, a ceia será como de costume, frugal; e ao escurecer, quando se esperava que iria descansar, feliz com a sua sorte, dá sinais de inquietação, até que confessa à mulher que lhe apetece ir ao lameiro:

– Bem, estou capaz de ir tapar a água ao lameiro de Porto Barriga. Anteontem o maldito Mil Homens ficou atrás e tapou-a para o dele. O diabo parece que dorme na tornada.

– Não vás tapar hoje a água – respondeu tia Maria dos Cabanais.
– Com a chuva que tem caído, o lameiro anda bem limado.

– Isso é o que dizem os mandriões, mas no verão a erva dos lameiros que foram limados no inverno conhece-se bem! – afirma ele e, soerguendo energicamente a sachola, de capucha na cabeça, parte como quem já vai atrasado.

Cruza furtivamente a aldeia, abrigado pela escuridão, com uma capucha sobre a cabeça e uma orla a encobrir-lhe ligeiramente o rosto. Vai tapar a água ao lameiro de Porto Barriga com a sachola debaixo do braço, na esperança de ficar atrás de todos os outros tapadores, e não quer ser reconhecido.

Na calada da noite, quando as corujas pipiam nos carvalhos, em torno das tornadas dos lameiros trava-se uma luta renhida e silenciosa pelo controlo da água. Com frequência, os torrões e as pedras que

bloqueiam a água são deslocados com as mãos e não com a sachola para que o soar do metal nas pedras não denuncie a presença do herdeiro que tapa a água. Mesmo que chova a cântaros, a água que corre nas presas nunca chega para todos!

Passados alguns anos, em pleno inverno, quando a chuva puxada a vento fustiga impiedosamente o planalto, e o frio e seco vento da manhã lhe enregela os membros até aos ossos, diz o velho lavrador que vai vender o gado, pois a sua idade já não lhe permite andar atrás do rabo das vacas e que, por causa do reumatismo, não tem saúde. Mas, chegada a primavera, quando o sol radioso aquece a terra húmida e a natureza barrosa se renova, despertada de uma longa letargia, diz o mesmo lavrador, revigorado:

– Oh! Não vendo. E quem comia a erva dos lameiros? Pois ainda vão òs lameiros mais um ano e na Feira dos Santos vendo-as.

No inverno seguinte o lavrador dirá o mesmo, na primavera também. Ele quer separar-se da propriedade e da beleza dos seus animais, pois as pernas já fraquejam, as forças já se esgotaram, mas não consegue.

E de nada servem as contínuas solicitações dos compadres:

– Venda as vacas, homem! O rendimento que delas tira é quase nulo. Isso era antigamente, que a miséria era muita! – replicou a comadre para o demover.

– Olhe prò tio Redondo que vendeu as dele e agora vive melhor – acrescentou a comadre.

E de nada servem os insistentes convites à desistência por parte dos filhos emigrantes, em trânsito pela aldeia no mês de agosto. Aproveitando a permanência deles na aldeia, o velho pai pediu encarecidamente que ajudassem a segar os lameiros e a meter o feno ao palheiro, mas os filhos em férias repeliram o convite.

– Ó pai, para qu' anda a arrastar as pernas por esses caminhos fora e a obrigar a mãe a fazer o mesmo? Precisa disso p'ra viver? – argumentou o filho.

– Era compreensível se ainda estivesse a fazer descontos prà Segurança Social – argumentou a filha. – Mas não é o caso. Há um tempo para trabalhar e outro para descansar. Agora deve descansar.

– Vendo as vacas e depois com que me entretenho?

De França queriam mandar-lhe dinheiro em troca da renúncia à vida de lavrador e como forma de indemnizar os prejuízos que a venda do gado trazia à sua psique e bem-estar. Mas ele recusou.

– Guardai-o p’ra vós e poupai-o, que boa falta vos há de fazer. Para mim tenho que chegue e ainda hei de deixar prò funeral.

Por esta altura, quando as pernas lhe ficaram mais pesadas, tio Malhão começou a cismar na morte e a preocupar-se em vida com a preparação do seu funeral. Ele tinha consciência de que ninguém anda neste mundo para sempre e até costumava dizer que, com a sua idade, já o seu pai e a sua mãe tinham morrido há muito. E depois asseverava que a morte não chega por rol de igreja, mas se chegasse, a dele não andaria longe, pois com 83 anos era das pessoas mais velhas da aldeia.

Preocupando-se com o fim da sua vida e não querendo deixar o seu funeral em mãos alheias, tio Malhão começou por comprar a um construtor civil a pedra tumular. Escolheu uma lápide de pedra da região e sobre ela mandou gravar uma grande cruz e um pequeno e singelo epitáfio:

Aqui jaz António Alfaiate Malhão, filho de Manuel Pereira Malhão e de Ana Francisco Alfaiate. Nasceu a 12 de abril de 1920 e faleceu a ...

Não podendo prever a data da sua morte, pois ninguém sabe quando ela lhe bate à porta, apesar de saber que chegará (daí o provérbio «Morte certa, hora incerta»), deixou um espaço em branco para mais tarde ser completado pelos filhos. O epitáfio terminava com um «*Paz à sua alma*».

Comprou fato completo, que há de ser a sua mortalha: sapatos e meias, roupa interior, ceroulas, casaco e colete, gravata e camisa. É novo, é a melhor roupa que tem e nunca foi usado. Com o morto também vai a melhor roupa para a cova.

Quando certo dia de agosto mostrava aos filhos, de passagem pela aldeia, o fato que será a sua mortalha, um deles não se conteve:

– Ó pai, mas p’ra que comprou ceroulas?

– Julga que vai morrer no inverno? – interpelou a filha.

Todos riram para espantar os receios da morte.

Também deixou testamento público e nele escriturado os bens que lega ao filho mais novo e as obrigações que ele terá de cumprir para deles ser merecedor:

Foi dito que por este instrumento fazem o seu testamento e deixam ao filho António Malhão, maior e solteiro, o terço dos bens com a obrigação de lhe mandar fazer o seu enterro católico e o de sua mulher em harmonia com o uso e costume da sua freguesia e sufragar-lhes as almas com quatro trintários de missas e quatro missas de tenção, pois são católicos e sempre têm crido e

creem em tudo quanto ensina e manda crer a santa religião. Desta viveram e nesta crença querem continuar a viver e morrer quando Deus quiser...

Quando chegar o seu dia, morrerá de consciência tranquila e feliz, não só pela vida de liberdade que teve – pois foi sempre dono de si próprio, levantando-se e deitando-se quando queria e sem nunca estar na dependência de um patrão –, mas também pela vida longa e de saúde física e mental.

Gosta de ser velado em casa e não na capela mortuária. As obras há pouco realizadas em sua casa não foram feitas para viver com mais conforto – se assim fosse, já as teria feito há muito –, mas para morrer melhor: para que no dia do seu velório, aconteça ele quando acontecer, seja velado em casa condigna. E para que a vizinhança não o murmure, dizendo: «Olha onde ele vivia! Também não sei o que fez ao dinheiro d' uma vida, na casa não o gastou. Deixou-lhe o pai a casa e o terço e ele não pregou nela um prego nem lhe pôs uma telha»; mas diga antes: «Sim senhor. O tio Malhão tem aqui uma boa casa. Era uma pessoa muito boa e muito trabalhadora. Dos filhos de seu pai foi ele o melhor».

O maior encanto que se pode dar a um defunto e a seus familiares é justamente louvá-lo quando está a ser velado, como se ele estivesse a ouvir. Isso traz garbo aos vivos e parece trazer ao morto grande conforto.



XVII. A ALDEIA: LUGAR IDEAL PARA MORRER

Depois de tio Lázaro, já de idade avançada, ficar viúvo, os filhos emigrantes acordaram entre si que o pai idoso não poderia ficar sozinho em casa. Com aquela idade em que as pessoas voltam a ser crianças e a depender de outrem para sobreviver, deixá-lo sozinho em casa seria condená-lo a uma existência miserável. Por isso os filhos diligentes decidiram que o pai deveria partir com eles para Paris.

– Pois é, senhor pai: durante muito tempo cuidou você de nós e agora nós retribuímos cuidando de si – replicou a filha Matilde. – Está decidido. Vai connosco para Paris.

– O lar seria um bom sítio para passar a sua velhice, mas para lá o senhor não quer ir! – inquiriu a Ricardina. – A última vez que lá estive não deu para aquecer o lugar. Disse que ia às Finanças confirmar o artigo de um terreno e nunca mais voltou.

Ti Lázaro suplica, barafusta, maldiz a sua sorte e recusa categoricamente:

– Prà França? Só se for morto!

Mas, fruto da astúcia, lá conseguiram separá-lo do torrão natal e levá-lo para a Cidade Luz, num dia de domingo em que lhe apetecera dar um grande passeio de carro e ver campos agrícolas.

– Se gosta de dar um passeio e ver grandes terras de lavoura, domingo, depois da missa, fazemos-lhe a vontade – respondeu a Ricardina.

– Vai ver grandes terras, onde um arado, puxada por uma boa junta de vacas, é capaz de tirar um rego de um quilómetro sem que o ferro do arado toque numa pedra – replicou o filho Artur, certo de que com esta explicação o pai idoso não oporia resistência.

– Ali não se precisa de lavrar até às paredes, porque terra não falta, nem de praticar uma lavoura de jardim, como a sua.

– Ah! Esses é que são terrenos! Quem me dera!

Na grande cidade, em tudo diferente do espaço rural e minúscula da aldeia, rapidamente fica melancólico, depressivo e parece desistir de viver. A monótona visão que contempla da janela do apartamento não o conforta. Daí apenas observa a fantasmagórica visão de uns prédios em frente e o espectro de pessoas e carros que se agitam apressados na rua como formigas.

Enquanto os dedos percorrem as contas do rosário gasto e os seus olhos, defronte da janela, se fixam no vazio, o seu pensamento vai para os lameiros verdes da aldeia, limados por torrente caudalosa que corria ao longo dos regos, para a frescura das carvalhas, à sombra das quais bebericava vinho fresco, e para a visão dos batatais em flor, qual jardim florido, que lhe fartavam os olhos de contentamento. Carente da lareira, onde a lenha de carvalho, ardendo sem cessar, fornecia vivas brasas que ele esborralhava, carente do cumprimento que todos os dias recebia dos vizinhos e da amizade e beleza do seu gado, que para ser gente só lhe faltava falar, logo começa a definhar como o feno dos lameiros segado no mês de S. João.

À hora da refeição, diz-lhe a filha Matilde:

– Então não come, senhor pai? Você não come nada!

– Mas não me apetece. Tenho falta d’ apetite. As batatas não sei a que sabem e a água parece lixívia.

– Coma ao menos a carne! E olhe o pão que branco é. Nunca comeu pão tão branco!

Mas os alimentos não lhe reconfortam o corpo, nem lhe dão alento ao espírito abalado e depressivo. Levanta-se da mesa a tremelicar e vai sentar-se no fundo do sofá, amorrinhado, a cismar com os terrenos que ficaram a monte ou são pastados pelos vizinhos:

– Ah maldito!

– Oh! Deixe lá os terrenos, que não os come o lobo nem ninguém s’ apropriada deles! E amanhã vamos ao médico. Assim é que não pode andar – disse a Matilde para o confortar.

– Eu tenho cá as minhas desconfianças...

– De quem?

– Do Lameirão. Do Zé Bicho, não, mas do Lameirão... É homem muito maligno.

– E pensa que lhe vai ficar com o lameiro? Os terrenos são de quem lhes paga a contribuição e de quem tem o registo deles. Os seus estão bem seguros no Registo Predial.

– Mas como ele pasta o lameiro de Tralhoás, com o tempo pode vir a adquirir o direito de posse.

– Fique descansado que daí não vem mal nenhum, e quanto aos que estão a monte, olhe que a qualquer altura uma terra a monte pode dar batatas e centeio. Basta lavrá-la com o trator e estercá-la bem. Os terrenos nunca deixam de voltar a dar o fruto que já deram.

– Olhe as Várzeas do Matias – continuou a Ricardina. – Estiveram mais de dez anos a monte, nelas cresceram as silvas e medraram as giestas e, no entanto, bastou agricultá-las para de lá colher as melhores batatas de sempre. Os sacos eram juntos!

Desligado do seu espaço natural, a que tão intimamente estava unido e ao qual o ligavam sentimentos tão fortes, a figura dele parece a candeia quase a apagar-se, o coto da vela quase no fim. A sua existência está presa por um fio.

Então, os mesmos diligentes filhos decidem agora, seis anos e meio depois, em plena primavera, fazer o caminho de volta e devolver o pai idoso à casa onde sempre viveu e ao espaço natural da aldeia de onde nunca havia saído. Devolvê-lo à aldeia é dar-lhe vida.

– Eu acho que ele não dura até ao verão – afirmou a Matilde.

– Levar por levar é melhor levá-lo enquanto está vivo – argumentou o Artur. – Enquanto está vivo, é fácil; depois de morto são mil e uma burocracias...

– Quem lucra com a morte dele e com a de todos os barrosões em França é o Beto Cápsula, esse maldito cangalheiro que leva um dinheirão para fazer o transporte do corpo para Portugal.

E num dia soalheiro de abril, pela Páscoa, chega o idoso pai à aldeia onde sempre viveu e de onde nunca deveria ter saído. É seu último desejo passar ali os derradeiros dias de vida e, quando Deus o chamar, ser enterrado no cemitério, depois de receber as exéquias fúnebres de acordo com o rito da religião que sempre professou.

No dia seguinte, tio Lázaro, saudoso da ausência, faz um passeio pela aldeia deserta e moribunda, povoada por poucos e idosos habitantes, prestes a finarem-se e que se movimentam como mortos-vivos por ruas sujas e por entre os escombros de casas caídas. Afinal, estão no sítio certo, pois a aldeia é o melhor lugar para morrer e descansar em paz.

Pela abundância de casas em ruínas e a ausência de pessoas, a aldeia parece ter sofrido um processo de bombardeamento. Ou então parece que, sujeita a esbulhos e pilhagens, passou por ela uma horda

de saqueadores, ou ainda que foi tocada pela peste. Não há um grito, um riso, pelo menos o choro de uma criança. Há apenas um silêncio profundo, um silêncio que incomoda, simplesmente perturbado pelo badalar de chocalhos e campainhas de gado que pastam num lameiro próximo e pelo som natural de água corrente. De vez em quando o ruído estridente do relógio da torre da igreja, o qual em aldeia vazia parece tocar mais alto, atordoia a aldeia.

Foi preciso cruzar quase toda a aldeia para se deparar com uma alma viva: é a tia Penca que sai da penumbra da sua casa de capa pelas costas, apoiada em dois cajados, cada um em sua mão, e se dirige de passo lento para o outro lado da rua para se aquecer ao sol intermitente. Está muito esquecida e não reconheceu o vizinho, há bastante tempo ausente.

– Ai se viesse por aí o sol! – asseverou alto para esperar daquele forasteiro desconhecido uma resposta.

– Nunca mais chega o sol a sério, tia Penca – respondeu ele, retrocedendo caminho.

– Ainda hoje de manhã estava tudo branquinho com a geadinha. Parecia que tinha nevado.

– Mas olhe que na França é pior. Lá nem no verão tiro o casaco, ao passo que aqui, no verão, é a primeira coisa a fazer.

– É o tio Lázaro?

– Sou sim senhora. Então já não me conhece? Como tem passado?

– Não se importa de repetir? É que eu agora ouço mal.

– Sou o Lázaro, sim senhora. Como tem passado? – repetiu ele junto aos ouvidos.

– Nada bem, ti Lázaro, nada bem. Uma maldita trombose... – retorquiu no momento em que os raios de sol, bloqueados pelas nuvens, apagaram o brilho que no olhar cintilava. – E vossemecê como tem passado?

– Hoje estou melhor, mas olhe que ainda há dias, em França, me sentia bem adoentado.

Desce a rua da Cachoeira. Há paredes quase a esbarrandarem-se e uma corte bojuda como se fosse estourar. Numa travessa estreita passou depressa com medo que a parede torta lhe caísse em cima: «Eh, tem-te não caias!», disse ele enquanto corria e olhava de soslaio. Há casas esventradas onde cresce selvaticamente a vegetação: sabugueiros, silvas e urtigas. Espaços, outrora conquistados à

natureza, são agora devolvidos. Sob um combarro de madeira, fios de fardos de feno estirados suportam roupa a secar. Umhas peças estão mais rotas do que outras. Na única janela de um velho sobrado, um plástico no lugar da vidraça. Se um vidro parte, substitui-se por um plástico; se uma telha parte, põe-se um caldeiro por baixo; se uma parede de granito sucumbe, tapa-se com blocos de cimento. Impera o mau gosto. Uma beira de colmo, onde no final da primavera crescem pernadas de centeio, há muito tempo descolmada, afunda-se com o peso dos guarda-ventos deslocados.

Chega ao largo do Eiró, o centro da aldeia, onde idosos aguardam pela chegada do sol. No verão sentam-se sobre lajes de pedra tépidas viradas a norte, mas no inverno ou na intermitente primavera, como «quem se sinta na pedra três vezes arrenega», acham mais macio um longo tronco de carvalho apontado a sul. Ao lado, as muletas e bengalas – e já não as sacholas ou varas de pastor – a que se encostam. Saúda-os. Eles reagem ao cumprimento com dificuldade:

– Olha o ti Lázaro que veio passar a Páscoa – retorquiu o Croço. – Então como tem passado o homem?

– Sempre a desandar, ti Croço. As forças são cada vez menos. Cá andamos entrementes Deus quer!

– E acha que nós estamos melhores, ti Lázaro? – inquiriu a Maria Carvalheira. – Aqui toda a gente está de pés para a cova.

– Nós agora é sempre p’ra baixo! – rematou o Curralejo.

– Então o homem veio passar a Páscoa?

– Não, tio Cartola, vim de vez. Rai’s partam a França e *mai-los* franceses!

Um cão ensonado abana a cauda sem virar a cabeça. Paira uma imensa tristeza sobre aquelas almas amarguradas, acabrunhadas e tanto pacientes dos males da alma como dos do corpo. Todos eles estão no limite das suas forças. O dono da beira de colmo, ali ao lado, disse que não mais seria colmada: «Agora não há colmos». Um outro ancião também confessou que era o último ano que segava os lameiros e que não mais se importaria que eles deem giestas e silvas: «Eu e a mulher já não podemos. Os filhos que lhes seguem o feno que são novos». Um terceiro asseverou que era o derradeiro ano que tinha vacas: «Na Feira dos Santos ponho-as na feira».

Prossegue pela rua da Retorta, onde há telhados que abateram – e nada desfigura mais a aldeia do que o colapso dos telhados – e casas que, para não caírem, foram sujeitas a obras apressadas de

requalificação que as desqualificaram e descaracterizaram. Tudo foi feito ao deus-dará, cada um obrou como quis, nenhuma autoridade os incomodou e os habitantes deram largas à sua perversa imaginação e mau gosto. A meio da rua, um automóvel com a chave na ignição estacionado e na eira ao lado pasta um burro velho e lazarento. Numa das portas não há onde pôr mais um remendo. Chaves, grandes chaves de ferro, nas portas, bosteiras frescas nas ruas e uma chaminé que fumega. Há portas abertas e cancelas fechadas, e velhos que, surpresos, observam o recém-chegado da penumbra de suas casas ou dos janelos como fantasmas e o fixam discretamente ao passar, abertamente depois de ter virado costas, sem estarem certos de quem seja.

– Oh raios! Será o Lázaro que veio passar a Páscoa? – perguntou ao homem a Maria dos Remédios, quando, na azáfama da descida do fumeiro, limpava com um pano uma orelheira coberta de negrume e que iria fartar a refeição do dia seguinte.

– Ele parece – respondeu ti Grilo ao cortar o fio de um lareiro de chouriças, que as fixava à vara comprida. Cortado o fim em muitos pontos, logo as chouriças caíram por gravidade em cima do escano. – Mas os filhos costumam vir no agosto e não na Páscoa.

– Só se veio para ficar – retorquiu a mulher. – Com certeza não se deu bem em França.

Sobe a rua do Calvário. No cimo da rua uma mulher grita energicamente pela galinha foragida como se ela fosse surda: «Pi-pi, pi-pi... Pila, pila, pila». Há canastros torcidos e anciãos derreados que torcem para o mesmo lado. São velhos que já não acompanham o gado. Quando se zangam com ele e o querem escarmentar, mandam-lhe a vara de rebole e atiram-lhe maldições, pois já não têm pernas para o perseguir. Um burro, carregado com um molho de couves, amparado pela sua dona para não cair, avança rápido com o molho e com a dona, que, não tendo pernas para o acompanhar, se agarra à albarda.

– Olá, boa tarde, tia Ana.

– Venha com Deus, ti Lázaro. Seja bem aparecido.

Um poço derrubado e quase atulhado com lixo e terra; a fonte, outrora sacralizada por uma cruz no topo, está cheia de lodo e já não tem cruz, existindo apenas o nicho onde ela assentava; um fontanário belíssimo encontra-se mutilado.

Por uma rua que parte do largo das Quintães, segue uma patroa que transporta numa mão o balde da ração para os bezerros, na outra mão, parte de um fardo de feno. Noutra rua segue um lavrador que leva a beber ao poço a vaca recém-parida. Tio Lázaro segue pela terceira rua que vai ter à sua casa da Corredoura, que em tempos serviu de corte a parte inferior e a superior serviu de sobrado. Sobe as escadas de pedra gastas pelas cardas de inúmeros pares de socos ao longo de inúmeros anos, corre o fecho de madeira e abre uma porta revestida a folha de zinco revirada no fundo. Os gonzos enferrujados rangem e entra no sobrado que ainda não ruiu. O soalho irregular e movediço chia, assustador, e verga à medida que avança, sem medo que a fadiga de alguma tábua o atire à corte.

– Santo Deus! Como as coisas se degradam quando não são estimadas!

No teto, repleto de teias de aranha, a entrada da claridade denuncia a presença de um buraco e, por baixo, um balde de latão a transbordar de água confirma aquela suspeita. Esvazia o balde. Sobre os tirantes jaz um arado de pau e, encostadas a uma parede, duas caixas de centeio enegrecidas pelo tempo. A um canto, objetos envelhecidos e arcaicos: uma colmadeira, um serrão, uma dobadoira e um malho. Nas paredes laterais, de um lado, paus espetados apoiam um temoeiro, uma molhelha e uma capa de burel; do outro lado, está fixada à parede, apoiada em paus, uma escada de madeira. Já não há janela. Fardos de palha encavalitados no parapeito protegem o sobrado do rigor dos elementos e deixam entrever por uma frincha uma mulher que percorre a rua com uma gabela de nabos: é a sua colheita da tarde.

– Só o próprio é que estima os seus bens! – desabafou com amargura. – Quem usufrui deles, mesmo a título gracioso, nem o balde da água que cai do teto esvazia.

No fundo do povo, entra no recinto da antiga escola e, de seguida, no alpendre. É a escola primária onde os seus filhos fizeram a quarta classe. Há grafites escritos a carvão. Um deles afirma: «Eu estive aqui». Outro confessa: «Onde estiveres, Maria, aí estará o teu Manel». Os portões férreos estão abertos e enferrujados. Quando há muito vento batem e são assustadores. Nota-se bem que já não há crianças há muito tempo. Vestígios de crianças só uma estrela na pontinha de um vidro, o resto de uma cartolina com uma paisagem rural deprimida e duas minúsculas carteiras que, em tempo de eleições, apoiam unidas uma urna negra. O recreio, onde inúmeras crianças brincaram e devem

ter sido felizes, jogando à bola repartidas por duas equipas: os do rego de cima contra os do rego de baixo, voltou a ser lameiro e a ser pastado por um rebanho.

Mas quando abandonava o local e, de cima, viu o espectro da escola abandonada, o lugar onde haviam estudado os seus filhos, comoveu-se de tal forma que, tal como Cristo a chorar sobre Jerusalém, derramou copiosas lágrimas. Por isso, de olhos entumecidos e espírito ferido, divagou pela aldeia sem destino.

Numa encruzilhada deixou-se guiar por um burro peado. O dono manco não seria capaz de o cavalgar, se não refreasse a sua rebeldia com uma peia de cabedal. Enquanto o burro seguia o seu percurso a cambalear, imitando o andar sofrido do dono, tio Lázaro parou frente a uma casa de lavoura em ruínas. Era a casa do Morgado, agora escangalhada e entregue à ruína, mas outrora afamada e conhecida fora da freguesia.

– Meu Deus! Se o velho Morgado fosse vivo... Foi a França que provocou tal ruína.

Entra no pátio. As atividades do passado ecoam por toda a parte. O antigo carro das vacas jaz desmontado a um canto: o chedeiro está encostado à parede na horizontal e o eixo ao alto, servindo uma roda de base e a outra de apoio ao antigo balde da ração. Na ranhura do rodado equilibra-se mal um gadanho enferrujado. No fundo do pátio, apoiada em estadulhos cravados na parede, jaz uma escada e, por baixo, uma zorra. Um dos estadulhos também suporta uma corda apanhada. As pias onde os porcos comiam, uma esculpida na rocha, de pedra amovível a outra, jazem no mesmo sítio. Uma lâmpada fundida encravada num buraco é o único vestígio de modernidade.

A corte soturna, onde já foram alojados quatro vacas, tem agora como inquilinos o gado de um vizinho: o burro russo, de pelo comprido, e algumas ovelhas. Para matarem o tempo da longa permanência na corte, distraem-se ora consumindo o alimento que o seu dono deposita no presel e no caniço, ora espiando a rua. Quando ouvem o estrépito de alguém a aproximar-se, metem os focinhos húmidos nos buracos da porta, por onde penetram pedaços de claridade, contraem as narinas e daí sondam a rua que sobe.

No sobrado, as caixas de madeira, que outrora albergavam o enxoval, estão vazias. A sua dona, consciente do seu valor, transferiu-o para lugar seguro e seco e não quis que ficasse maculado pela humidade ou que fosse pasto para ratos e insetos ou ainda que sofresse

as duras consequências do desmoronamento. Ao lado, a robusta caixa do pão, de carvalho, resistira bem à passagem do tempo. É enorme, descomunal, para alimentar os muitos filhos e fazer face ao inverno e aos longos intervalos com que o dono cozia. Pão nunca devia ter faltado na casa do Morgado!

Por cima dos tirantes jaz um serrão esquecido, e na soleira da janela há lâminas de barbear e um espelho partido dependurado. Era ali, no sítio mais iluminado, junto à janela, que o antigo dono se barbeava aos sábados. Se o espelho partisse, ele praguejava e lamentava a grande perda, servia-se do pedaço maior e atirava os pequenos à rua. Se o pedaço maior voltasse a partir, ele voltava a fazer o mesmo.

Lá de dentro, ouviu o estrépito de botas a arrastar na calçada que se aproximam e, abeirando-se da janela, viu passar na rua, a coxear, um ancião.

– Se é o ti João Samarra, como parece, está bem acabado! – disse para consigo. – O inexorável tempo por todos passa e deixa mazelas irreparáveis – disse ele, depois de se ter mirado ao fragmento de espelho, pousado no parapeito de uma janela.

Tio João transporta numa mão ração no balde que já foi de tinta e na outra mão a grande chave do palheiro. No largo da rua, ornamentada por umas alminhas, descobriu a cabeça em sinal de respeito, balbuciu uma curta oração pelas almas do Purgatório e lá seguiu.

Parece que aquela morada foi abandonada à pressa, pois há objetos completamente deslocados: um pote a um canto do sobrado sem uma perna e sem testro; um jugo vermelho envolto em sogas a um canto da despensa; um velho ferro de engomar a brasas no nicho da parede da corte; um par de molhelhas roídas e uma pipa desfragmentada a um canto da varanda.

A voz do vento entra em todos os lados e assobia ao passar, forçado, pelas friestas. Uma portada de madeira, impelida pelo vento, bate assustadora e quebra o silêncio da tarde.

Saiu pela porta das traseiras que dá para a Rua de Trás e avançou alguns metros. Uma rajada de vento frio provoca-lhe calafrios, compele-o a aconchegar ainda mais o casaco ao corpo e o desconforto obrigou-o a retroceder. Quando dava meia volta, uma porta entreaberta ao nível da rua despertou a sua curiosidade. Olhou e viu lá dentro um velho acamado.

– Ó diabo! É a casa do Tintureiro, mas qual dos membros do casal é o que jaz entravado na cama?

Entrou na rua da Fonte Fria. Aparece primeiro uma belíssima fonte, onde se detém para se refrescar. E quando se erguia, saciado pela bebida e disposto a louvar a frescura de tão cristalino líquido que igual não há no sítio de onde veio, Paris, viu mesmo ali ao lado, todo de granito o forno do povo, lugar de cozedura do pão e pernoita de mendigos.

É uma construção feita à prova de fogo. As robustas paredes, fortalecidas pelos contrafortes, são sólidas para aguentarem o lajedo de pedra. Entrou, saudoso do tempo em que lá cozia pão. Apesar das humidades que descem do teto, não se vislumbra para já o desmoronamento.

No exterior, a um lado da porta de entrada, há uma pia onde eram mergulhados os vasculhos sobreaquecidos que limpavam a fornalha; do outro, uma pedra cravada na parede e saliente servia para as pessoas que transportavam a massa levedada da cozinha para o forno pousarem os pesados cestos e aliviarem as costas! Por vezes, o alívio do dorso era acompanhado de uma imprecação: «Rai's partam o cesto, que pesado! Quem me dera que o meu dinheiro pesasse tanto!»

Lá dentro, destaca-se o enorme tendal onde, sobre palha eram estendidos lençóis de linho e sobre estes, depois de polvilhados com farinha, era estendida e moldada a massa. Quando eram vários os vizinhos a cozer em simultâneo, as mulheres faziam sinais diferentes ao seu pão: uma usava a travessa dos cabelos, outra espetava um trocho, outra não usava nada. As pedras da fornalha, brancas por terem sido sobreaquecidas inúmeras vezes, contrastam com a negrura da ampla câmara do forno, terrivelmente enegrecida e em terra batida, onde decorria todo o labor rural.

Ali, depois de metido o pão ao forno e de o lavrador ter feito uma cruz com a grande pá na boca do forno, foi rezada inúmeras vezes esta oração em forma de oitava rimada:

*Cresça o pão no forno
E a graça de Deus pelo mundo todo
E as fazendas de seus donos.
Que nós a comer
E ele a crescer
Não o possamos vencer.
Reze quem quiser e puder
Um Padre-Nosso pelas almas.*

E na cozinha do morador, depois de a massa ter sido colocada em cestos envoltos em lençóis de linho e de a dona ter feito uma cruz sobre a massa para que, abençoada, o processo de levedura fosse concretizado, era rezada estoutra:

*S. Mamede te levede
S. Vicente te acrescente
S. João faça bom pão
O Senhor te cubra de bênção
E te ponha a virtude
Que eu da minha parte
Fiz o que pude.
Pelo poder da Virgem Maria,
Um Padre-Nosso e uma Avé-Maria.*

Em toda a decadência da aldeia, a igreja é aquela que mais se tem aguentado e a menos descaracterizada. O cemitério é sem dúvida o que mais floresce. A mais recente obra da aldeia, que trouxe algum alívio aos vivos, foi justamente o seu alargamento.

As sombras dos fins de tarde descem céleres e cobrem a aldeia com o seu manto negro. À noite já só há uma dúzia de casas iluminadas por luzes pardas quase a apagarem-se e habitadas por velhos e inválidos, moradores de aldeias que não desapareceram, mas sobrevivem como cultura diminuída.

No entanto, quem busca um lugar para morrer, como o tio Lázaro e os idosos que ele encontrou, a aldeia, bem identificada com a velhice e já não com a infância como antigamente, acaba por ser o lugar ideal; e aquele cemitério alargado ainda é o melhor poiso para um descanso eterno.



GLOSSÁRIO

Água-de-pão: refeição matinal feita de pão duro amolecido em água quente com pingo de porco a adubar.

Almalha: o mesmo que novilha; vaca jovem e, geralmente, ainda não amestrada.

Ameroucar (a messe): pôr os molhos na meda, quer na terra, quer na eira.

Amorrinhado: enfraquecido, alquebrado.

Arrenúncia: renúncia ao jogo pela prática de fraude.

Barra: amplo compartimento geralmente sobre traves, que servia para guardar lenha, feno, palha ou palha de milho (cf. barraco).

Beira: cobertura de casa com palha; opõe-se a telhado (cobertura com telha).

Betónica: planta da família das labiadas, de cheiro agradável, usado como purgativo no gado ou nas pessoas. É considerada a planta das plantas.

Biqueiro: abertura na parede de prédio, em forma de bico (triângulo investido), para poder entrar ou sair. Também há o biqueiro largo para o carro das vacas entrar e sair.

Bosteira: excremento de bovino.

Bruar: mugir ou ornear do boi em sinal de desafio. Embora o bruar possa ocorrer nas vacas, é muito mais comum no boi em momentos de tensão, como as chegadas.

Cabaneiro: os mais pobres dos aldeões que dispunham de bens muito limitados como a pobre casa, horta, porco e algumas galinhas.

Calhatreira: com calhatras (imundície no corpo) nos quartos, resultado de camas insalubres.

Calhatroso: imundo nas roupas e sem higiene. Tanto pode ser aplicado aos animais como às pessoas.

Canelha ou calhelha: quelha, viela, surreira.

Canço: presel, ou manjedoura, feito de ramos de árvore de onde come o gado caprino, no meio da corte. Geralmente, estava suspenso por cordas a um tirante no meio da corte.

Canhoto: base do tronco de árvore, geralmente com raízes.

Carpins: peúgas grosseiras para homem feitas de lã.

Chamador: aquele que conduz a jugada de vacas apostas ao carro e por isso vai à sua frente.

Chedas: ver “chedeiro”.

Chedeiro: parte principal do carro das vacas, que suporta a carga; tem como estrutura principal duas chedas formadas por barrotes compridos (cerca de 5 metros).

Chega (de bois): lide.

Chocolateira: o mesmo que chaleira; recipiente para ferver água.

Chumaços: parte do carro de bois em que rompe o *eixe* e, portanto, onde ele chia. Quanto mais pesada é a carga, mais ele chia.

Chupão: pequena estrutura localizada na cozinha destinada à extração do fumo; o lume ardia debaixo dele.

Colmadeira: placa de cortiça com cabo de pau que serve para aplainar a beira ou ajustar o colmo na beira de palha.

Corte: curral onde dormem os animais, muitas vezes por baixo das casas de habitação.

Colmar: aplicar o colmo (de centeio) na beira.

Colmo: o melhor talo de centeio que, durante a malhada, era apartado, formando molhos, que mais tarde serviam para cobrir uma habitação.

Conto: mil escudos na moeda antiga.

Cortelho: pequena corte para animais de pequeno porte.

Cremalheira: corrente presa a um tirante, sobre a lareira, onde era dependurado o pote, o balde metálico ou a caldeira.

Croça: capa primitiva feita de juncos.

Cuada: remendo nas calças, geralmente no traseiro.

Cuincha: grunhido do porco.

Desapor: separar o carro dos bois do jugo, desatando o temoeiro.

Descolmar: o contrário de colmar (aplicar o talo de centeio na cobertura de uma habitação) a beira.

Deslombada: decaída, derreada.

Desougar: servir a refeição matinal ao gado.

Emmedar: pôr os molhos de cereal em meda, quer na terra de centeio depois da ceifa, quer mais tarde na eira.

Endez: ovo para atrair as galinhas ao ninho.

Enludrada: badalhocia.

Esbarrondar-se: desmoronar-se.

Escano: banco comprido e rebuscado, que adornava a cozinha. Os mais formais possuíam mesa para tomar a refeição, que se podia erguer e descer.

Estadulho: pau grosso para amparar a carga no carro dos bois.

Fachuco: pequeno molho ou facho (feixe) de feno ou palha.

Farrapeira: manta feita no tear a partir de farrapos. Era uma forma de reciclar roupa velha.

Fazenda: conjunto de animais domésticos, que fazem a riqueza do lavrador.

Ferranchos: ferros oxidados.

Ferranhas: centeio verde e ainda pouco crescido que serve para pasto dos animais.

Frechal: divisória de tábuas de madeira, precária e fina.

Gabela: molho ou feixe transportado nos braços e sem vincelho.

Gadinho: rês jovem (cabritos, anhos); diminutivo de gado.

Gamelo: gamela para os animais domésticos comerem.

Gramalheira: o mesmo que “cremalheira”.

Guicho: haste ou talo vegetal (de abrótega, urzeira...) que nos tempos antigos era usado como facho ou candeia.

Imprar: gemer por causa do esforço físico que se faz.

Jerros: copos.

Jungir: unir ou apor dois animais através da juntura para executarem tarefas agrícolas.

Junta: par de vacas ou de dois.

Juntura: formada por duas molhelhas (nas quais assenta o jugo), pelo jugo de madeira e pelas sogas de cabedal, servia para unir (ou apor) duas vacas que executarão tarefas rurais.

Lapada: pedra lasca.

Louvadores: homens que avaliam os terrenos na altura das partilhas.

Masseira: grande tabuleiro com pernas onde se amassa o pão.

Mesouco: pequeno assento de madeira.

Molhelha: almofada onde assenta o jugo das vacas.

Moreia: monte de lenha destinada a aquecer a casa, achando-se arrumada (de forma melhor ou pior) geralmente em combarro, abrigada da chuva.

Ornear: mugir ou ornear dos bovinos.

Parroqueira: banco de pedra junto à lareira que serve para recolher sob si a cinza, a qual iria mais tarde fertilizar a horta.

Peia: corda ou tira de cabedal que prende a pata da frente à de trás de um animal, geralmente burro, para lhe dificultar a marcha ou o ânimo. Dessa forma, o animal não poderia saltar paredes ou biqueiros e fugir.

Penata: raça de bovinos de coloração preta, corpulência mediana, mas de elevada resistência.

Presel: manjedoura, geralmente feita numa esquina da corte, para ser mais simples.

Quentador: o primeiro a cozer no forno comunitário, depois de alguns dias de interrupção e que, por conseguinte, gastava mais lenha do que os que coziavam a seguir. Por esta razão, o quentador era um cargo rotativo entre os moradores. Imediatamente a seguir coziavam os restantes vizinhos, gastando menos lenha, por o forno ainda estar bastante quente.

Rabeira: parte traseira do carro dos bois, carregado de lenha ou feno.

Rebolheira: borda escarpada e desnivelada dos terrenos agrícolas ou caminhos rurais.

Relha: ferro do arado que abre o sulco.

Reixelos: ovelhas.

Renovo: qualquer produto agrícola que cresce nos campos: messe, milho, batatas...

Rilhado: lameiro pelado por a erva ter sido comida.

Serrão: aumentativo de serra; servia para serrar grandes troncos.

Soga: longa fivela de cabedal para prender o jugo à cornadura dos bois.

Surreira: espaço estrito entre duas casas, por onde corriam as águas pluviais e eram aproveitadas como retretes.

Talisca: pequena fêvera.

Taramelar: o barulho da taramela de pau em contacto com a mó do moinho e a caixa do pão (pirâmide invertida onde o cereal a moer era armazenado).

Taramela: no moinho de água, era a peça de madeira pendente sobre a mó em movimento e que, ligada à caixa piramidal invertida, provoca a queda gradual do cereal no centro da mó.

Tarambolho: pau de madeira, muitas vezes de urze retorcida, ao qual se atam as chaves para não se perderem.

Temoeiro (de timoneiro): sogas robustas que atam o pino do carro ao jugo.

Tendal: parte interior do forno comunitário onde, sobre lençóis de linho, a massa vinda nos cestos era colocada e dividida em pães que em breve seriam metidos na fornalha.

Tirante: vigas de madeira, de parede a parede, com as quais se firma e sustem o madeiramento do teto.

Torgo: raízes de urzes desprovidas de rama.

Tralhas: pequenos regos do lameiro, que partem de regos maiores, por onde corre a água que o vai limar (“tralhar” é o seu verbo).

Treitoiro: cada um dos paus que descem das chedas e dos chumaços e entre os quais se move o eixo do carro dos bois.

Trocho: pau muito pequeno.

Vasculho: feito de giesta, era uma espécie de vassoura com cabo comprido para limpar a cinza do forno e poder meter o pão.

Vincelho: fio ou vegetal para atar o molho de lenha, feno, palha...

Zorra: feita a partir de uma árvore com a forma de Y, servia para transportar sobre si, por arrasto, objetos pesados: pedras, pipas... É forma de transporte primitivo e complementar ao carro das vacas.

